

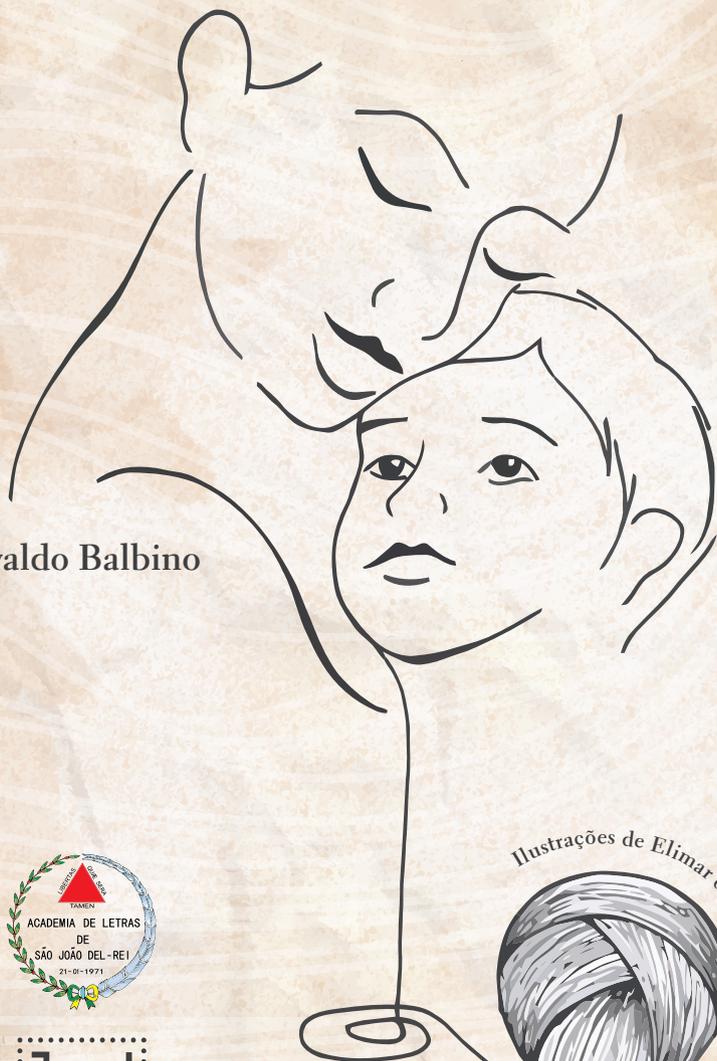
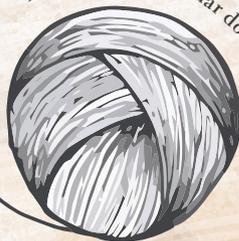
Geografia entre Brumas

Evaldo Balbino



led

Ilustrações de Elimar do Carmo



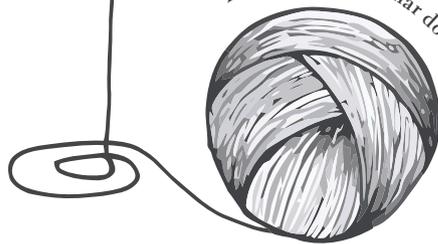
Geografia entre Brumas

Evaldo Balbino



led

Ilustrações de Elimar do Carmo



Sumário

08

Prefácio

14

Geografia
entre brumas

18

Caso do
vestidinho

22

Colchão de
palha e palhas
de feijão

26

Brincadeiras
na roça

32

Letras e
bolhas de
sabão

37

Cavas e
estradas

42

A vida é um
guarda-chuva
aberto

47

As sereias do
córrego da Sá
Bilica

54

O que é do
homem o bicho
não come

58

Por água
abaixo

62

Êxodo

66

A rua descalça

71

Os cinco
corações

76

Mata virgem no
fundo da vida

80

Menino
também brinca
de boneca

84

De espadas
e de heróis

88

O boi não é
marido da
vaca

92

Caminhada
de mãe e
filho

97

Comer o
nome, ler a
comida

101

O despropósito

105

Jardim de
infância

109

Tia Jusceia e
tia Lúcia

113

Tia Turca

117

Dona Eleana

121

O nosso jardim
de Cecília (canto
a quatro vozes)

125

Os ipês sempre
florescem

129

Castelos
de barro

133

Lições
do corpo

137

Fundamentos
em memória

141

Nem só de broa
vive o homem,
mas o milho é rei

145

Glasnost e
Perestroika

149

Minhas pequenas
memórias do
Theatro Municipal

154

Aos mestres,
com carinho!

164

Pra que é que
serve uma canção

168

Voltando sempre
para casa

172

Nós jovens de
vinte anos atrás –
o tempo não para

176

A biblioteca,
a rosa e o povo

180

O pescador de
lembranças

Pouco a pouco conservada pela memória
é a cadeia de todas as impressões inexatas,
em que nada resta do que realmente
sentimos, que constitui para nós nosso
pensamento, nossa vida, a realidade...

Marcel Proust,
O tempo redescoberto

– em tradução de *Lúcia Miguel Pereira*

Pois também aqui, sob a aparência prestimosa dos objetos, a vida é uma febre que torna imprecisa a fronteira entre a realidade e a fantasia. Aqui também a criatura às vezes para, olha, pergunta: o que há?

Paulo Mendes Campos,
O cego de Ipanema



P R E F Á C I O

O construtor das visões de memória e palavra

O texto conhecido como crônica, originalmente limitado ao relato escrito sobre acontecimentos históricos ligados às conquistas da humanidade ao longo dos séculos, estendeu-se como gênero de características literárias a partir do século XIX, notadamente com o desenvolvimento da imprensa e uma mudança de propósitos na produção desse tipo de discurso. Daí então, da observação de fatos impor-

tantes, prosaicos ou miúdos do dia a dia, costumes, impressões e singularidades de que a vida é feita passaram a merecer registros e deles, reflexões e divagações em matérias de jornais, revistas e folhetins além das notícias propriamente.

Entre o jornalístico e o literário situa-se a crônica, categoria textual de grande popularidade no Brasil, alçada à condição de literatura graças especialmente à excelência de sua linguagem poética. De tal afirmação é prova incontestemente a presente obra por tudo o que se pode ver e, principalmente, sentir na leitura prazerosa das páginas desta *Geografia entre brumas*, mapeada com competência por Evaldo Balbino.

A sequência estabelecida pelo cronista na condução de seus escritos já antecipa em texto inicial e homônimo o título escolhido para o todo. Nele o olhar menino e ainda desconhecedor de muitas coisas abarca a Resende Costa dos inícios de vida da criança para quem “o Tijuco era a porta primeira da minha entrada na vila”, e a Várzea, o lugar onde “eu assentei meus pés”. Os dois topônimos usados para uma mesma região da cidade, e os mesmos pés que levavam a brincadeiras pela *Rua descalça* de uma infância sem igual principiada no Ribeirão de Santo Antônio de outrora em que “crianças e adolescentes brincavam de tudo pelas noites da existência rural” (*Brincadeiras na roça*).

E desse existir fluem lembranças que remetem ao assombro da mente infantil pelos casos sempre sabidos de aparições do Cavalo de Três Pernas e da Luz da Pedra (*Cavas e estradas*). Ou remetem ainda ao gosto pelas aventuras da inocente inconsequência da subtração de melancias e goiabas em terrenos alheios, como o confessado em *O que é do homem o bicho não come* e *Por água abaixo*. Diga-se de

passagem que, previsivelmente, nas duas situações, o “crime” não compensou.

Na fluência das coisas e dos acontecimentos na vida da família do autor, ganha dele tratamento primoroso a construção de *Êxodo*, uma crônica de despedida: o caminhão saindo com tudo e com todos (os valentes Seu Didi e Dona Laura regendo aquela orquestra) do povoado do Ribeirão “em mudança para a Vila”. Nesse outro cenário, tempos de recomeços! A nova rotina familiar, a lida de cada um. Tempos de escola!

Impressiona sobremaneira na concepção dos textos referentes a esse período da vida do garoto e depois adolescente Evaldo a riqueza de detalhes com que ele, agora sob a ótica do adulto e ex-aluno das Escolas Assis Resende e Conjurados Resende Costa, evoca momentos, personagens e circunstâncias. Em enternecidas revelações que lhe são tão caras, lembra colegas e professores daqueles anos felizes. Em exercício de afetiva e efetiva memorização, ao citar os mestres, vai além dos nomes, com caracterizações específicas das atividades de cada pessoa em afetuosos retratos dos que não são esquecidos. Nos entremeios dessas histórias de vida escolar não faltam considerações acerca do processo educativo em veementes asseverações de crença na força da escrita e da leitura, ambas as práticas aqui traduzidas como “o infinito poder das palavras”. “Escrever é manter acesa a lâmpada da vida que carregamos” (*Castelos de barro*). “Lendo, navegamos horizontes amplos, ganhamos poder de asas para ir além do chão que nos prende. E com olhos aquilinos enxergamos, povo insubmisso, mais longe. Vemos dum mirante alto, dum mirante atento e vívido” (*A biblioteca, a rosa e o povo*).

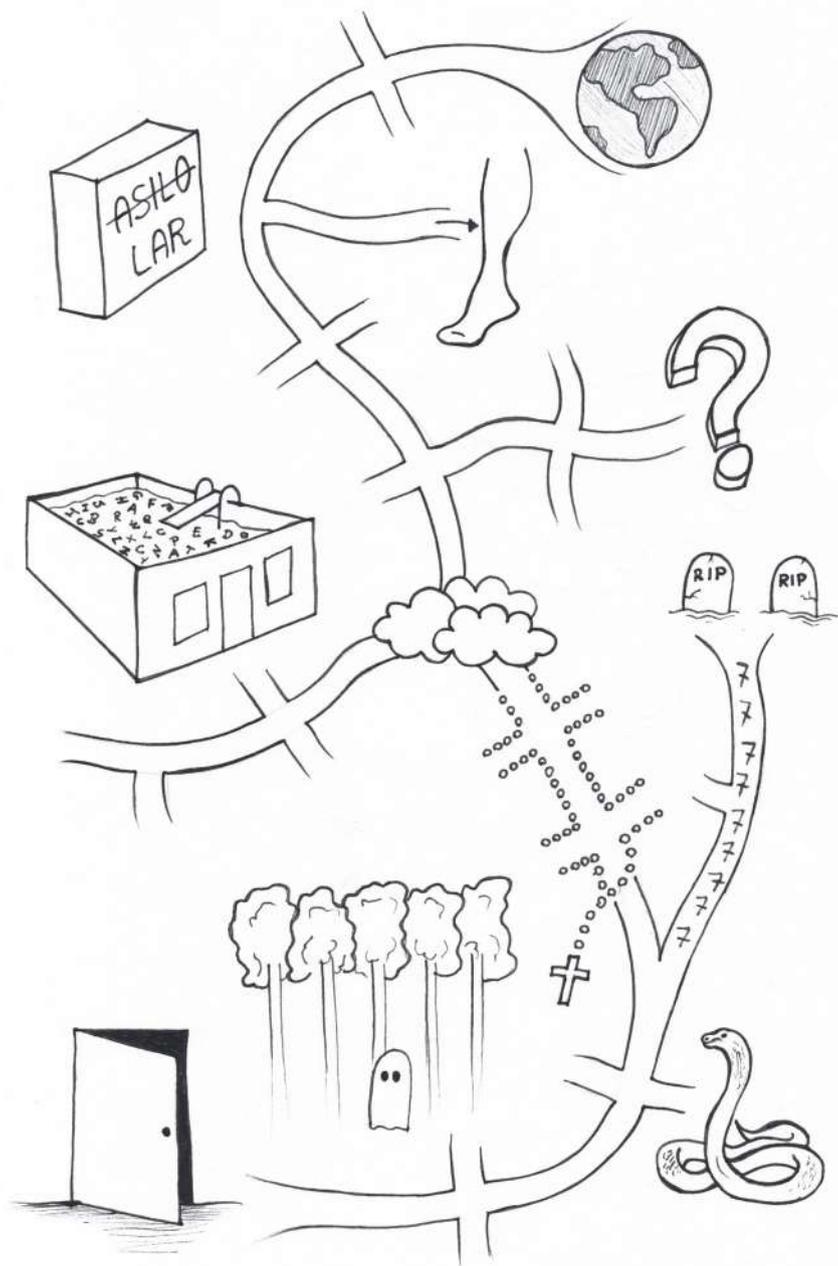
E eis que é chegado o tempo de uma nova despedida, de uma outra interseção, de cortar em duas partes um trajeto cumprindo o seu curso natural – para fazer seguir uma parte, porque assim deve ser, e, no ponto de origem do corte deixar ficar a outra, porque, profundamente, elas se completam, ainda que aparentemente separadas. À maneira da partida daquele menino, do Ribeirão para Resende Costa, a ida do futuro universitário para Belo Horizonte sinaliza também os dias do retorno certo às raízes (*Voltando sempre para casa*). Segundo esse nosso resende-costense ausente mas verdadeiramente presente, “o lugar de que somos nos habita desde sempre ao longo da nossa vida, independentemente dos nossos deslocamentos, das nossas viagens” (*Nós jovens de vinte anos atrás – o tempo não para*).

No que estas crônicas têm de qualidade, e têm muito, grande parte desse atributo se deve à beleza da linguagem de que se vestem, a começar pela metalinguagem contida em vários trechos do livro. O que se observa, por exemplo, em especial, na última crônica, *O pescador de lembranças*, verdadeiro tratado de devoção às palavras. *A vida é um guarda-chuva aberto* – na metáfora desse título, a linda sugestão da imagem dos guarda-chuvinhas de chocolate sendo abertos pelo garoto acidentado à conta de lhe amenizar a dor, como a vida se abre amorosa e bela sobre nós, é puro encantamento. Na criativa e divertida *Comer o nome, ler a comida*, de nome sinestésico, Evaldo deixa de lado a arbitrariedade dos vocábulos para simplesmente brincar com eles.

E pelas tantas folhas desses recortes de vida por que passamos, em leituras que apontam para o que é cotidiano em nós, mas deixam entrever ainda o que é eterno também

em nós, vamos nos surpreendendo aqui com o lúdico, o tocante, o preciso e o impreciso extraídos da robusta lavra literária de Evaldo Balbino. O cronista que, a pretexto da lembrança de uma frase escrita na lousa da sala de aula em dia junino da infância – “A fogueira crepitava no terreiro” (*Dona Eleana*) –, resgata dela o simbolismo bonito do seu verbo para dizer, com todas as letras, que até hoje crepita de amor entre palavras.

Regina Maria Resende Coelho



Geografias entre brumas

Hoje me deu uma saudade danada. Dessas que não se explicam, mas que nos tomam de um jeito inopinado, sem mais nem menos. Saudade dos inícios de minha vida. Nada, porém, de apenas cantar o passado. Nada de ver nele somente várzea e ar amigo, raízes lindas e verdes de fazer o hoje secar-se como palha seca. Não. Nada disso.

Lá eu via pessoas, bichos, plantas e coisas. Todos lindos, mas também sofridos. Cada um vivendo do seu jeito, nas alegrias e dores do existir. As pedras caladas, sentindo. O sol se indo do outro lado das planícies, bem para lá das lajes, o miradouro de pedra. Cachorros de rua ou não, que muitos deles, mesmo morando em casas, vagabundam pela rua sem destino, numa liberdade de fazer gosto, mas também numa judiação de dar dó. É que muitos males grassam pelas ruas: pouca comida, lixo estragado, pés humanos sem piedade, carros que atropelam e seguem seu rumo sem ajudar o corpinho estendido no chão.

E as pessoas pelas ruas poucas, tortas, ora subindo, ora descendo. E no andar uma vagareza da vida, ou então uma pressa também vital, porque às vezes saímos atrasados de casa e temos que correr, andar a passos largos, mesmo não havendo lotações e trânsito difícil.

O Tijuco era a porta primeira da minha entrada na vila. Nome mais velho, primogênito. Hoje já é outro. Os nomes mudam, meu Jesus! Temos a necessidade forte de cambiar.

Renomear se parece com reviver.

Na Várzea eu assentei meus pés. As matas não tinham fim. O eucaliptal levava até a casa da Dinha, com direito a encontros terríveis e atraentes: uma cobra ancestral morando perto da Fonte da Ia e a alma penada de um homem, antigo morador daquelas bandas, quase sempre esperando em cima da pinguela. Mas esse homem esperava não era para fazer mal nenhum. Ele só desejava mesmo era ter companhia, a certeza de que na vida, mesmo morta, não existe solidão plena. Nem mesmo a cobra era má, assim na essência. Podia até morder se fosse necessário. Ela ficava escondida numas lajotas e só ia na Fonte da Ia para beber água, fios de vida. Podia ser até bonita a serpe! Secular, antiga como as raízes de nossos medos e sonhos. Antiga e boa, creio. Eu, porém, é que nunca queria vê-la. Só de ouvir falar dela já bastava. A palavra não é a coisa, graças a Deus!

Depois a Nova Resende, antes chamada Serra do Urubu. A Rua Sete subindo, e os dois cemitérios em silêncio entre muros. Sibilinos e traiçoeiros. A Rua Sete me levando para a morte inevitável, mas a Rua do Rosário me salvando do escuro, me fazendo olhar para o alto, para as nuvens remidoras.

O Beramuro era desconhecido. Fui lá só uma vez, numa reserva florestal linda, para namorar bichos e árvores.

No Expedicionários a Escola Conjurados, o prédio me esperando para um mergulho sem fim nas letras, nas ciências.

O Centro vivia também em quietude. Os Quatro-Cantos eram quatro olhos vendo tudo. A Escola Assis Resende, edifício antigo, pomposo para mim, também existindo para abrir meus olhos.

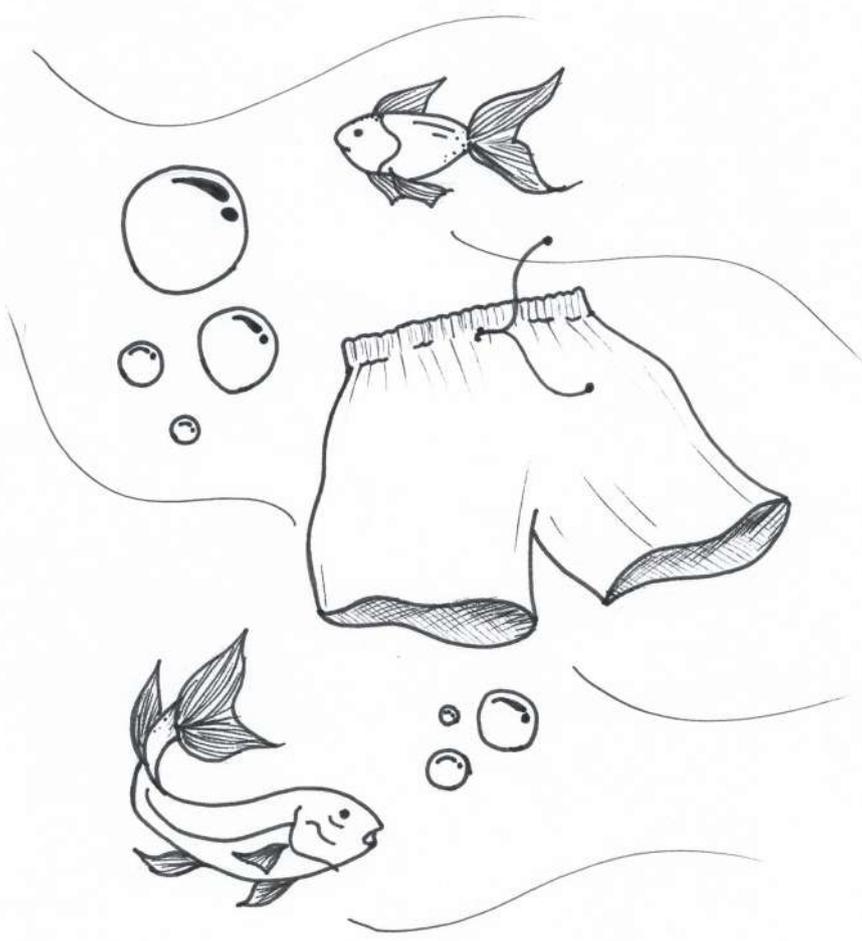
O Canela mais para baixo, nuns desejos de fuga da cidadezinha. Lá eu via uma igrejinha cujo nome era bíblico e me transportava para a antiga Filadélfia. Mas tinha o Asilo, nome hoje não aceitável, mas que não deixava de ser asilo.

A estrada de terra, mais lá embaixo, saindo para o Varginha, para o Morro das Pedras, para o Barracão que até hoje ainda não conheço.

O asfalto levando para bandas que eu não sabia. E um desejo grande, naquela época, de que o mundo inteiro me chegasse pela estrada asfaltada através dos mensageiros ônibus e caminhões. Naqueles anos eu não pensava em aviões, que eram apenas cruzeiros passando de vez em quando pelo céu.

Lá na Várzea, meus pés plantados. A terra vermelha do chão virando barro em dias de chuva, as piteiras cercado a chácara da dona Trindade e contendo as assombrações pousadas em goiabeiras e mangueiras. Só de vez em quando aquelas aparições desciam das árvores e andavam meio que levitando, bem perto do chão, pelas ruas da minha infância. É que a criança, numa algazarra celestial dos infernos, espantava as pobres almas penadas. Nem depois de saírem da matéria morrível (este corpo cansado, vaso feito para quebrar-se), as almas vagantes tinham sossego. Criança é bulício, e morto quer sossego.

Eu, no entanto, não estou morto ainda. Por isso não quero e não posso sossegar. Os nevoeiros vão aumentando, que eles não faltam em muitas madrugadas da minha cidadezinha. A neblina, a poética e bela bruma, vai se adensando com o tempo. Mas eu construo visões de memória e palavra. Ando através da cerração que não cerra meus olhos.



O caso do vestidinho

Sua irmã pulava nas águas mais ou menos profundas, menos ele. Nadador de areia, ele era. Quando se animava, com seu pequenino corpo deitado, batia seus braços e pernas naqueles trechos de água rasa, a areia castigando um pouco o rosto, o peito, a barriga de gula e infância. Nadando assim, desengonçadamente, acabava por ficar com o *short* cheio de areia, mas pelo menos nadava. Do seu jeito nadava.

Naquele dia o corgo da Bilica estava uma beleza. Ninguém na praiazinha estendendo-se. E por isso ele não ficou sobre a grande pedra. O medo de um fantasma aparecer lá em cima era tamanho. Melhor mesmo era debruçar-se sobre a areiazinha, nadar tal qual um marinheiro indômito, navegar com seu corpinho sedento de água e aventura.

As horas foram-se passando, e ele e sua irmã não tiveram tino do tempo. A areia das horas escorrendo, e ampulheta nenhuma avisando os guris que a noite já estava breve. A menina foi a primeira a perceber a proximidade do escuro.

– Vamo embora, Lino! Já tá ficano tarde!

Meio amuado com a situação, o garoto assentiu a contragosto, e foi logo tirando o shortinho para entregar à irmã. Como era de praxe, ela lavaria seu *short* na água corrente, tiraria dele toda a areia, esfregaria o pano com vontade (que para isso ela tinha jeito) e depois lhe devolveria a roupinha exígua para que ambos pudessem voltar para casa.

As mãos hábeis da irmã trabalhavam sobre a correnteza. Enquanto isso, Lino permanecia escondido atrás de uma pedra, pois meninas nem ninguém mais podiam ver o seu piu-piu. A mãe sempre ensinava e o pai com cara brava sempre advertia. As mãos da irmã fazendo um barulho gostoso. Um esfrega-esfrega de uma na outra, atritando a peça, tirando as manchas. Tivesse sabão ali, e as espumas brilhariam à luz do sol já quase se indo para trás das serras lá adiante. Lino olhava para o trabalho com enleio. Acocorado atrás da pedra, escondendo sua nudez como um Adão redivivo, ia vendo as mãos fraternas no favor necessário.

E a irmã ia jogando o shortinho dele para cima e o ia pegando novamente. E gritava com o irmão:

– Vê, Lino, como sou esperta! Vê!

E o menino xingando, e ela brincando com a cara de um pobre garoto desnudo. De repente, num descuido da irmã, o *short* de Lino caiu um pouco mais para longe e começou a descer a correnteza. A garota tentou salvar a bermudinha, mas não conseguiu. As águas fortes não deram trégua para menina tão frágil.

Começou a choradeira do menino. Como voltaria agora para casa, de piu-piu balangando que nem ponteiro desengonçado de relógio? Não, de jeito nenhum! E aí ele se lembrou do relógio antigo, na casa da Bernadina. Um relógio pomposo, mas carcomido pelo tempo, em cujo alto pousava um pássaro, frio e morto. A frente do relógio com um vidro transparente, e o pêndulo balangando de um lado para outro, sem parar, sem se cansar. O seu piu-piu não se cansaria também. Mas como andar pelado pela estrada? Como mostrar-se assim, sem roupa nenhuma, para quem

pudesse passar por ele? Por certo os primos, filhos da tia Tuquinha, zoariam com sua cara. Não, de jeito nenhum mesmo! A irmã que desse um jeito!

Vendo-o emperrado e choroso atrás da pedra, a garotinha encontrou a solução:

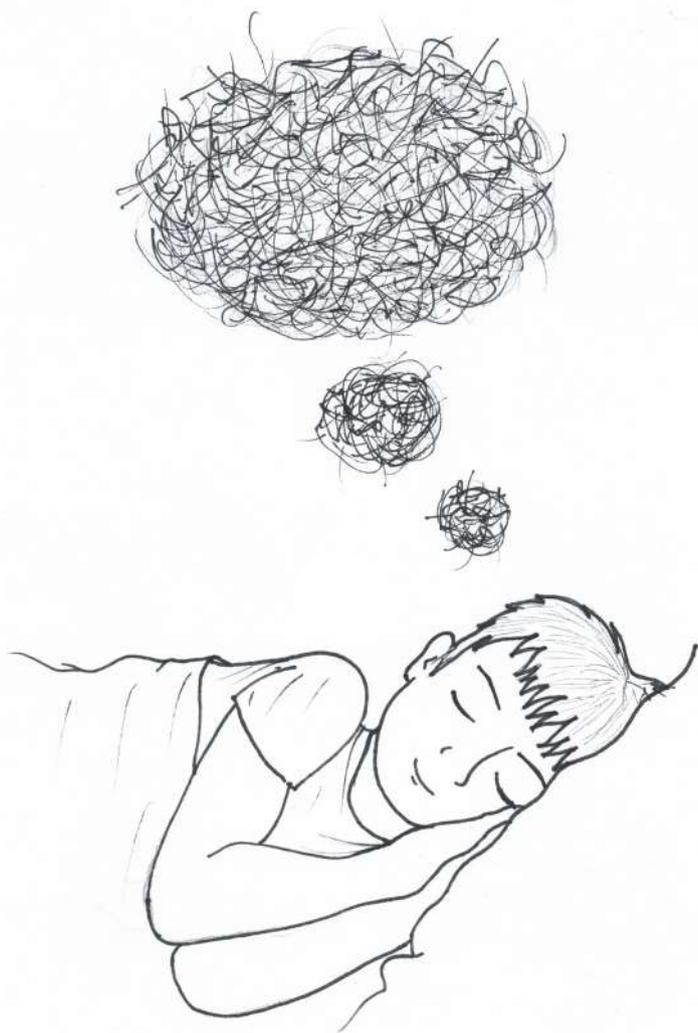
– Tô de calcinha, Lino. Então ‘cê vai com meu vestido, tá? De calcinha num fico pelada não.

E o menino, receoso, enfiou sobre sua cabecinha o vestido da irmã. Desengonçadamente subiu ao lado dela para a mina. Nem olhou a água fria e gostosa da bica. Uma água descendo lenta, pouca e refrescante.

Mais acima, na estradinha que levava à sua casa, deram de encontrar com dois carreiros guiando duas juntas de bois e um carro-de-boi cantando de peso. Vendo o guri com vestido, os homens iniciaram gargalhadas terríveis. E aí sim o garoto chorou, chorou alto, mais alto do que a alta poeira que os bois levantavam com seus cascos.

Fugindo da poeira e das gargalhadas, a infância chorosa subiu a estrada estreita, perguntando-se por que tamanho desajuste, qual o problema de um menino vestir um vestido. O mundo tem disso. As coisas parecem ser dadas, e pronto. São naturais, e nada se pode fazer contra elas.

Então, com muita raiva, o menino, lá do alto da estrada, empinou o traseiro na direção dos boiadeiros, levantou o vestido em seu corpinho e mandou aqueles homens catar cascalho diante dos bois.



Colchão de palha e palhas de feijão

A mãe, torrando fubá no fogão a lenha, atravessava a noite com o manejo das mãos sobre a panela. Ora a mão direita, ora a esquerda, para não cansar tanto. E cada mão segurava firme a colher de pau enterrada no fubá, o cheiro gostoso daquela iguaria alastrando-se pela cozinha, pela casa, atravessando os estrados acima das paredes, cruzando a cumeeira um cheiro bom de vida, de fogão aceso lá dentro, de pessoas existindo.

E lá no terreiro Lino entre os primos, sentindo o aroma de fubá torrado, sua boca enchendo-se d'água, porque pela manhã teria opções: ou café com farinha, ou leite gordo (tirado da vaca no curral) com farinha, ou farinha com açúcar que também era uma gostosura. E a meninada toda, os seus irmãos, comendo farinha e falando com vontade, só para verem o fubá voando, saindo pelas bocas. As meninas e os meninos sujando-se de fubá torrado e de vida. E se optasse pelo café com farinha, Lino colocaria muito fubá e pouco café. Faria uma paçoca, aquela massa parecendo de areia e tão macia. Um fubá torrado e amolecido pelo café gostoso da mãe.

Esses pensamentos do garoto não o afastavam da brincadeira com os primos. Brincar e pensar em comida eram uma coisa só.

As palhas de feijão, entulhadas num canto do terreiro, ainda estavam mais ou menos secas, já indo para murchas.

Antes que o tempo das águas chegasse, o pai providenciaria a retirada das palhas dali. Não deixaria aquilo tudo apodrecer bem no canto do terreiro. “Sujeira traz bicho ruim”, dizia a mãe. E o pai primava pela organização de tudo, para que os filhos não adoentassem, pois nem enfermeiro havia no povoado. E o que se diria de um médico? Este é que não existia mesmo. Terreiro limpo, campo da faina lúdica de crianças, é sinal de saúde, de vida longa e regada com coisas boas. O pai e a mãe assim pensavam e mantinham a limpeza em tudo.

Antes, porém, de as águas chegarem, de as palhas de feijão batido apodrecerem, antes mesmo de essas palhas serem removidas, a garotada fazia a festa. E Lino e seus primos, alimentando-se do cheiro do fubá torrado e da energia de uma infância sem fim, iam cavando túneis nas palhas de feijão. Palhas que davam coceira pelo corpo, mas que revigoravam aquelas vidas e alimentavam aquelas memórias. O trabalho era prazeroso.

Sem eletricidade, luz artificial não fazia falta. A luz da lua e das estrelas sempre alumia as grotas do Ribeirão de Santo Antônio. Em tempos de seca, o céu é limpo e se descortina mais ainda durante a noite, dando ao mundo a luz das alturas, o farol que faz as grotas parecerem sombras de outro mundo e que torna os terreiros brilhantes, pontos de claridade aqui e acolá em povoado de poucas casas.

E pela noite os trabalhos se embrenhavam. Tal qual as mãos da mãe torrando o fubá noite adentro, as mãos se-relepes das crianças iam se enraizando nas montanhas de palhas de feijão. Os túneis em progresso, a maquinaria da infância sem descanso. O cheiro gostoso da palha vindo da terra, misturando-se com o suor da labuta de crianças que

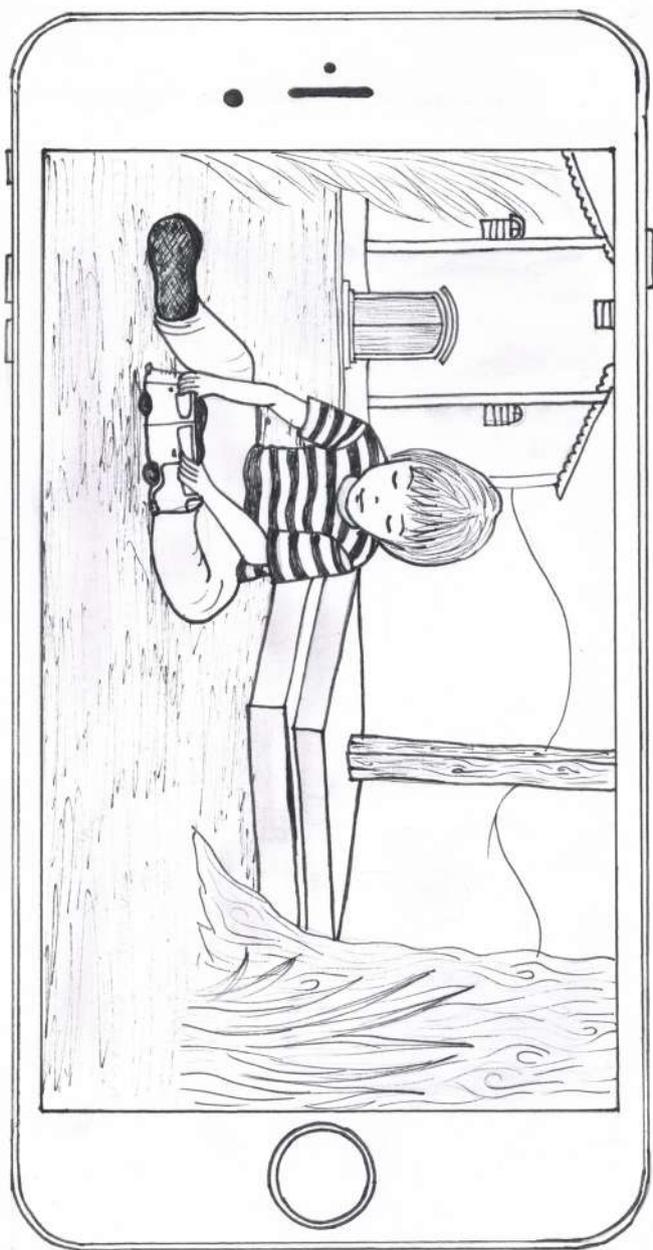
já tinham tomado banho e que ainda insistiam em suar na tarefa de existir.

E depois de estarem prontos os túneis, cada uma das crianças virava um trem de ferro. Eram máquinas da noite, marias-fumaça atravessando as montanhas de palhas de feijão. Era uma delícia entrar no escuro dos túneis, sentir-se ameaçado pelas laterais e pelo teto na iminência de um desabamento, e aí Lino pensava em mineradores soterrados, em trabalhadores sofrendo para respirar debaixo da terra. Nessas horas ele pensava até mesmo nos mortos sem ar nas sepulturas. Mas tristeza nenhuma tomava o garoto. Bom era tudo aquilo, como boa é a vida. Esta vida que temos e que por isso mesmo conhecemos antes de a morte nos abraçar.

Depois de idas e vindas pelos túneis sob montanhas, os moleques incansáveis eram chamados. A madrugada já quase cobrindo a noite, já quase lhe arrematando a existência escura, e os pais exigindo que os filhos fossem para a cama. Os primos iam embora, Lino reclamando de ter de descansar o corpo sem nenhum cansaço. Qual o problema de avançar a noite toda, de clarear o dia na lida entre as palhas de feijão?!

“De jeito nenhum!”, diziam os pais. “Já passou da hora de criança deitar.”. E resmungando, sem tomar outro banho, Lino ia para sua cama, quase obediente.

Sobre o colchão de palha de milho, a modorra infantil estendia-se. A coceira no corpo não coibia a marcha do sono. O repouso assentava-se sobre a cama e prosseguia. O menino continuava brincando, não mais agora entre as palhas de feijão no terreiro, mas pelos túneis dos sonhos infundáveis desta vida.



Brincadeiras

na roça

O carrinho de boi feito de casca de umbigo de banana. As juntas de boi para puxá-lo eram de sabugo. A primeira Kombi de plástico que o pai me dera, e eu fazendo com enxadão (porque mais estreito) estradinhas pelo terreiro afora. Água havia aos borbotões. Era só buscá-la no córrego da tia Tuquinha, e tudo estava resolvido: as estradas eram aguadas, e a vegetação poderia crescer cheia de vida para enfeitar os caminhos da kombizinha. Isso não são apenas lembranças. Tudo faz parte da vida que vivíamos no Ribeirão de Santo Antônio. De tanto me lembrar das coisas, nada se perde e tudo é revivido com a mesma avidez do passado.

Nas noites do Ribeirão eram muitas as diversões. Isso até lá pelos inícios da década de 1980. Na falta da parafernália que cada vez mais a modernidade urbana vai introduzindo nos mais distantes e ermos lugares do mundo, nós tínhamos um montão de coisas que fazer. Celulares, computadores, *shopping-centers*, parques de diversão, boates, bares – nada disso tínhamos num lugar em que nem luz elétrica existia. Era um *show* para a criançada ir até a vila, onde postes escassos de luz anunciavam o contrário da escuridão. Mas no Ribeirão não era sempre tão escuro assim não. Num céu sem estrelas, a lua muitas vezes ajudava a clarear as coisas e as vidas. E como ajudava!

Crianças e adolescentes brincavam de tudo pelas noites da existência rural.

No passa-anel, objetos pequenos e desejáveis (como anéis, pedrinhas e moedas de centavos do Cruzeiro) eram dádivas que as mãos cúmplices do passador entregavam às escondidas para algum colega da fileira. “Com quem está o anel?”. Essa pergunta ia se repetindo até que um adivinhador, sortudo, tomava posse do que era o desejo de todos.

Na alfândega, ficávamos tempos a fio tentando descobrir as regras inventadas e dizendo coisas a esmo como gato, vaca, mendigo, ratos. Até que por fim o grupo inventor da regra dizia “Isso passa sim”, e as portas se abriam para outros mais colegas se entregarem às invenções.

Numa roda ficávamos cantando Pai Francisco e ouvindo as palmas do ceguinho ao centro. O mesmo ceguinho, com suas mãos que não viam, tocava um de nós. Tocava o que seria a vítima a transformar-se, em seu lugar, no próximo cego.

Na batata quente, ficávamos em roda e com o sempre medo sob esta canção repetida:

*Batata que passa quente,
batata que já passou,
quem ficar com a batata,
coitadinho se queimou!*

Na cabra-cega, o interrogatório seguia acelerado.

- *Cabra-cega, de onde você veio?*
- *Vim lá do moinho.*
- *O que você trouxe?*
- *Um saco de farinha.*

– *Me dá um pouquinho?*

– *Não.*

E depois disso, todos saíam correndo. A cabra perseguia os demais, no desespero por repassar a cegueira para algum desavisado que se deixava pegar.

Na brincadeira de estátua, ficávamos todos inertes ouvindo o canto mágico e salvador do líder que escolheria alguém para ser o próximo condutor da brincadeira, o liberto da condição da pedra e agora com o poder de medusa para petrificar os amigos:

*Entreí no jardim de flores,
não sei qual escolherei;
aquela que for mais bela,
com ela me abraçarei.*

Assim íamos nos desdobrando no pula-corda; no Seu Lobo; no serra, serra, serrador; no jogo de palitinhos; no jogo da velha; nas cinco Marias; na amarelinha (pulando aqui e acolá); na forca (soletrando e descobrindo letras); na caixinha de surpresas; na pulação da carniça; no carrinho de mão; e no chicotinho queimado com as gritarias de “tá quente”, “tá frio”, “tá esquentando” e “tá pelando”. Cíandávamos, corríamos no pique, buscávamos esconderijos no esconde-esconde, suávamos no pega-bandeira, e mais do que tudo gostávamos de brincar de cair no buraco.

Eu gostava mais mesmo era desta última brincadeira. Menino matreiro, sabia bem cair no buraco e pedir um beijo à minha salvadora.

- *Caí no buraco!*
– *Quem te tira?*
– *Meu bem.*
– *Seu bem é esse?*
– *Não.*
– *Seu bem é esse?*
– *Não.*
– *É esse?*
– *Também não.*
– *É aquele?*
– *É!*

E com os olhos fingidamente vendados, afetando cegueira das bravas, eu pedia do meu bem, sempre uma menina bonita e faceira, um “bico de garrafa”, que traduzido era “um beijo na boca”. Tudo bem que um biquinho de nada, lábios se encostando sem muito movimento, mas para mim isso era uma festa.

O difícil mesmo era na hora de tirar a sorte nas brincadeiras:

*Uni, dúni, tê,
Salamê minguê,
Um sorvete colorê;
Uni, dúni, tê,
Quem saiu fora foi você!*

E o medo de ser o escolhido, de ter de sair da brincadeira. Mas a vida é assim mesmo. Muita coisa não escolhemos.

Nem o tempo que passa é nossa escolha. Ainda bem que temos a memória, para nossa salvação, nesta barca se indo sempre para o futuro.



Letras e bolhas de sabão

Lino ficou em casa mesmo, soprando um talo de mamonha pelo terreiro. E as bolhas de sabão saindo a cada sopro, indo perder-se pela horta, transparentes e ao mesmo tempo meio azuladas. As bolhas despregavam-se molengas da ponta do talo, e o menino as soprando com vontade, viajando os olhos nas bolas leves se indo pelo ar.

Pegara o sabão sob os xingamentos da mãe. A vida tão cara e ele fazendo estripulias, gastando as coisas assim, sem pensar na vida, na roupa a ser lavada. E além disso sabão em pó era coisa de luxo, coisa que poucos compravam. Não era coisa para brincar não. “Mas melhor ficar em casa do que bagunçando com os primos.” – a mãe dissera por fim, aceitando de certo modo as extravagâncias do filho. E lá se fora ela, levando a irmã de Lino para a escola.

Nada de ir com a mãe e a irmã. Não iria de jeito nenhum, pois o medo era maior do que a vontade de pegar pirulito na venda do Néilson. Se a mãe fosse direto para a venda, tudo seria diferente. A doçura antecipada do pirulito se mostraria pelas beiras da estrada. Aí sim caminharia ao lado da mãe, e isso seria bom, lhe daria um prazer inominável. No entanto, antes de passar pela venda, sua mãe deixaria a filha na escola. Ir à venda sim, mas à escola não.

Um pouco mais velha do que ele, a irmã começaria a estudar. Iria direto para a primeira série. Em povoado tão pequeno, não havia jardim de infância. Os pais, em sua

maioria, não ensinavam os filhos a ler. Outras necessidades da vida eram mais urgentes, como, por exemplo, cuidar da criançada que nascia e crescia em escadinha. Filharada que não parava mais. Os afazeres eram tantos, na casa e na roça, que tempo nenhum mais sobrava, muito menos para o mundo das letras. Pelo menos se permitia à prole que estudasse até a quarta série do primeiro grau, o nível mais avançado que existia ali.

A irmã estudaria como os irmãos mais velhos já estudavam ou tinham estudado. Porém ele, o Lino brincalhão das hortas, de jeito nenhum! E fazendo agora as bolhas de sabão, o menino dividia-se entre pensar nos pirulitos da venda do Néelson, redondos e envoltos por plástico, e na escola da tia Graça.

A venda era uma casa antiga, com duas portas longas de madeira azul que davam para a rua. Logo após as portas, um balcão de cimento, lindo de verde, estendia-se de fora a fora, separando os compradores do vendedor. Seu Néelson, balconista e dono do estabelecimento, ficava do outro lado. Ele era pastor de uma igreja, e ganhava também ali, na venda, o seu pão de cada dia. A sua igreja não ficava no povoado, mas em São João del-Rei. Nos fins de semana, o seu Néelson saía todo engomado e com sapatos lustrosos para, no depois da vila, subir ao púlpito e falar a ovelhas com fome e sede de justiça. Fome numa vida cheia de precariedades. O seu Néelson, porém, era mais agradável quando estava atrás do balcão, sem o cabelo pastoso com um creme tirado não se sabia de onde. Na venda, ele era mais simples, mais homem daquelas bandas mesmo.

A escola era uma casa mais antiga ainda, bonita no seu existir no pedestal de uma escada de pedra. Uma escadi-

nha torta, e as janelas simples e de madeira se abrindo para o mundo, mostrando lá dentro meninas e meninos sentados em fila indiana. Uma vez Lino vira isso. Os pés cautelosos sobre o último degrau da escada. Os olhos pequenos e medrosos olhando lá para dentro. E, diante de todos os alunos, a professora escrevendo numa lousa com a mão direita e segurando uma vara de marmelo com a esquerda. Tabuadas, cartilhas, cadernos e lápis enfeitavam as mesas dos alunos. Tia Graça não deixava ninguém usar caneta, para a letra não sair torta, encurvada. E os olhos do menino não sabendo o que olhar, se as crianças dispostas em linha reta, se a letra bonita da professora no quadro, ou se a vara indômita nas mãos de mestra parecendo brava.

Se fosse para a escola, ele só gostaria de colorir. Nada de fazer contas e escrever palavras. Nada de quebrar a cabeça com tanta coisa difícil. “Ler, escrever e fazer conta de cabeça, Lino; isso sim é superior” – os adultos professoravam, e o garoto só pensando em traquinagens, em vida solta no campo como soltos ficavam os bezerros ainda não desmamados.

E se ele fosse para a escola e lá se perdesse da mãe, entre os outros meninos e palavras e números? Não. Não iria. A irmã tinha ido, e ele soprando agora bolhas de sabão, com um medo danado de que ela não voltasse daquele mundo estranho. Há idas sem voltas na vida.

O seu irmão mais velho, por exemplo, o que já tinha estudado até a quarta série, não morava mais com a família. Fora para São Paulo em busca de trabalho e só de vez em quando chegavam suas cartas, separadas meses umas das outras. E a mãe chorando com as palavras distantes do filho, querendo vê-lo, mesmo grande já, em seus braços buscando ser eternos.

Só de lembrar-se da mãe chorando, as lágrimas escorrendo pelo rosto, e do irmão distante de todos, Lino namorava mais ainda as bolhas flutuando. Leves e soltas, para nunca mais voltar.



RIBEIRÃO DE CIMA

GORÓPA

RIBEIRÃO DE BAIXO

Cavas^e estradas

Os tratores a que chamávamos de patrulas escavavam novos caminhos. E as estradas estendiam-se mais rasas do que as cavas de antanho, mais dadas à luz do dia do que os antros de penumbra e assombrações.

As cavas eram antigas, e nós as amávamos como coisas terríveis e necessárias são amadas. Aqueles caminhos côncavos eram nossas únicas possibilidades. E ai dos meninos mandados sozinhos à venda do Tibúrcio lá no Ribeirão de Cima ou à venda do Nélson no Ribeirão de Baixo! Geralmente isso era mais de noite, hora do escuro em que vinha a lembrança de que as lamparinas estavam secas, sem que-rosene que alumiasse as trevas. E eram muitas as virgens loucas, as que se gabavam de esperar pelo esposo, mas que sempre estavam desguarnecidas sem o combustível para a luz. E quem pagava pelas loucuras desses adultos desatentos, virgens desmiolados, eram as crianças. Eram as crias que tinham de enfrentar a boca da noite para aluminar toda a família.

Quando a venda do Tibúrcio já não mais existia, abriu lá em cima, no topo do Ribeirão, a venda do Tino. E eu tinha medo de ficar grande como os meus irmãos, os que iam de noite buscar querosene para a família e rolo de fumo para o nosso pai lá no Tino. Se me mandassem subir aquela cava funda e escura, eu morreria de terror. Logo ali, onde meu avô vira certa vez o Cavalo de Três Pernas e

onde muitos diziam já ter visto a Luz da Pedra?! Deus que me livrasse de tamanhas aparições!

Já as estradas do Ribeirão, as que iam sendo abertas pelas patrulas, essas sim renovavam nossas forças, davam-nos coragem nunca antes possuída. As estradas ficavam mais perto do céu, da proteção de Deus, da luz parca ou forte das estrelas e da Lua. Por elas passamos a andar com mais calma, com um medo mais suportável.

As estradas tinham, por outro lado, seus contratempos. Com o advento delas, também advieram denúncias daquelas vidas que, nas cavas, escondiam-se em práticas não aceitas pela comunidade do Ribeirão. Adultérios, fornicações as mais diversas, namoros escondidos à luz do dia – tudo isso era fato dentro das cavas, as que eram verdadeiros esconderijos para aqueles que não agiam de acordo com as normas. Com bordas altas, ribanceiras cheias de ramas e de ninhos de cocota, as cavas acobertavam aquelas vidas em desvio que prosseguiam seus rumos escondidos. As cavas eram senhoras alcoviteiras. Não faço aqui nenhum julgamento, mas antes reconheço nas senhoras cavas os refúgios a tornarem suportáveis e mais equilibradas as tensões da vida naquela época.

Mesmo denunciadoras, as estradas iam renovando as nossas vidas com novos caminhos, o cheiro de terra gostoso, as cavas virando passado entre matos e relva virgens. As estradas, mesmo fofoqueiras, eram amigas. Há pessoas assim, não há? Falam mais do que devem, ficam à janela olhando vidas e delas dando conta aos quatro ventos. São essas pessoas das quais se diz que, quando morrerem, terão dois caixões: um para o corpo e outro para a língua. No entanto são pessoas amorosas, coração derretido: muito fa-

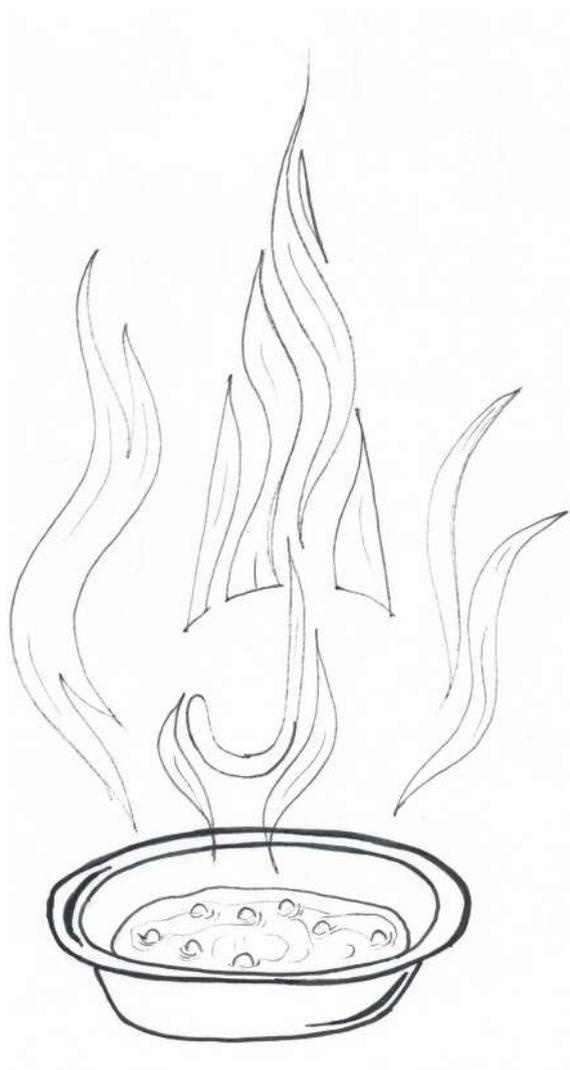
lam, mas também muito amam. Assim eram as estradas, principalmente para os meninos, que passaram a fazer delas os caminhos mais suaves, menos aterrorizadores.

Eu mesmo cheguei a subir muitas vezes, entre o Ribeirão do Meio e o Ribeirão de Cima, a estrada ali construída. Adeus, cava dos meus temores! Adeus, subidas no escuro entre matos para comprar, na venda do Tino, sabão ou pilulitos guarda-chuva! É verdade que, mesmo na estrada, eu ia de olhos desconfiados, retinas meio viradas para o lado esquerdo, o lado da cava. Sempre o medo de surgir dali uma fera. De cobra eu não tinha medo. Cobras não têm pernas e não correriam atrás de mim. Surgiria, também e talvez, um fantasma. Quem sabe o Cavalo de Três Pernas ainda não vivia ali e poderia, de repente, aparecer para mim como um dia aparecera ao meu avô? Meu corpo de menino ia para a venda, mas os olhos eram vigilantes, espertos. O seguro sempre morre de velho! Não é assim que se diz?

Também, menino, eu fugia por essa estrada nas minhas traquinagens. Depois de uma bagunça bem-feita (que ninguém é de ferro, muito menos uma criança), meus pais ou irmãos começavam a fazer cara feia. Suas bocas crispadas gritando diante de tamanha peraltice, os braços gesticulando ferozes, as mãos agitando-se ameaçando palmadas. Diante dessas pantomimas de adultos, corriqueiras e conhecidas, eu escapava com pernas ligeiras e felizes:

- Onde é que ocê vai, minino? Volta aqui, seu diabo!
- Vou pra bem longe, minha gente!
- Vai pra onde, sô!
- Vou pra “Goropa”, uai!

Mal eu sabia que a Europa era tão longe das terras do interior mineiro. Ainda mais naquela época em que os meios de condução eram parcos e caros para todos nós. As estradas eram longas e iam para os longes, do mesmo modo profundo e extenso das cavas.



A vida é um guarda-chuva aberto

A briga com a irmã era rotineira. Sempre um motivo qualquer, por mais simples que fosse, desencadeava os desconcertos. Ele foi se dirigindo até ela, porque aquilo não poderia ficar como estava. A atrevida tinha passado por ele, espreitada, e dera um beliscão em seu braço. Um beliscão fininho, desses que fazem doer até mesmo a alma. Dera o beliscão e correrá para debaixo da saia da mãe. Não, aquilo não poderia ficar barato mesmo.

Chegou-se a ela, ameaçando também um beliscão. Ou um chute, que este haveria de doer na canela da infame. A mãe, entretanto, não se dando conta do contexto bélico dos irmãos, houve por bem proteger a menina terrível. Ou então a progenitora tinha visto todo o ocorrido e resolvera apaziguar a guerra. No exato momento em que ele se aproximava, a mãe, brava, armou a mão para dar uma palmada no filho, para afastá-lo da beligerante tentativa de couro na irmã.

Com medo das mãos da mãe, ele se afastou num repente. Afastou-se, porque as mãos que amam também machucam.

Afastando-se para trás, sem olhar para onde ia seu corpo pequeno, acabou por bater um dos calcanhares numa bacia de água quente posta ao lado do banco de madeira.

Por que estava ali aquela bacia? E justamente com água quente? O irmão mais velho, tendo chegado da roça, a tinha colocado ali. Tomara banho na cachoeira, ao lado da lava. Mas agora os pés estavam sujos, pela longa caminha-

da de volta para casa, e tinha de lavá-los. Mas por que não colocar primeiro água fria para só depois temperar com água quente? Não era assim que a mãe sempre ensinava, que as irmãs solícitas e sabidas exigiam? Mas regras foram feitas, parece, para não ser cumpridas. E o irmão mais velho se esquecera de que todo cuidado é pouco em casa onde há crianças, idosos, cães e gatos.

O menino caiu de chofre sentado na água quente. E o seu choro levantou-se pela casa. O alvoroço na cozinha foi imenso. A mãe ficou petrificada. O pai veio correndo do terreiro, mas as pernas trementes ficaram de repente paralisadas. O irmão mais velho e os demais irmãos começaram a gritar, de susto, de terror. Somente a tia Lúcia, mais forte que todos, foi capaz de fazer alguma coisa. Levantou-se do banco de madeira e pegou o sobrinho num solavanco. Ele chorando, gritando, e ela foi-lhe descendo o *short*, sem medo nenhum.

A peça de roupa foi saindo, ensopada. E com ela foi saindo uma pele fininha, destruída pela água quente. Como se não estivesse se incomodando com a dor do sobrinho, a tia foi fazendo tudo com decisão, sem hesitações que nada resolveriam. No seu gesto seguro, aparentemente frio e rude, residia, no entanto, muito amor. Amar com rudezas é possível. Isso é amar com pisadas fortes, com pulso firme, sabendo que a dor do momento é inevitável e que essa dor deve ser atravessada de cabeça erguida para se chegar são e salvo à calmaria do outro lado.

Depois, na cama, o menino não queria consolo. Passaram-lhe clara de ovo no bumbum e lhe deram beijos mais fartos. A mãe até fez no forno, iglu levantado com tijolo, biscoitos em forma de bonecos – e isso para acalentar a dor do

filho. E ele resmungão, aproveitando a agonia sentida para usufruir da explícita e cuidadosa proximidade da família.

Na manhã do dia seguinte, um dos irmãos mais velhos (o segundo rebento da família) decidiu-se amoroso. Pegou o carrinho de mão do pai, forrou o fundo com manta limpa e macia e colocou ali, deitado de banda, o irmãozinho convalescente. Depois abriu sobre o maninho um guarda-chuva grande e levou o garoto até a venda do Tino, lá no Ribeirão de Cima. Levou-o para comprarem chocolate guarda-chuva.

O garoto aceitou feliz e com cara triste. Afinal, estava melhorando de uma queimadura e não podia esbanjar alegria, esnobar felicidade por ser tão bem cuidado. Tinha de dizer que doía, deixar-se abraçar pelos que tinham piedade dele. Até gemidos faziam parte de tudo. A queimadura doía mesmo. Mas, mesmo se não doesse, ele teria de fazer cara de choro, expressão e gesto de lamento. Entregou-se aos braços do irmão, segurou com vontade o guarda-chuva (protegendo-se do sol forte que fazia) e deixou-se conduzir, inválido, estrada acima. Iria para diante do balcão da venda, uma vitrine cheia de guloseimas e vida.

Na volta, o carrinho descendo seguro pelas mãos fortes do irmão, e o menino lambendo com vontade um dos pirulitos de chocolate. Ao seu lado, numa sacolinha de plástico transparente, vários outros pirulitos faziam fila para atender gula tão grande. Embalados em papel alumínio amarelo, num tom brilhante de dar felicidade, os guarda-chuvinhas estavam fechados, misturando-se amorosos e contentes por satisfazerem o gosto de criança machucada. E um desejo maravilhoso de abri-los com gulosice, mas também com cuidado para que as pontinhas não se quebrassem. Ne-

nhum pedacinho do manjar poderia se perder.

O menino abriria as embalagens e sentiria o doce chocolate se ofertando à sua dor e à sua boca sobre o carrinho. Os guarda-chuvinhas seriam abertos, como a vida se abre, ontem e hoje, amorosa e bela sobre nós. Amorosa para sempre, vivida e revivida. Viver é tão bom, o menino sentia. Viver é tão bom, apesar das coisas ásperas da vida.



As sereias do córrego da Sá Bilica

O rei atirou
Sua filha ao mar
E disse às sereias:
— Ide-a lá buscar,
Que se a não trouxerdes,
Virareis espuma
Das ondas do mar!

Foram as sereias...
Quem as viu voltar?...
Não voltaram nunca!
Viraram espuma
Das ondas do mar.

Manuel Bandeira,
Lira dos cinquent'anos

Para menino que ainda não lia palavras escritas, as vozes eram páginas a ser lidas. Não faltavam nunca as contações de história em rodas de crianças ou à beira da cama na hora de dormir. Geralmente eram os mais velhos que ficavam no centro das atenções de um grupo infantil. A infância permanecia ávida por fatos ou invenções transplantados para discursos cheios de vida. Contando-se histórias, viviam-se horas durando a fio, de uma alegria que não se mede de jeito nenhum.

A irmã mais velha era desses adultos que tinham lá suas narrativas especiais. A mais empolgante história que ela contava era a das irmãs trabalhadoras e das sereias que habitavam o córrego da Sá Bilica.

O terreiro de terra batida da casa era grande e com muita poeira. Os homens na roça estavam colhendo e secando as palhas de feijão, que logo seriam trazidas ao terreiro para ser batidas com vara cortada de pau d'óleo. As irmãs tinham de buscar alecrim-fêmea para fazer vassoura. E depois juntariam as touceiras na ponta dum cabo, amarrariam-nas com embira forte e começariam a limpar o quintal. Cada uma começando dum canto diferente, até se encontrarem no centro, com o monte de terra e ciscos a ser recolhido e jogado no valo, depois da pequena plantação de cana, bem lá atrás dos limoeiros. Assim, com o terreiro limpo, o feijão batido não ficaria tão sujo. Daria menos trabalho na hora de ser retirado das sacas e ser escolhido por mãos laboriosas à beira da pia e do fogão.

As irmãs eram três. Saíram no meio da manhã, com o sol ainda frio, preguiçoso. Decidiram, sem nada falar com a mãe, que subiriam pelo Quebra-panela, perto da casa da Teresa do Roberto.

Lá chegando, atravessaram a pinguela vergada sobre o córrego do moinho. Ao invés de continuarem na subida, decidiram descer pela ribanceira e caminhar pelas águas, os pés pisando água mansa e fria, os corpos passando rente às pedras escuras de lodo e tempo. Fizeram como Chapeuzinho Vermelho: seguiram rota outra, mais prazerosa, sem nenhuma preocupação.

Já no córrego da Bilica, mais lá para baixo, o desejo era

de mergulho com roupa e tudo na pequena lagoa formada ao lado da grande pedra, debaixo de árvores, cipós e silêncio. Alguns ramos de cipó eram tranças traiçoeiras, cabelos descendo lodosos para debaixo das águas escuras e silentes. Só o barulho de água escorrendo, batendo em seixos que despontavam do leito do córrego, líquido resvalando seu corpo na dureza das pedras, alisando-as de modo contínuo e sedutor. E as pedras gostando daquilo, daquele roçar de águas femininas e deslizantes como serpentes.

A irmã mais velha, cheia de animação, se foi primeiro. Mergulhou com seu vestido de saco branco e rendas verdes nas bordas. A irmã do meio, um pouco hesitante, de blusa listrada e saia creme, também foi logo atrás. A mais nova, com medo sem conta, detentora de tranças longas e de tremores, ficou ao lado da pedra, esperando que as irmãs voltassem. Poucos minutos de espera, e elas não voltavam. A menina foi esperando, esperando, e nada. E então a dúvida: subiria a Passagem do Meio para catar as vassouras ou voltaria à sua casa para dizer do sumiço das irmãs? O medo das ausências fraternas falou mais alto. Ela retornou para pedir ajuda.

A mãe e a tia, avisadas, mandaram mensageiros para a lavoura, onde o pai e os irmãos estavam na labuta. Os homens voltaram, assustados e prestimosos. Organizaram uma busca dentro do córrego, perto da grande pedra. Nadaram mais para baixo, seguindo a correnteza. E nada de encontrar as desaparecidas.

Depois, decidindo por fazer mais um mergulho, um dos irmãos baixou mais rente da base da pedra e viu uma passagem lá no fundo das águas. Estranho não existir ali um redemoinho! As tranças dos cipós não poderiam inibir

a formação do sumidouro, pois elas não seriam suficientes para impedir que as águas tragassem o que estivesse na superfície. Entre um cipó e outro havia brechas, passagens suficientes para dar força de sucção à água. Como podia ser aquilo tudo?!

O rapaz chegou com a cara mais perto daquela abertura e, de repente, foi puxado por mãos bonitas, de unhas compridas e esmaltadas. Saiu do outro lado, num mundo também subaquático e cheio de plantas.

As mãos que o tinham puxado eram de uma linda sereia. E muitas outras sereias iguais a ela nadavam ali. Bustos de mulheres atraentes e caudas de peixe astuto, todas davam voltas em torno de um homem com coroa de algas e pedrinhas brilhantes na cabeça. Era majestática a postura daquele homem entre mulheres, rodeado pelas bealdades que lhe rendiam graças, que se curvavam ao seu redor. Ele era, sem dúvida, uma importante figura.

O homem de imediato lhe dirigiu a palavra, dizendo ser o rei das iaras e lhe perguntando por que tinha chegado tão perto do portal do seu reino. O rapaz explicou que procurava por suas duas irmãs desaparecidas e as descreveu ao rei com detalhes minuciosos: as roupas que usavam, a cor dos olhos, o tom dos cabelos etc.

O rei ouviu tudo com um sorriso sarcástico no olhar. Depois das explicações do jovem, sua majestade vociferou com braço-de-ferro, dizendo que as duas irmãs estavam ali, que já eram suas prisioneiras e que seriam esposas reais. Confiante em seu poder, não mediu as palavras ásperas dirigidas ao moço.

No entanto, o irmão defensor da família reagiu, não

obedecendo às hierarquias existentes nesses mundos de nobreza. Ameaçou dizendo que vários homens da sua terra (irmãos, primos e parentes) invadiriam aquele reino e destruiriam tudo, caso o rei não retrocedesse em sua decisão.

O monarca foi esperto e resolveu negociar. Queria ganhar tempo e sabia muito bem que antes vale um pássaro na mão do que dois voando. Tendo considerado a irmã mais velha a mais bonita das duas, decidiu ficar com ela em seu reino. Disse ao rapaz que ele poderia, então, levar somente a irmã do meio naquele momento e que depois poderia voltar, com mais calma, para conversarem sobre um possível casamento entre ele, o rei, e a irmã que ficaria no seu reino.

– Voltarás aqui com teu pai e dialogaremos sobre o que será melhor para a tua irmã. Quero-a como esposa e vos darei meu reino por ela.

O moço acreditou, pegou sua irmã do meio pelas mãos, e ambos voltaram pelo portal onde ele passara.

Qual não foi a felicidade da família – que já esperava aflita –, quando viu irmão e irmã emergindo das águas!

O jovem conversou com todos, explicou o que estava acontecendo e voltou com o pai até a base da pedra para irem ao reino das sereias. Foram-se, esperançosos de que algo poderia ser feito, de que o rei desistiria do seu mau intento.

Só que, chegando os dois ao fundo do córrego, não havia mais nenhum portal. A passagem deixara de existir. E a irmã mais velha nunca mais apareceu. Sabe lá Deus qual tenha sido o seu destino.

O menino caçula acreditava em todas essas palavras da

irmã. Mesmo que a ribeira fosse um fiapinho à-toa, pouca água escorrendo entre pedras e areia, ele não duvidava de nada. O medo de afogamento afugentava seus braços e pernas inexperientes. A profundidade daquele corregozinho era um mito, uma verdade não experimentada, um fato inquestionável. Ele também nem desconfiava de que o brilho nos olhos da mana, quando os lábios contavam história tão linda, espelhava o desejo que ela mesma tinha de ser a mulher escolhida pelo rei lá nas profundezas do córrego.



O que é do homem o bicho não come

O que é do homem o bicho não come. Assim diz o ditado, popularmente construído e aplicável a muitas situações da vida. E de modo atroz esse provérbio se aplica a uma aventura ocorrida na minha infância.

Quando eu ainda nem tinha ouvido falar em reforma agrária, acabei fazendo parte de uma peripécia relacionada a terra alheia, ou de uma “reinação” como gostava de escrever Monteiro Lobato se referindo às traquinagens da criançada do Sítio do Pica-pau Amarelo. Terra alheia sim, porque até hoje não tenho nenhuma, a não ser a que se me promete de modo desavergonhado todos os dias: a de sete palmos verticais e escuros.

Antes dessa terra prometida, sem leite e sem mel, com escuridão e silêncio, vou escrevendo aqui, e vou reconstruindo o que vivi. Nesta rede tecida, colcha de um passado sempre passado a limpo, vou cobrindo minha existência, a nossa existência. Nenhum silêncio pode com essa tessitura.

E na tessitura da vida (real, concreta), eu era pequeno ainda quando fui convidado, com mais alguns amigos, pela vizinha alegre e sorrateira. Fomos convidados para ir à roça do marido dela. Entre um milharal e palhas verdes de feijão de corda, o nosso objetivo era colher melancias de dar gosto na boca. Melancias verdes por fora e vermelhas por dentro. Uma raridade naquelas bandas do Ribeirão.

E fomos os meninos como se vai uma boiada feliz atrás de pastagem certa e fácil.

Estranho foi quando passamos por debaixo da cerca de arame farpado. Indagada sobre o porquê daquilo, se não havia tranqueira ou porteira para uma passagem digna, a nossa vizinha disse levemente e descontraída que era aquele mesmo o caminho. Falou que porteiros e tranqueiras, nenhuma ali havia. Eram perigosas, facilitadoras da entrada de mãos e pernas desonestas. Assim entramos honestamente pela lavoura, numa honestidade sub-reptícia e ingênua.

As palhas de milho balançavam com o pouquinho de vento, roçavam sua textura áspera nos braços da gente, tratando com carícia rude e cheiro bom de milho verde nos braços espertos.

Os meus braços não paravam. Num embornal, algumas espigas de milho. Haveria nele também espaço para alguns pepinos, que uma salada boa se faria em casa. As melancias eram de outro naipe. Algumas delas juntas superavam meu tamanho pequeno, e no saco trançadinho que eu levava caberiam algumas delas, não muitas. Arrastar todo aquele peso ladeira acima, depois da roça, não seria brincadeira. Mas eu aguentaria carregar tudo aquilo. Afinal, o que se dá não se rejeita. Ainda mais do jeito que era dado, fácil, espontâneo. Melancia era para poucos. E a sorte não recai sobre a gente todos os dias.

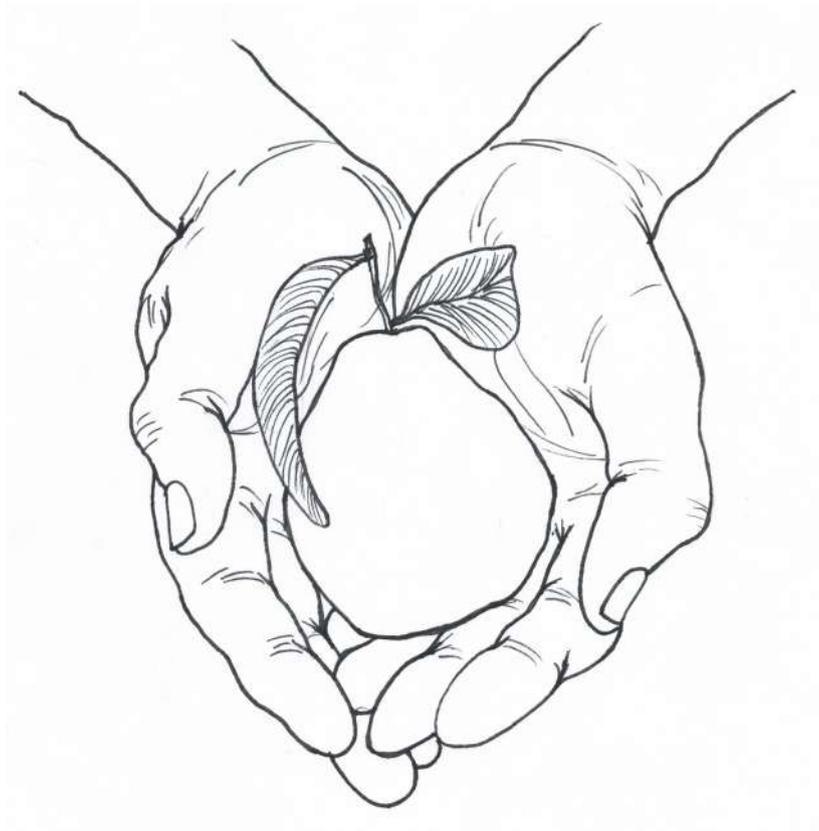
Nos movimentos de todos nós, esbarrávamos ora na sombra de um, ora no encalço de outro, de vez em quando na trilha de um terceiro. Meu susto foi quando esbarrei num homem velho, petrificado e fazendo careta diante de mim. Quase gritei, mas estanquei o berro na percepção de que aquilo era um espantalho, e dos bravos. Cara feia mesmo, cabelo espetado de palha seca e chapéu carcomido, roupa rasgada sem onde mais botar remendo. Era de

espantar a própria sombra. Porém estava parado, e nada poderia fazer comigo, pobre menino atrás de melancias.

Mal mostrei a língua para a sentinela carrancuda, e ouviu-se um grito descontrolado e jogado aos quatro ventos. A nossa vizinha exclamava em alto e bom tom: “Corre, gente! Corre, que Sô Tonho chegou de carabina!”. Como se não bastasse o grito, um estampido ecoou em nossos ouvidos, fazendo doerem coração e pernas. E o Sô Tonho foi gritando “Cambada de vagabundo! Larapiada do inferno! Cês num planta e qué cumê, seus fio sem pai!”. Como se não bastassem as palavras, o homem ia berrando e atirando para o alto com a carabina em riste.

Corremos todos, obviamente. Embornais, pepinos, espigas de milho, e até mesmo as melancias. Tudo foi caindo e descendo morro abaixo. As melancias, nem se fala! Desciam rolando pelo terreno com a ajuda de todos os santos. Em apuros, nossa gula teve de ceder a tudo. Como diria o gato do mato lá na fábula: “antes morrer magro no mato, do que gordo no papo do gato!”. Ao passar debaixo da cerca de arame farpado, numa pose de relâmpago, ainda tive minha camisa rasgada. Era o homem gritando lá atrás, e a gente levantando poeira pelo caminho.

Nem posseiro, nem latifundiário, fui bicho assustado sim naquele dia. E até hoje sei que, sob os domínios do medo, muita coragem se tem. Coragem não para comer o que é do homem (ainda mais se for um homem armado), mas para se fugir com todas as forças possíveis. E não há cerca de arame farpado que segure um bicho acuado em fuga.



Por água abaixo

Sá Maria Bernadina tinha dado permissão. Isso tinha. Lembro que ela, lenço na cabeça, boca sem dentes, rosto cheio de rugas e bondade, convidou lá do alto da escada:

– Pode levá, meus neto! Leva que o Tonho num tá'qui não!

E arrematou com sua voz cantada de avó de muitos netos:

– Faiz doce e num dexa de trazê um tiquinho pra vó não, viu!?

Bernadina fora parteira de minha mãe em quatro dos dez partos. Nos seus braços vieram ao mundo o Dola, o Everaldo, a Ceia e este que à luz do mundo agora lhes fala, escrevendo nestas linhas. Os outros seis nascimentos foram realizados por outras mulheres experimentadas na arte de assistir parturientes. A Lia do Zezinho e a Joaquina do Firme receberam nas mãos o meu irmão mais velho, o Nonô. O Elton e a Neia nasceram ante os olhos da Sá Bilica. A Fia veio ao mundo no colo da Lia do Zezinho, de novo ajudando nossa mãe. A Conceição do Simão recebeu a Elenice. E a caçula Aline, já em tempos mais modernos, nasceu foi no Hospital de Nossa Senhora das Mercês, em São João del-Rei, com médico, enfermeira e toda a parafernália da medicina.

Mesmo sendo parteira só de quatro, desde sempre a Bernadina adotara os nove rebentos como seus netos. Não chegou a conhecer a Aline, que nasceu depois da sua morte. Mas se tivesse conhecido, teria sim a décima neta, que

seu coração era de mãe, imenso que não acabava mais.

Permissão dada, o pomar convidativo lá no morro nos chamava. A Fia, o Dola, a Ceia e eu fomos alegres, peneiras nas mãos e bocas já pensando no doce que seria feito, na doçura da goiaba no tacho quente, a pasta avermelhada se ofertando saborosa ao nosso desejo de açúcar e vida.

E a vida, naqueles instantes, mostrava sua cara de beleza e bondade. Boa e bela, a existência nos permitia subir pelas goiabeiras, contíguas e frondosas, os troncos predominantemente lisos dificultando a gostosura da escalada, uma aventura de dar água na boca. Os caules, com poucos nós e tortuosidades, e os galhos a esmo nos ajudavam na tarefa. O Dola ia mais alto, catatau e esperto desde sempre. E pássaros voavam entre os galhos, nem se importando com a nossa presença. Aceitavam dividir conosco o que de graça lhes era dado por Deus. A Fia ficou embaixo das árvores, pegando as goiabas que lhe jogávamos ou as colhendo pelo solo esparramadas. Em sua faina de catadora, às vezes mandava um lembrete:

– Num joga no chão não, gente! Machucada num dá doce bão não!

Apesar dos avisos, continuávamos jogando às vezes. Eu, sinceramente, não sabia se jogava ou se comia. Para não me corroer na dúvida, ia alternando os gestos: ora as mãos ágeis atiravam para baixo as frutas doces, ora a boca ávida mordida as polpas com afoito de infância e felicidade.

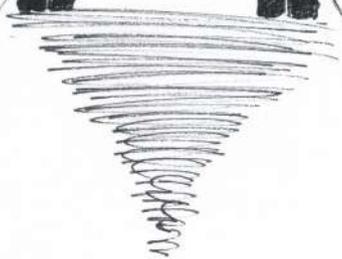
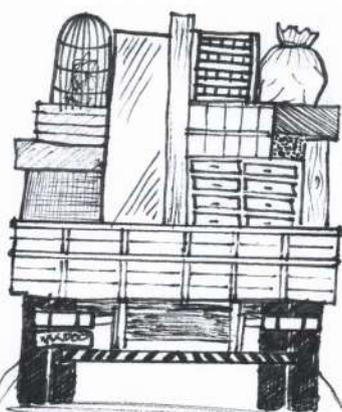
Depois da gula saciada e de mãos e braços destreinados na tarefa de macaco, descemos e passamos a ajudar a Fia na colheita das goiabas pelo chão. Usamos a desculpa de que ela não estava dando conta do recado, de que precisava de ajuda lá embaixo. Fingiu que acreditou, a nossa irmã.

E fomos trabalhando juntos, acabando de encher as peneiras. A Ceia e eu, pequeninos, levaríamos as menores, que criancinhas têm pernas e braços aquém da vontade. Esta sim, imensa.

No exato momento em que colocávamos as peneiras sobre nossas cabeças, do nada apareceu o seu Tonho no meio do pomar. Entre as sombras das árvores, escondendo-se do sol sobre a vida, eis que surgiram o homem e sua carabina. Meio corcunda já, o corpo do proprietário cedendo ao tempo; mas a ganância falando alto, insistindo em viver para além do mundo, do universo, como se fosse possível reter entre as mãos as frutas, as árvores, a fazenda, o povoado, a vida e toda a sua matéria.

Nosso susto, enorme, cresceu mais do que a vontade de doce no tacho. Caíram as peneiras e as goiabas. Estas foram rolando morro abaixo. Nossas pernas cresceram mais ainda, sem peias. Avançamos para depois do pomar, pela estradinha subindo que nos dava fuga. Fomos subindo com pressa o morro, deixando para trás nossas goiabas dadas pela Sá Maria Bernadina. Nossa vontade foi podada sem pena. Cortada ao meio como se corta uma árvore em sua promessa de fruta. E os frutos no tacho, a mão de nossa mãe mexendo a vida açucarada e bela, tudo isso ficou apenas no sonho. Devaneio rolando pelo chão.

Lá embaixo ficaram os gritos do Seu Tonho. Sua boca, espumando de raiva, gritava que era para levarmos tudo e terminarmos com a roubalheira que tínhamos principiado. Lá permaneceram o homem e sua voz. Rumor de tempestade eterna caindo sobre nossos ouvidos.



Êxodo

Palavra andarilha, esta. Bonita e triste. Aos meus olhos e ouvidos, ela sempre chegou insinuando-se, de modo impertinente, ataviada e terrível.

Como tenaz necessária, ela me veio quando eu ouvia na igreja falarem do Livro de *Êxodo*, da perambulação do povo hebreu pelo deserto. E diziam com bocas de fé e exaltação que aquilo tudo era livramento da escravidão no Egito, era libertação de um povo que, apesar das necessidades por terras áridas, foi acudido sempre por Deus. Coluna de fogo, maná e aves dos céus, água jorrada da pedra, sapatos nunca gastos, roupa durando quarenta anos, as falas de Deus aos seus escolhidos... E tudo isso junto com homens tentando andar sob leis, com mulheres e crianças mudando-se com suas tendas sendo montadas e desmontadas, com animais sendo guiados a esmo pelos caminhos desérticos. Tudo isso uma falta. Uma falta de raízes dolorosa para mim.

Daí o meu olhar agudo para os ciganos. Para o modo como eles assentavam-se, sempre provisoriamente, em Resende Costa. Isso se dava lá no Cruzeiro, perto do grande barranco e do campo de futebol, na saída para o Ribeirão de Santo Antônio e para o Curralinho dos Paula. Eu passava por perto com medo, escondido entre moitas. Namorava suas panelas e apetrechos, com o receio de que eles me confundissem com tudo aquilo, me considerassem também da posse deles e me levassem para bem longe, para ondes impossíveis aos olhos protetores dos meus pais.

E nas aulas de Geografia e História, quando se discutia sobre o êxodo rural, sobre as migrações no nosso imenso país, eu sentia a desproteção de muitos compatriotas. Famílias inteiras iam saindo de seus lugares, dos seus recantos, buscando vida outra, talvez melhor, nem que fosse no sonho. Lembro, assim, que meus irmãos mais velhos fizeram o mesmo nos anos de 1980. Saíram de Resende Costa para São Paulo, naquela euforia da época. Jovens do Brasil imenso e interiorano iam para a metrópole afundar-se entre concreto armado, poluição, trânsito e sonhos de uma vida melhor. Lembro minha mãe ansiosa por cartas, que viajavam muito para chegar a seus destinos, trazendo notícias dos filhos distantes. As comunicações demoravam tanto, mas acho que eram de fato pontes entre as pessoas. Hoje, tudo tão rápido, tudo um *flash*, que não sei mais se estamos nos comunicando a contento pelos *e-mails*, pelos aplicativos e pelas redes sociais. As cartas demoravam, mas iam e vinham, falando dos esforços de meus irmãos na grande São Paulo. E lembro minha mãe chorando ao lê-las e, logo após a leitura, pegando decidida a caneta e folhas de caderno para responder à prole. E não demorava para levar sua missiva à agência dos Correios. Eu mesmo, em meados dos anos 1990, troquei cartas com minha mãe. Isso quando computador era coisa para pouquíssimos. Ela em Resende Costa, eu em Belo Horizonte – e as cartas sendo aliança entre nós.

Lembro-me também, e não me esqueço jamais, de todos e de tudo lá em casa, no povoado do Ribeirão, nos ajuntando em mudança para a Vila. Lugar aonde eu já tinha ido algumas vezes e me deslumbrado com as luzes nos postes acesas. No Ribeirão era tudo escuro nas noites

de lua escondida, a lua morando longe de nós. Na vila, os poucos postes de luz davam ao mundo um ar de falta de medo, de ofuscamento das tristezas, de fechamento dos caminhos da morte. No caminhão fomos todos, para mudar de vida: porcos, galinhas, gamelas, feijão, peneiras, móveis, pilão, bacias, moinho de café, penicos, debulhador de milho, filhos, filhas, enxovais, roupas, lamparinas, colchões, rolo de fumo, os cachorros Preto e Veludo... E regendo essa orquestra tão vária, segurando a batuta com ânimo, lá iam conosco também os nossos pais, os valentes Jesus (Seu Didi) e Laura. Os dois do mesmo modo eram músicos, e mestres, na banda da vida tão bela, na banda da vida tão nua, na banda da vida tão crua.

E a dança seguiu os seus passos, como a água leva detritos. A casa nova. A rua descalça. O barranco de lixo queimando-se, que dava acesso à nossa rua. As poucas e olheiras casas. As pessoas tomando fresca à noite e falando da vida alheia. Os casais de namorados e seus desejos quentes e irrefutáveis. A meninada brincando com os cachorros e gatos na rua, todos alegres ou tristes, alternadamente, e sendo uma coisa só, bonita de se ver. A vida dançando como se deve.

E como se deve, eu lembro. Sempre vejo tudo, mesmo que por fragmentos pescados aqui e ali. Recordo para não morrer. A cor do que lembro é dúbia, é cinza e vermelha. Não existem paraísos perdidos, que esses não grassam na vida, senão nos mitos que construímos. Mas na pesca que realizo, fisgo também momentos de paraíso. Até mesmo a dor vira alegria, quando vislumbrada como sendo elemento vital. O passado existe e é forte. Olhando para ele, construo raízes para esta vida cigana, para esta vida passando.



A rua descalça

A rua tinha recantos. Descalça, pobre e ao mesmo tempo rica de possibilidades e fantasias. Com a terra à mostra, surgiam estradas para carrinhos de madeira e de plástico, levantava-se poeira densa com pés afoitos nas queimadas e peladas. No pega-bandeira, era um deus-nos-acuda. A Prefeitura, de vez em quando, espalhava cascalho para evitar o barro nos dias de chuva. Davam trabalho as pedrinhas. Tropeços dos dedos que, errando a bola, se machucavam. Vacilações de saltos altos sob pernas vaidosas e belas: as mulheres insistindo em patinar sobre os serezinhos duros e rolantes. Desvios necessários para os carrinhos de meninos com pressa: os seixozinhos eram montanhas a ser transpostas, e os carros tinham que volteá-las porque os garotos ainda não possuíam alta tecnologia para perfurar pedras. E, o que era pior, as pedrinhas dificultavam muitas vezes as partidas de bolinha de gude.

Com a rua em cascalhos, o jeito era buscar pelos passeios das casas, também descalços. Ali a Prefeitura não intervinha, a não ser para ralhar com certos avanços em direção à rua que alguns moradores espertamente tentavam fazer. Ao lado de cercas de taquara ou placas de cimento, a garotada brincava. E havia uma placa, mais lá para baixo no depois da casa do Chicão, em que tinham desenhado o Zico com suas pernas ágeis no futebol. Ficava ao lado de uma porteira que diziam mal-assombrada pelas madrugadas, mas ninguém se importava com isso. O medo era

deixado para de noite, quando pela porteira vinham almas de seres sem nome. Vinham lá dos cafundós do pasto do Chicão, bem lá dos fundos mesmo, onde havia bambus enormes, sombras densas, samambaias comestíveis e cobras de asas.

O desenho do Zico era uma graça. Jogador de renome na época, corpo desenvolvido inclinando-se no ar para dominar a bola, como que mostrando sua liderança no Flamengo, com vitórias que vinham pelas décadas de 1970 e 1980. Tinha mesmo que ser feito o desenho do atleta, diziam. E não só pela Copa que aconteceria no México (estávamos no ano de 1986), mas também pelas brilhantes participações do esportista nos campeonatos brasileiros de 1980, 82, 83 e na Seleção Brasileira nas copas da Argentina em 1978 e da Espanha em 1982.

Era ao lado daquela placa que os meninos mais gostavam de jogar suas partidas de bolinha de gude. A presença do jogador rubro-negro carioca dava mais força aos concorrentes, que lutavam por acertar as birocas e “matar” as bolinhas dos colegas. “Matar” e arrematar, que as coleções de cada um não podiam diminuir, mas antes deveriam aumentar *ad infinitum*. E com orgulho cada participante andava pela rua descalça com seu saquinho transparente cheio de bolinhas. Os saquinhos eram surrupiados das despensas maternas, pois tinham vindo das vendas e mercados embalando mercadorias diversas. Da nobre função de embalar víveres, as embalagens de plástico passavam à nobilíssima tarefa de guardar as bolinhas compradas e as angariadas em conquistas às vezes honestas e noutras não.

E as batalhas se mostravam cada vez mais difíceis. Na terra vermelha dos passeios descalços, nem cimento nem

ladrilho nem cerâmica. Tudo era poeira sob pés encardidos, que chinelas não eram bem-vindas naquelas horas. Os dedos dos pés plantavam raízes no chão. De cócoras, os meninos mostravam destreza com o indicador e o polegar arremessando as bolotinhas de vidro em direção a cada um dos quatro buraquinhos feitos no chão, sempre no desejo de acertá-los todos para depois avançar contra as bolinhas dos inimigos. “Perder a vez”, nunca! Ganhar, sempre!

E os olhos cresciam mais era sobre as bolinhas raras, as que pareciam pedras valiosas. A miríade de cores e brilhos em cristalizações fazia os olhos cintilarem. As bolinhas transparentes, com um tom azulado no centro, mostravam-se as mais cobiçadas. Eram arremedos de topázio azul, água-marinha, lápis-lazúli e outros azuis profundos, para lembrar aqui o belo livro de Henriqueta Lisboa, *Azul profundo*. É nesse livro que o poema “Azul profundo” fala das sensações de infinidade e ao mesmo tempo da pequenez do homem diante das coisas da vida, diante da própria vida em sua imensidão. Deixemos alguns versos de Henriqueta falarem aos nossos olhos e ouvidos:

*Azul profundo, ó bela
noite inefável dos
pensamentos de amor!*

*Ó estrela perfeita
sobre o espesso horizonte!*

*Ó ternura dos lagos
refletindo montanhas!*

*Ó virginal odor
de primavera derradeira!*

*Ó tesouro desconhecido
por toda a eternidade!*

*Ó luz da solidão,
ó nostalgia, ó Deus!*

Temos nostalgia sempre. Uma lembrança azul. Do que foi e do que virá. E também do que é, pois é no agora que tentamos abraçar (e faço isso escrevendo esta crônica) o que corre o risco de fugir de todos nós: a vida, sua beleza, sua memória e seu porvir. Participar daqueles jogos (escrevo agora) era buscar por gemas cheias de vida, joias e pedras preciosas em rua descalça e rica como a própria existência.



Os cinco corações

A tarde indo pelo meio, o sol abrasador lá fora. Sob o telhado candente de amianto, as mãos da mãe trabalham. Rangendo um pouco, o tear inquieto transpira castigado pelo calor. Os pés da mãe alternam as pisadeiras. Os braços puxam e empurram a queixa, intercalando-se no ato certo de jogar o novelo, cruzando os fios de retalho que vão compondo a colcha. Alguns fios arrebeitam-se na teia. Mas a paciência levanta-se do banco, apoia a barriga no rolo, e os dedos pacientemente arrebanham os fios tremalhados, passando-os pelo liço, unindo ponta com ponta, restabelecendo a continuidade que se havia perdido, o caminho da construção.

Na parede de tijolo, algumas aranhas escondidas têm inveja de trabalho tão difícil, porque não ofertado pela natureza. Enquanto a aranha é a mestra natural da tessitura, a mulher é a mestra-mor, pois não lhe foi dado tecer assim gratuitamente. Teve a mulher de aprender tecnologia tão nobre, tão bela. No entanto, mulher e aranha não se confrontam. Ambas são parceiras nas tessituras da vida.

E a mulher vai tecendo com o filho ao lado. O menino fica ali, raquítico mas esperto, cansado de já ter ido à escola pela manhã, de já ter buscado o leite na casa da Dinha, de já ter ajudado na arrumação da cozinha depois do almoço. Dever de casa já feito, que a tabuada será tomada pela professora no dia seguinte. Ponto por ponto será cobrado.

A multiplicação é complicada, contudo o garoto persiste. Tem o desejo de que na vida as coisas boas, como estar ali com a mãe, se multipliquem e que não sejam vítimas de tanta subtração. Mais para a noite, ele ainda terá que correr pela rua, bater uma pelada, fugir às pressas num esconde-esconde pelos cantos ao redor. Antes disso tudo, porém, a contemplação da boca e das mãos da mãe. Um canto nos gestos e na voz.

Então o desejo antigo do menino, anterior a ele mesmo. E o pedido que nunca se cala:

– Mãe, canta de novo pra mim!? Canta a da vaquinha!

Atendendo à vontade incansável do filho, o tear batendo sem cessar, lá vem a voz da mãe gorjeando com altura e zelo a história triste da vaca em seu destino. As mãos puxando e empurrando a queixa do tear, enquanto a boca entoa a queixa da vaca em seu fadário. A declamação inicial, considerando a vaca em sua realidade sem alegoria, introduz um cenário triste:

*Aquela pobre vaquinha indo para o matadouro,
tão velha e magra que tem os ossos furando o couro.
Parece que ela adivinha que caminha para o fim.
Se ela pudesse dizer, talvez nos diria... assim...*

E o guri suspirando, esperando pela voz modulada após o introito doloroso.

E de imediato o lamento da vaca, a verdade dita ao homem, nua e crua:

Meu boiadeiro me levando à morte,

*Dei minha vida para lhe ajudar,
Meu leite puro é que matou a fome
De seus filhinhos, que ajudei criar.*

*Os meus filhinhos você levou embora,
Uns para o corte e outros no estradão,
Puxando carro pelo chão do mundo,
De dor sangrado pelo seu ferrão.*

O “chão do mundo” provoca um oco no coração do moleque, um sentimento de profunda tristeza. As palpitações do tear dão o compasso da música, os passos da vaca, o ritmo de um coração machucado que, no entanto, bate ainda com anseio de vida. Os batimentos secos do tear misturam-se com as vogais sonoras na voz da mãe, dando a elas uma base, um alicerce, um chão firme.

A “chicotada da partida” reboia no ouvido atento à voz da mulher. Os olhos da infância estremecem, como se estivessem eles mesmos sendo flagelados. Uma infância já tremendo perante os açoites do mundo. E a mãe continua dramática, num canto altissonante que todos da rua podem ouvir. O tear segue gemendo surdamente; os pés não param; as mãos prosseguem; o gorjeio avança, vibrando.

*Quando sua faca atravessar meu peito
E o meu sangue lhe escorrer na mão...*

O coração do garoto disparado, a língua seca de alegria e de medo, os olhos com um brilho indescritível. A imagem do sangue escorrendo, da faca atravessando o peito da vaca, da

vaca morrendo sem resistir à faca. E o menino tonto, tonto de prazer com o canto da mãe, tonto de dor ao encarar a morte. A morte de um ser tão importante como a vaca.

De repente uma luz brilha no céu:

*Desde o início da humanidade,
Quando em Belém viram a Divina Luz,
Com o meu calor, na fria manjedoura,
Fui eu que um dia aqueci Jesus.*

Os lamentos da mãe e da vaca perduram, mas agora a estrela de Belém aparece e aquece todos os corações. O seco coração do tear, o amoroso coração da mãe, o sangrento coração da vaca, o disparado coração do filho, o sagrado coração de Cristo.

E a imagem do presépio abre o sorriso do menino. Não um presépio montado, desses que se fazem todos os anos em milhões de casas. Mas sim um presépio outro, remoto: aquela cena real em que Maria e José, fugidos de Herodes, hospedam-se numa estrebaria sob os auspícios de simples animais. E lá estava a vaca, presença doce e duradoura, anterior ao lamento que agora o menino ausculta.



Mata virgem no fundo da vida

Lu e Tila eram duas irmãs fazendo suas mágicas no fundo da horta, um valezinho bem mais para baixo do nível da casa paterna.

Entre bananeiras, um pé de jabuticaba, piteiras, pés de *ora-pro-nobis* e taioba, elas fizeram sua casinha com telhado de varetas cruzadas sob folhas secas e capim. As paredes eram lonas pretas, retesadas por paus fincados no chão e presas na base com pedras para que o vento não fizesse traquinagens.

Os utensílios e móveis que tinham, sem nenhuma ajuda de ninguém adulto, eram simples e dádivosos. Os bancos e as prateleiras eram tijolos e madeiras sobejados de construções. As toalhas e os guardanapos, retalhos velhos não aproveitados no tear. A mesa da cozinha, uma pedra de mármore já um pouco carcomida de que o pai se desfizera e que ficou elegante sobre os tijolos regulares. As vasilhas eram sobras da cozinha da mãe. Televisão e geladeira não tinham: quase ninguém possuía esses confortos, daí elas não se preocuparem com isso. Para cama, bem no canto do barraquinho, sacos trançadinhos estendidos sobre folhas de bananeira. Sobre os sacos, ásperos para corpinhos cansados, colchas velhas de retalho que também eram restolho muito aproveitável do enxoval da mãe.

Todo santo dia, vinham afazeres infindáveis. A vassoura não parava nunca. Varria e levantava poeira, que o chão era

de terra mesmo. E depois a luta das meninas para remover o pó dos móveis. Não queriam, porque não queriam de jeito nenhum, que alguém chegasse ali e escrevesse desaforos sobre a mobília, como aqueles que elas viam nos fuscas pelas ruas. Um “Lave-me por favor!” que era mais um deboche direcionado ao dono do veículo do que um pedido de socorro do pobre e sujo carrinho. Além do mais, sujeira não é bonito, pensavam consigo as irmãs trabalhadeiras. Lenço na cabeça, espanavam tudo, e tudo limpavam com esmero exemplar.

Aquele era o mundo delas, bem melhor, longe dos mandos do pai e das cobranças da mãe. Ajudavam sim no tear, nos afazeres da casa, na varredura do passeio em frente da casa. Até as marmitas faziam para o pai comer lá na lavoura, que plantar e colher para ajudar no sustento de quatro pessoas não era nada fácil. Ajudar sim, porque os dois teares também contribuía em sua faina com as despesas da família. A mãe num tear, sempre. E as duas irmãs se revezando em outro para não cansarem tanto, pois tinham que estudar, ajudar em casa e ainda cuidar de sua verdadeira morada, a que ficava lá nos fundos entre as ramas de *ora-pro-nobis* e os pés de taioba. Os gastos eram volumosos. Três mulheres e um homem; e as duas filhas eram boas de garfo, sim senhor!

Auxiliavam em tudo. Quando tinham trégua, porém, lá iam cuidar da sua casinha, a de verdade, na mata virgem no fundo da vida.

Nesse lar aconchegante (porque somente delas), poucos amigos entravam. Eram escassos os agraciados, os convidados por tão boas anfitriãs. A irmã de Lino era sempre um dos obsequiados por Lu e Tila. Ia lá muitas vezes, e

voltava deslumbrada, contando detalhes daquela vida verdadeira, daquela vivência de se invejar.

Tempos depois, Lino entrou lá uma vez com a sua irmã. E da casinha guardou uma doce visão. As donas serviram afáveis e doces saborosas, colhidas ali mesmo na hora avançada da tarde. Tomaram uma limonada depois, para refrescar o calor e amenizar o doce que ficara impregnado nas bocas ávidas de vida.

O menino gostou tanto da visita, que depois disso mandou para as duas irmãs uma geladeira (um invólucro de vidro transparente que encontrara no barranco de lixo perto de sua casa e que era uma belezura). As amigas lhe ficaram muito gratas. Depois de lavada a geladeira, nunca deixavam de depositar nela água fria filtrada lá na cozinha da mãe.

Mas Lino se deslumbrou mesmo, quando lá na casa esteve, foi com os pés de *ora-pro-nobis*, as silenciosas e grandes ramas que ficavam ao redor do ranchinho. Eram cercas vivas orando pela proteção da casinha das amigas. Com suas flores brancas de miolo alaranjado, os arbustos deram ao menino uma sensação boa de paz, alegria e proteção. Ofertaram-lhe, naquele mundinho imenso das amigas, a fabulação importante e necessária nesta vida.



Menino também brinca de boneca

Certo dia a irmã de Lino passou uma tarde inteira na casinha das amigas Lu e Tila. As duas irmãs a tinham convidado para brincarem de comadres lá no fundo da horta com a permissão dos pais.

Depois de costurar e bordar com as colegas, sua irmã chegou na boca da noite com um presente feito por elas, o qual lhe fora oferecido de bom grado.

– É feia de doer, parece até uma bruxa a coitada! – maldisse a irmã de Lino.

Cabeça quadrada. Cabelo não tinha nenhum: só um pano preto envolvendo o crânio. Olhos, nariz e boca mal traçados com costura de agulha hesitante e linha preta. O pescoço e o corpo eram um toquinho de panos envoltos por uma fazenda maior e bem costurada. Braços e pernas, idem, só que em toquinhos menores. As pernas, é claro, mais compridas que os braços. O vestidinho que a boneca usava era bonito, de chita, numa costura também acriançada. Assim um pouco torta, a bonequinha era linda aos olhos de Lino. O vestido dava vida àquela “bruxinha”, assim nomeada pela irmã. Um vestido ramado, com flores vermelhas e amarelas num fundo verde-claro.

A menina luxenta, desdenhando a bonequinha, atirou-a sobre o banco de madeira da sala, dizendo que iria jogá-la no lixo depois.

Então o menino se apaixonou pela rejeitada. “Que bru-

xa que nada!”, pensou consigo. Pediu a boneca para si com a maior naturalidade do mundo. A irmã fez um muxoxo e deu de ombros:

– Se quiser, pega! Nunca vi menino brincar de boneca, mas pode pegar.

Lino não se importou com as palavras da irmã. Ora essa! Não tinha nada disso não. Estava amando a boneca e pronto. Não via problema nisso não.

Pegou a boneca e abraçou-a com aperto carinhoso. Não lhe daria nenhum banho, não por enquanto, que ela estava novinha ainda, acabada de ser feita. Se lhe cuidasse bem, se não a deixasse no chão sujo de terra, se não a expusesse ao sol que castiga, não teria que banhá-la tão cedo.

Levou-a para o seu quarto, e lá a deixou dormindo tranquila sobre a cama, bem ao lado do travesseiro. E já ansiava a hora em que dormiria ao lado dela, abraçados os dois. Ele sendo o pai de um serzinho tão pequeno e indefeso.

Saiu para correr com os amigos na rua. Jogou uma pelada, pegou bandeira e depois ainda brincou de esconde-esconde. O tempo todo, porém, brincando lá com os amigos, foi sentindo uma ansiedade, uma espera danada. Uma vontade louca de chegar em casa, tomar um banho, tomar um café com leite bem gordo e se deitar ao lado da bonequinha, dar-lhe carinho desmesuradamente. Um instinto profundo foi tomando conta de seus pensamentos, cada vez mais. Um desejo de ser pai do serzinho desengonçado, não aceito pela irmã.

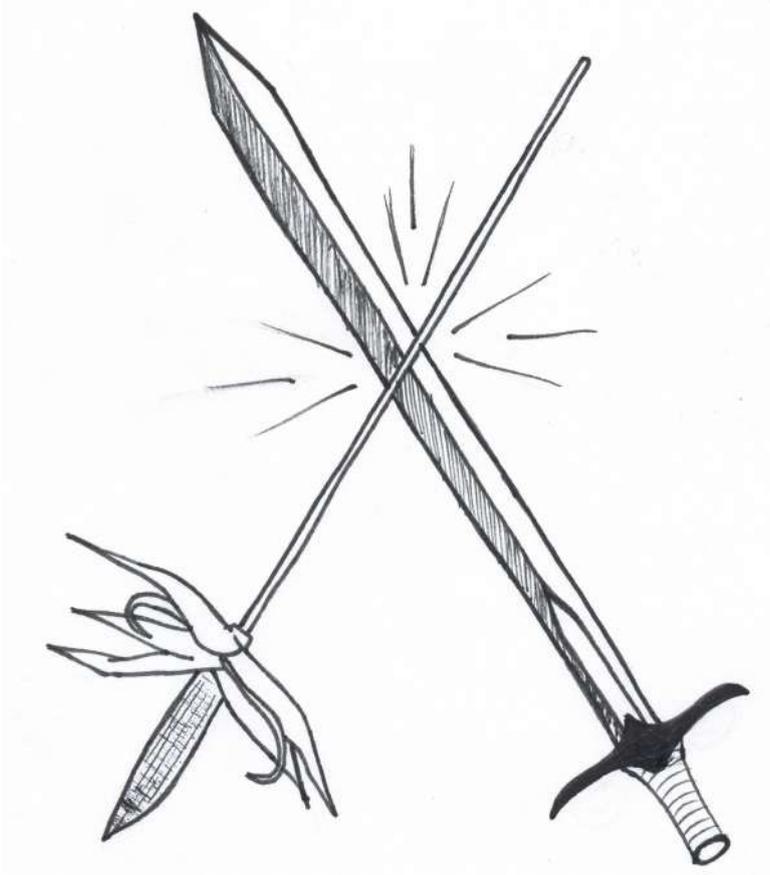
Tudo, porém, ficou só na vontade. No mais depois da noite, já em casa e de banho tomado, o menino se preparava para dormir, quando o pai chegou de fazer serão no trabalho.

O homem entrou no quarto do garoto dando um ufa de cansaço pelo longo dia, e seus olhos viram a boneca sobre a cama do filho. Indagou que coisa era aquela ao lado do travesseiro.

Lino ficou quieto, temeroso da tradicional braveza do pai. Uma braveza que lhe tirava a espontaneidade, a possibilidade de viver sem receios. Uma braveza amorosa, mas cheia de espinhos desnecessários. Diante do silêncio do filho, outra vez a pergunta. E mais uma vez o silêncio do garoto.

Antes que o pior acontecesse, a mãe veio imediatamente ao socorro do filho. Foi logo entrando no quarto e informando ao marido do que se tratava. Disse sem medir palavras, pronta já para enfrentar as manias do esposo. Ele não pestanejou um segundo sequer. Seus olhos relampejaram sobre o filho, reprovadores, e suas mãos, sem esperar alguma reação da esposa, pegaram a bruxinha sem se importarem com o choro do menino. Porque este já chorava, e não pouco. Com passadas bravas, o pai foi até a privada seca, lá no fundo da horta, e jogou o brinquedo na fossa.

Lino continuou chorando em seu quarto, só que agora em silêncio. Engoliu pouco a pouco as lágrimas antes que o pai viesse lhe exigir contenção. E foi dormir sozinho. Nem tinha jeito de fazer uma sepultura para sua filha, que na fossa da privada isso não seria possível. Entre as fezes humanas, ficaram enterrados sua filha e o seu desejo de ser pai.



De espadas e de heróis

As crianças brincam. E adultos felizes, os que têm a infância durando conscientemente dentro de si, também brincam.

Por isso estou aqui brincando. Estou jogando com palavras, criando e recriando a minha e a nossa vida. Estou seguindo aquilo que Freud constatou em nossa existência: assim como as crianças brincam, criando mundos pela imaginação, o escritor faz isso com palavras. Os escritores criativos embarcam em devaneios não para fugir da realidade, mas para narrá-la de modo melhor. Assim também as crianças. Inventam asas não no intuito de voarem para além desta vida, mas para mergulharem num voo certo no âmago mesmo da sua experiência vital.

E voávamos muito na minha infância. Como se voa hoje, é claro!

Se o adejar, no entanto, permanece em sua essência, as formas de voo vão mudando em certos aspectos. Mudam-se os brinquedos, muda-se o que é moda. O motor de tudo, porém, continua. Continuam os nossos gestos com formas variadas sim, mas sempre com os mesmos desejos.

Lá nos túneis de outrora, na minha cidadezinha, havia muitos barrancos não virgens, verdadeiros precipícios. E sua não virgindade era porque todos eram explorados por meninas e meninos elétricos. Hoje tais paragens estão cheias de mato, com mamoneiros, lobeiras e folhas de as-

sa-peixe se alastrando por tudo. Desconfio até que estejam abandonadas. As invenções de agora se fazem em outros cenários, outras plataformas, principalmente as digitais. As cercas de arame farpado e muros de placa ou de tijolo não contam. Porque criança não respeita tais obstáculos.

E esses obstáculos eram pulados para que as matas fossem desbravadas. Éramos bandeirantes que buscavam ouro o mais fino, diamante o mais precioso e inalienável. Procurávamos o devaneio sem o qual não sobrevivemos na vida. Nos barrancos de nossa meninice, tudo era possível. Até mesmo o desmundo.

Espadas eram tantas. Cabos feitos de sabugo de milho. Grão já maduro, debulhado e servido a galinhas, pombos e humanos esfaimados de vida, alegria e gula. O sabugo ficava para restolho a gado e para brinquedos infantis. Os cabos assim, de sabugo, serviam de base onde se espetavam barrinhas finas de ferro. Eram varinhas que sobravam do mundo adulto, principalmente nas construções civis onde os pedreiros desprezavam os restos da ferragem usada para a estrutura das lajes.

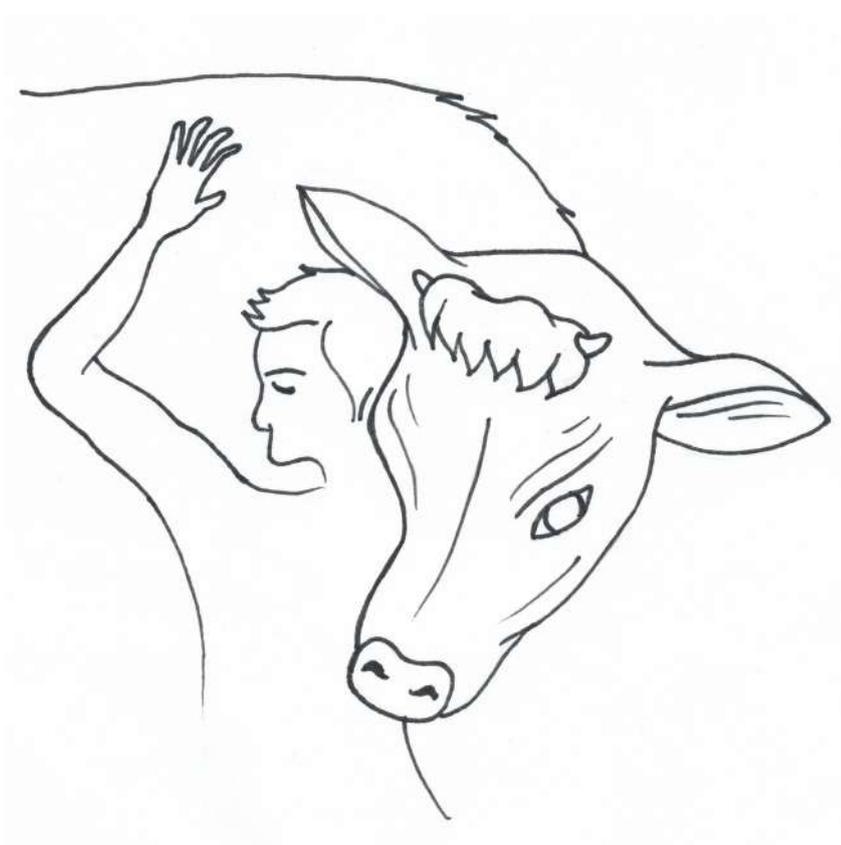
Eram tantas as espadas quantos fossem os heróis que pudessem manuseá-las. Éramos cavaleiros indomáveis em cavalos imaginários.

Cavalos não existiam mesmo. Só os de verdade, mas dos adultos. A imaginação dessa forma os criava e os fazia galoparem pelo *Grand Canyon* de nosso bairro, nos fundos de nossas hortas, lá onde podíamos sonhar e campear. As façanhas se realizavam no pasto do Chicão ou no barranco do outro lado da rua, mais para os fundos nos pastos do Lalado. Nossos ginetes eram invisíveis. E eram lindos em

suas formas, crinas levantadas ao vento, patas coriscando o chão sob o rumor que as folhas dos bambuzais faziam no topo de um barranco. E as folhas de bambu farfalhavam. Os caules lenhosos e flexíveis balançavam e se roçavam. Rangiam para nos dar medo. Alguns dos meninos até tremiam, já outros não. Aquelas vozes vegetais eram nossas companheiras, davam mais realismo a nossas peripécias.

E em nossas aventuras éramos venturosos. Heróis inabaláveis em suas vontades de viver. Lutávamos com vontade, cada um defendendo seu território contra as hordas inimigas. As nossas guerras eram pura vida, sem feridos e mortes. E golpes de espada atravessavam o ar, batiam-se contra as paredes das ribanceiras e voltavam num eco destemido para os nossos ouvidos. Era poeira fazendo densa cortina sobre os nossos medos encenados naqueles palcos. Era tudo poeira e suor, o que depois demandaria banho mais cuidadoso em casa. Isso para xingamentos das mães, para reclamações dos pais. As contas de luz e água reverberariam mais depois essas bravuras de amor.

E o amor era tanto, que os nossos pais aceitavam, no final das contas, energias tamanhas se desdobrando nos grandes espaços. E o céu sem fim, com seu azul profundo ou seu ar espesso de nuvens cinzentas, abraçava a todos os guris e gurias que corríamos pelos campos, pela poeira da vida vivida e nunca esquecida.



O boi não é marido da vaca

Sei que os bovinos não se casam. Felizes eles, pois não criaram instituições que tornam os humanos atabalhados e preocupados com cerimônias prazerosas mas cheias de trabalho. Os bois e as vacas se olham, se roçam, se aca-salam. Simplesmente vivem a vida sem muitas invenções.

No entanto, como viver é também carregar cruzeiros, esses quadrúpedes pagam lá o seu preço. Desde os tempos antigos têm servido ao homem que muitas vezes os trata sem o devido respeito.

Já eu os respeito demais da conta. Gosto de vê-los ruminando no pasto, numa paciência maior que a de Jó. E olha que, mesmo sofrendo, não apelam para Deus, não questionam nada. Pelo menos é isso que meus olhos e ouvidos humanos acham. As vãs certezas humanas. Os achismos. E enquanto vou achando, fazendo deduções apoiado em minhas duas pernas, os bovídeos vão pastando sobre duas patas e dois pés. E seus olhos olham os pertos e os longes, estendem-se pelas campinas silentes, às vezes mugindo e outras dormitando, as pálpebras cerradas para espreitar o silêncio do mundo.

Amo os bois e as vacas. E os bezerrinhos, nem se fala! No início meio molengos, quando recém-nascidos. Uma graça de lerdeza que me faz apaixonar. Depois a esperteza, perdendo somente para os cabritinhos.

Não tenho receio do gado do mundo. Só não uso roupa vermelha quando passo perto de seus corpos rijos, olhos arregalados e orelhas em pé, atentas. E isso não é mito. É verdade. Certa feita, num hotel-fazenda perto de Belo Horizonte, quando vários professores da universidade onde trabalho estávamos num seminário interno, um grupo foi indo para a área *gourmet* na hora do almoço. Atravessávamos uma trilha de pedrinhas no meio do pasto. Uma professora passou perrengue com suas roupas de um vermelho escancarado. Se não fosse o resto do grupo para tapar a presença encarnada daquela mulher, ela teria sido um alvo perfeito de uma vaca furiosa.

Volto a dizer: o boi e a vaca não se casam. Uma vez, porém, quando eu era adolescente lá em 1990 na Escola Conjurados Resende Costa, como teria gostado de que eles fossem casados! Melhor ainda: teria adorado se eles fossem um ser só, inseparáveis. Nem adiantaria que fossem simplesmente o macho e a fêmea de uma família de mamíferos. Explico o porquê dessa minha insanidade cheia de saúde.

A professora de História, Elzi Reis, trabalhava conosco a sociedade hindu. E eu me empolgava com o livro: as ilustrações me mostrando um deus de faces e braços, poderoso para criar e recriar o mundo com a beleza de uma flor de lótus (a pura beleza imperecível), a arquitetura sublime e as vestimentas exóticas para mim. Lembrem-se: estou falando de uma época em que não tínhamos *internet*, essa coisa toda de acesso fácil e rápido às informações do mundo todo dia e toda hora, até mesmo lá dentro de nossa casa com um simples aparelhinho. Não, não tínhamos.

E me apaixonei, não me esqueço, pela foto da escultura grande de uma vaca, e outra foto ao lado (na mesma página do livro) de uma vaca de verdade sendo abraçada por um homem. E a professora falava que os indianos tinham a vaca como animal sagrado, não comiam sua carne e não a maltratavam. Então me deu vontade, ali mesmo na aula de História, de morar na Índia, de conviver com essa existência sagrada sobre quatro apoios, com seu leite farto para bezerros tenros e cheios de vida. Essa vontade me deu até desejos de Paraíso, aquele mítico e perdido lá nas eras adâmicas, onde homens e animais viviam em placidez.

Esse meu desejo, no entanto, sofreu um primeiro golpe uns quinze dias depois. A professora nos aplicou uma prova sobre as sociedades estudadas. Numa questão de V ou F, afirmava-se num item que o boi era o animal sagrado da Índia. Marquei um V ali entre os dois parênteses, crente de que estava certo, certíssimo, numa inabalável certeza como a que me faz segurar nas vestes ardentes de Deus. Uma vez entregue a prova corrigida, meu desapontamento. Eu tinha errado a questão!

Como podia esse negócio de a vaca sim ser sagrada e o boi não!? Alguma coisa errada havia naquilo. Não que eu achasse que a professora e o livro estivessem errados. Mas também não aceitava que um animal, em relação a outro da mesma família, fosse considerado à parte. A Taxonomia não me salvava de desilusões. Esse fato só serviu para eu achar muito complexa a humanidade e para insistir, outra vez e às minhas expensas, no sonho de que o boi e a vaca são um só corpo vivendo na plenitude de um campo paradisíaco, sagrado e imperecível.



Caminhada de mãe e filho

Lino sobe com a mãe pela cidade. Vão buscar o pente de Lutar que dona Lucília fez. E o menino vai feliz. Quer ajudar no carregamento daquela peça cheia de palitinhos de bambu fincados ao longo de duas régua paralelas de madeira. Entre os palitinhos passam fios que se cruzam com tiras de retalho e fazem nascer tecidos, quenturas para os frios das pessoas e beleza para todas as vidas carentes de beleza. Não querendo deixar o garoto sozinho em casa, a mãe o leva consigo, protetora.

Depois do Largo do Rosário com sua majestosa árvore, os dois passam defronte da delegacia de polícia. E o medo de sempre da cadeia, palavra forte e opressora. Dizem que somente as pessoas más é que vão parar ali, mas o vislumbre de se prender alguém como se prende na gaiola um pássaro deixa ressabiado o menino. Asas são para voos; corpos pedem passagem para a liberdade da vida. E uma cadeia prende essa liberdade, ata-a com nó desumano, rijo, apertado e impiedoso.

Ambos caminham agora pela avenida central, e a porta austera dando entrada sombria para um corredor que leva ao consultório odontológico do Antônio Resende. As paredes caiadas de branco; um cheiro de flúor que atravessa as narinas, os poros da pele, os medos das pessoas diante do barulho de um aparelho polindo dentes ou do bisturi rasgando a gengiva; a busca dolorida da saúde por uma

boca ávida de vida. No centro de tudo uma cadeira grande, reclinável, onde se pode, mesmo sofrendo, sonhar com um sorriso mais limpo, uma vontade de beijo e falas longas e claras, sem peia nenhuma.

Mais adiante, depois da Limpadeira do Vantuir, o encontro. A mãe para com uma pessoa, e entabulam uma conversa. É o monsenhor Néelson. Amenidades e tristezas contidas se trocam sobre a tarde que se estende num vento lerdo e calmo, sobre pessoas que faleceram recentemente, sobre a vida mesma ao rés-do-chão. Comentam até sobre os dias longos que se tecem, mas que mesmo assim são curtos para tanta coisa a se fazer.

O garoto fica olhando intrigado para o padre que ele não sabe ser padre. Aliás, ele já conhece a palavra “padre”, mas nunca viu um em carne e osso. Fica olhando, curioso, e esperando da mãe uma explicação do que ele não entende. Como os dois adultos continuam conversando num esquecimento da existência dele, seu corpo infantil, então, resolve alardear sua presença. E entra na conversa alheia, fazendo-se parte do encontro, querendo indagar sobre coisa muito importante. E dispara sem receios:

– Mãe, nunca vi mulher de cabelo raspado e com voz de homem!!!

A genitora sofre de vergonha. O rosto queima e não titudeia na decisão de ralhar com o filho. Vai logo chamando atenção de sua cria. Sem violência, sem agressão física. Mas com autoridade.

O monsenhor, amável, lento, paciente. Sorri para o garoto, afaga-lhe a cabeça indomável e lhe sorri também com as mãos. Em seguida diz à mãe que ela precisa ter mais atenção

com a vida religiosa da família, levar mais os filhos à igreja.

A mulher pede desculpas e concorda com as palavras conselheiras. O padre avança em sua caminhada, sem saber que a mãe leva o menino sim, e muito, para a igreja. Contudo não é um templo com homens vestindo batinas ou batas. O que o garoto sempre vê são homens de terno e gravata, faça sol ou chuva. Um terno de fazer suar um pobre corpo no calor dos trópicos.

Então a mãe continua com seu filho na direção da Praça Professora Rosa Soares Penido. Vão para o Canela, lá onde mora dona Lucília, a fabricante de pentes de tear. E vai explicando ao garoto quem é aquele homem, fala da sua importância para a cidade e para os fiéis que ele pastoreia. E diz também do uso da batina, do que representa toda aquela compostura de um homem que fala em nome de Deus.

– Mas ele também sua, mãe? – o garoto interroga, querendo saber e se mostrando importante por não dizer “soa” como certa vez já disse e sofreu com o riso de uma pessoa que se acha mais sabida do que ele.

A mulher não entende o porquê da pergunta e o questiona sobre ela.

– Aquela batina parece quente – responde o filho.

Rindo bem alto, com vontade mesmo, a mãe diz que sim, que o padre sua, é ser humano como todo mundo.

Numa careta, então, Lino pensa de novo sua ideia de ser aquilo tudo muito chato. Terno e gravata pra quê? Batina e sapatos duros pra quê? Justo num mundo onde o sol derrete seu fogo sobre as pessoas! Isso não é certo. Isso também é cadeia, é prender as pessoas numas grades duras, de ferro. Pensa essas coisas, porém não diz mais nada. Só

vai pensando rua abaixo até o Canela. Pensando um pensamento longo, largo como os fios da vida.

[PRATO
DO
DIA!]



WBOC

Comer o nome, ler a comida

Nome pega e todo mundo sabe disso. Estudiosos da linguagem podem até falar que as palavras são arbitrárias, que são roupas que se vestem e que se desvestem em diferentes culturas. Não estou aqui para negar a ciência da linguagem. Mas a experiência é a base da vivência, e por isso não deixo de sentir que as palavras são as caras e as almas dos objetos que elas nomeiam.

Nome de pessoa, por exemplo. A gente conhece alguém e nunca mais consegue separar o nome da cara. Tentem trocar o nome de uma pessoa conhecida, e vocês verão que tristeza suas mentes buscando perceber aquele rosto com outro nome. Isso não desce de jeito nenhum por goela abaixo! No final das contas, a cara do fulano tem a cara do nome dele, o rosto da beltrana é o seu próprio nome. Imaginem, por exemplo, se tenho há anos uma vizinha chamada Dulce, e de repente me chegam e dizem que o nome dela é Lourdes. Aí minha cabeça entra em parafuso e minha teimosia antiga não deixa meus olhos verem Lourdes onde sempre viram Dulce.

E com comida o mesmo acontece. Alguém já viu macarronada com cara de feijoada? Ou arroz parecendo angu? De jeito nenhum! A comida também vai ganhando a cara do seu nome. E assim vamos pondo cada coisa, cada comida em seu lugar. Batizamos tudo, e os nomes de pia vão seguindo pela vida afora, entranhados nas coisas.

Quando criança, eu levava tão a sério esse negócio de nomes, que cismava demais da conta com alguns nomes de comida. Porque os nomes têm cara, podem ter certeza!

Churrasco era coisa incômoda. Para menino acostumado que eu era lá na roça a ver cana moída nos engenhos, inevitavelmente churrasco me fazia pensar em bagaço de cana. Não me perguntem por que tamanha confusão. Era ouvir falarem em churrasco, me vinha na mente aquele monte de cana triturada, a montanha de bagaço no canto do terreiro.

Vaca atolada, nem se fala! Um dia meu tio falou que fora num restaurante em São João del-Rei e que lhe serviram esse nome esquisito. Fiquei pensando numa vaca atolada de verdade. E como eu só a tinha visto atolada em brejo uma vez na casa dum primo, então fui imaginando meu tio comendo barro fedido com uma vaca dentro.

Nhoque, nem pensar! Como eu faria para comer essa coisa, ouvida só de nome porque nunca a tinha visto? Palavra esquisita. Parecia que eu é que seria comido por nome tão glutão assim. Via-me diante do prato e, de repente, NHOC!!! Adeus, menino guloso!

Mamãe dizia que dava muita comida boa ao lado de corregozinhos. Um dia ela falou que iria cortar serratucano para o nosso jantar. Fiquei com medo do nome. Parecia algo que serrava tucano. Uma ave tão bonita não podia morrer daquele jeito violento que o nome da guloseima prenunciava. Só fui ficar tranquilo depois que vi que o dito cujo apanhado por mamãe era um brotinho mais ou menos que nem broto de bambu.

E por falar em serrar, desde muito cedo comecei a conviver com a serralha. “Muito amarga”, minha irmãzinha reclamava. O nome era feio, pois me fazia pensar em algo que cortava, que podia nos serrar em vários pedaços. Mas depois que eu vi que os vários pedacinhos eram a própria serralha que mamãe cortava, uns filamentos fininhos de dar gosto que nem chuva fina gostosa, nunca mais pensei coisas tortas dessa verdura. E passei até a amá-la quando comida com angu e macoco em panela de ferro.

E o pé-de-moleque, o que fazer com esse nome?! Quando bem pequeno mesmo, eu não ia a festas juninas. Somente depois, lá pelos sete ou oito anos, é que comecei a ir. Eram as festas da escola. E que espanto tive quando me falaram do pé-de-moleque! Imaginei um pé de criança sendo comido. E um horror tomou conta de mim. Só depois é que fui ver que se tratava de um doce gostoso e tentador.

Falando assim desses nomes de comida, uma vontade de comer exatamente tudo isso me assalta. E aí lembro (e como lembro!) de pamonha, daquela que se fazia na minha região, massa feita de fubá e assada em folha de bananeira. Gostava de comê-la, mas não gostava do seu nome. E isso porque ele me fazia lembrar quando meus irmãos gritavam comigo: “Ê, pamonha, anda mais rápido com isso!”, “Você é lerdo mesmo, hein, pamonha!”. E então o nome me atazanava, me dava raiva. Mas a pamonha assada, essa me fazia ser feliz, me dava entradas no Paraíso, esse nome bonito e florido, um bom lugar para se viver.



O despropósito

A casa já estava tonta. A meninada corria no seu entorno. Afinal, criança brincando é uma loucura, um rodopio. Ciranda de entontecer.

Tudo começara na varanda, rente à porta da cozinha. Combinaram que fosse uma corrida. Não um pique de corre-corre nem de esconder. Disso todos já estavam cansados. Guris cansam à toa. E ninguém poderia fazer outro trajeto que não o combinado. Deveriam partir da varanda, correr em linha reta em direção à rua (o portão ficaria aberto), guinar à direita, passar em frente da casa diante das duas janelas namoradeiras, virar à direita de novo, entrar pela porta da sala (o portão aí também ficaria aberto), correr até o final lá perto da ribanceira, virar novamente à direita, passar pelos fundos da cozinha até chegar ao lado da caixa d'água já de frente para o galinheiro e a privada, guinar outra vez para a direita até a varanda da cozinha. E aí, perto da porta que dava para os quitutes que a mãe sempre deixava em cima do armário, todos deveriam continuar a corrida. E nada de algum sem-vergonha querer fugir do trajeto para furtar e comer algo lá de cima do móvel. A hora do lanche ainda não era chegada. Tudo a seu tempo. E agora seria a hora de correr. Só parariam os que fossem ficando cansados e não aguentassem mais. Ganharia aquele que, por último, permanecesse correndo ao redor da casa.

E assim todos giravam agora. Eram relâmpagos. Na verdade, não faziam um círculo perfeito. A casa era um retângulo, e além disso desobedeciam às quinas e faziam uma curva desengonçada, célere. Eram faíscas riscando num giro a vivenda. Fagulhas perigosas, fazendo estrondo como trovões irrequietos. E que perigos pelo caminho! Que não houvesse nenhum obstáculo! Seria morte na certa. O pior é que os relâmpagos também poderiam morrer. Mas eles não se preocupavam com isso. Que os adultos se cuidassem, que saíssem do caminho necessário à brincadeira!

Numa das voltas atordoadas, Lino quase se chocou com um grupo de visitantes que entrava pelo portão do terreiro da cozinha. Nas cidades pequenas as visitas são assim, sem cerimônias. Todos entram mesmo é pela porta da cozinha. E mesmo o portão estando fechado, nenhum problema. As mãos visitantes o abrem naturalmente, e passam com intimidade como se ele não existisse.

No quase choque, desviou-se ágil, e a mãe lhe gritou para que voltasse e pedisse bênção aos tios e cumprimentasse os primos. O menino respondeu “um já vou” animado e com pressa. “Já vou, mas deixa eu terminar essa volta!”.

E continuou correndo lá para a rua no intuito de, olímpicamente, fechar aquela rodada em tempo recorde, parar diante dos parentes, pedir bênçãos protocolares, fazer cumprimentos formais e voltar (com toda a educação do mundo) para a corrida que não podia perder.

Ele nunca tinha visto aqueles parentes. Não se lembrava da cara deles. Deveriam certamente ser de outra cidade. Dali é que não eram, pois em cidade pequena, pequenina mesmo, todo mundo conhece a cara de todo mundo. Ain-

da mais ele, Lino, um garoto que andava que nem cachorro sem dono no dizer dos pais e dos irmãos.

Apertou o passo; chegou até a varanda da cozinha; adentrou o recinto com educação, mas respirando forte e todo suado; esbaforido, pediu bênção e fez saudações. E os seus olhos, já olhando para a varanda lá fora na iminência de correrem mundo, viram de lado uma prima um pouco menor do que ele. Talvez quase do mesmo tamanho. Ela estava sentada no banco. Ele não pensou duas vezes. Numa educação agora espontânea e muito amiga, foi logo puxando a prima por um dos braços, convidando-a para entrar na brincadeira pelo terreiro.

Parou atônito, de repente. Parou estarecido com o grito que a prima acabara de lhe dirigir. Um grito tão alto, que seus ouvidos doeram. Alto e grave, numa voz de adulto.

– Me larga, idiota, que não sou criança, não!!!

No susto, ele viu que falava com mulher adulta, já bem adulta. Mas só que pequena, bem pequena. Ele falava, e ela gritava.

Largou-lhe o braço, as pessoas todas se olhando entre achar graça e meio desconcertadas. E ele com vergonha, muita vergonha e chateação.

Saiu da cozinha e voltou para brincar. Isso para não enfiar a cara num buraco, de tanto acanhamento. E teve raiva da prima. O problema não era ela ser pequena. Isso não. O problema era ser bruta.

Jardim de infância

Birra de criança não é fácil. Tive direito às minhas nos diversos momentos em que vinham a calhar.

Muitas vezes, porém, a birra vem junto ou é consequência de coisa séria. Algo terrível fica escondido nos sentimentos. E do lado de fora, nos gestos crispados e cara emburrada, nas lágrimas copiosas e convulsas, fica apenas a impressão de que a criança é cheia de momos (“momenta”, como dizem diversas pessoas em Resende Costa). Muitos não veem o que está por trás, ou melhor, dentro da mente infantil cheia de fantasmas. E os guris são julgados. Na secura da vida, os juízes cruéis, com senso adulto, não se esforçam por buscar o âmago das coisas.

Assim aconteceu comigo em 1984. Em maio eu faria já 8 anos, e de jeito nenhum queria ir pra escola. Era rebelde, de uma rebeldia convicta de si mesma. Desde os seis anos, portanto desde 1982, meus pais queriam me arrastar até o Grupo Escolar Assis Resende. De pedra, eu não aceitava isso, numa irreversível vontade própria. E o medo dos professores? O horror às responsabilidades que viriam bater à minha porta? Ler e escrever era muita coisa pra mim! O medo é que me dava coragem pra resistir aos adultos. Desse modo não frequentei o que se chamava pré-escola ou jardim de infância.

Chamava-se equivocadamente de pré-escola algo que, na verdade, já era escola. “Você só vai colorir, meu filho!

Fazer desenhos, brincar...”. E eu chorando, recusando. De onde tiraram que desenhar, colorir e brincar não são atividades que também fazem parte de um currículo escolar?! E o nome “pré-escola” não escondia aquilo que me dava medo: a seriedade de uma vida cheia de atividades, de deveres, de regras.

Já do nome “jardim de infância” eu gostava. Imaginava gramas, caracóis, lesmas. Via passarinhos, flores, malvas, perpétuas, “mentrastes” (quase ninguém dizia “mentrasto”) e muitas margaridas (belas e supremas margaridas). Também não faltavam copos-de-leite, erguidos com soberba e brancura. Por fim, escorregadores e gangorras (de madeira e de corda), cavalinhos-de-pau, cata-ventos... Como percebem, meu jardim era também um parque de diversão. Diversão sem os encargos de ler e escrever.

O adiamento das responsabilidades, no entanto, foi inevitável. Eu tinha que entrar pra escola, não podia ficar analfabeto. Nem que eu estudasse só até a 4ª série primária (hoje 5º ano). Pras pessoas da minha classe, lá na roça e na pequena cidade, o comum eram quatro anos de escola, da 1ª à 4ª série.

Em janeiro de 1984, mamãe foi conversar sobre o meu delicado caso com a diretora do Assis Resende, a dona Aparecida do seu Élson Maia. Lá na roça não tinha jardim de infância. E mesmo em 82 e 83, já na vila, o menino difícil que eu era não quisera ir pra escola, emburrado que nem mula empacada. A diretora foi solícita, carinhosa. Me abraçou e me apertou que só vendo! Ficou até parecendo ser minha mãe também. A cara dela me dizia amores, brincadeiras, parques, animais alegres, felicidades. Mesmo assim a minha desconfiança ainda era cavalo bravo, crinas soltas.

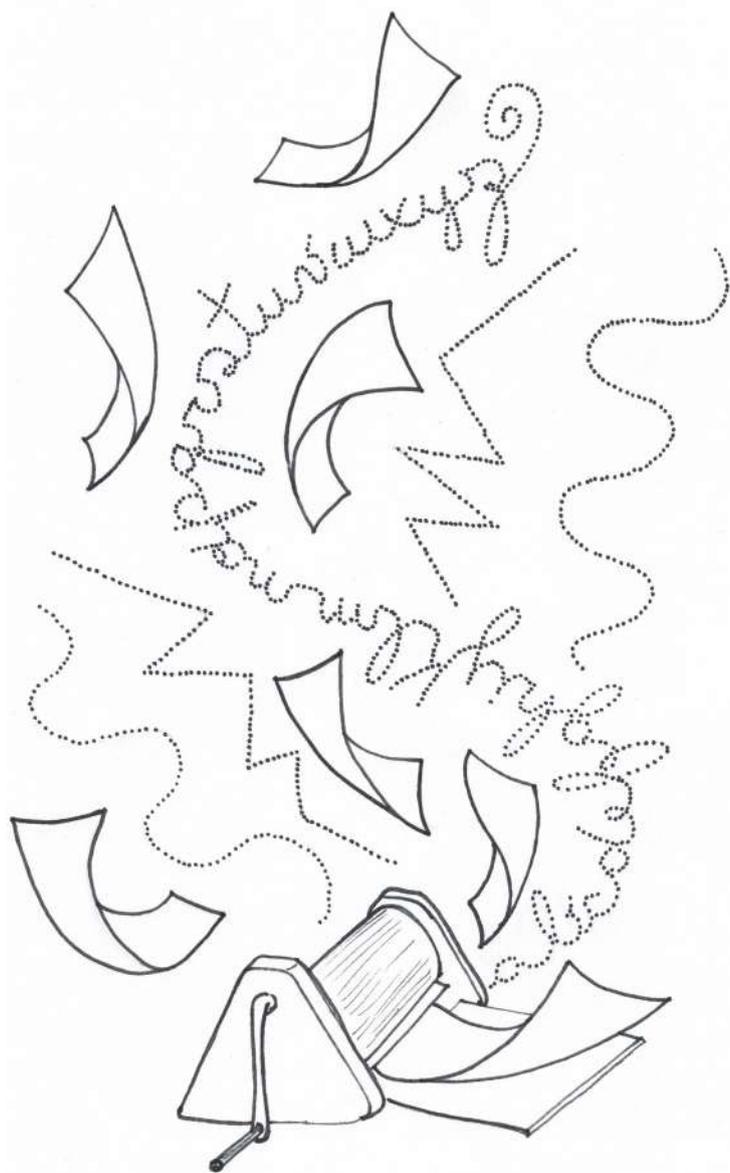
O dia inadiável chegou. A minha mana Ceia já estava na terceira série. Ela tinha começado a estudar em 1982 lá na roça, Ribeirão de Santo Antônio, com a professora dona Maria das Graças. Só começou, e por três meses, porque em abril daquele ano fomos de mala e cuia pra Vila, Resende Costa. Então a mana me levou pra Escola Assis Resende, com avisos carinhosos da mãe pra ela ter cuidado comigo. Me senti protegido.

Na escola, aquele monte de gente. A criançada feliz, parecia, e as professoras com cara de adulto. Eu de mão dada com a Ceia, na retaguarda. Vai que alguém me atacasse!!

De repente o sino, o horrível sino, som estridente e longo, o chamamento pro que eu não queria. A mana me colocou na fila da 1ª série e se foi pra da 3ª. Fiquei sozinho, no meio de estranhos. Pra cada série, duas filas: meninos de um lado e meninas do outro. Tinha alguns grandões. Naquele tempo se tomava bomba até falar chega e ficava cada cavalo na 1ª série que só vendo! Todos de prontidão, braços descidos rente ao corpo. O Hino Nacional foi seguido do Hino de Resende Costa.

E desde o início da formação da fila, o medo crescendo dentro de mim, até virar um monstro incontrolável. Depois dos hinos, o choro. Entrei chorando na sala, e continuei assim na aula da tia Jusceia. O “rio de lágrimas” inundaria tudo, se a tia não me levasse pra junto da minha irmã. Minha vontade foi feita. E na primeira semana fiquei com a Ceia, “aprendendo” as coisas da 3ª série. Depois disso tive que me conformar na sala da 1ª.

E desde então não saí mais da escola. Gostei tanto dela que hoje sou professor. Aprendi a ver nela o meu mundo. O meu jardim de infância.



Tia Jusceia e tia Lúcia

Na sala de aula, em 1984, éramos muitas crianças. E com uma diversidade em termos de alfabetização, que só vendo! Eu mesmo ainda estava bastante cru, pois não tinha feito o jardim de infância, a pré-escola. Relutara em entrar na escola e deu no que deu! Naquela época a gente aprendia a ler era na primeira série mesmo, o que seria hoje o segundo ano. Mas a meninada, a que passara pelos preparatórios, já tinha uma boa coordenação motora para pegar o lápis, já fazia movimentos mais ou menos precisos com os de cor e coloria os desenhos e a vida, já conhecia as letras do alfabeto. Alguns dos alunos, este era o meu caso, até escreviam os seus nomes em letra de fôrma e sabiam também alguns algarismos.

Foi aí que as duas professoras da turma tiveram que fazer malabarismos. Primeiro a tia Jusceia, que depois de uns dois meses mais ou menos teve que sair não sei por que motivo. Depois a tia Lúcia, que completou o ano letivo conosco. Além delas, outras entravam em sala de vez em quando. A dona Aleluia ministrava Ensino Religioso. A dona Dilma, Educação Física. A dona Ângela trabalhava questões de higiene e de saúde, para além do que já víamos nas aulas regulares. Com a Jusceia e a Lúcia, eram as matemáticas primeiras, os preâmbulos da língua portuguesa escrita, os Estudos Sociais e as Ciências.

No início eram zigue-zagues, serrinhas pontilhadas que eu subia e descia com meus dedos de menino desengonçado. E com que afinco eu seguia os pontinhos, tentando não fazer traçado torto, buscando uma perfeição que não existe, desejando perfeita a vida! E as ondas, o que dizer das ondas!? Também pontilhadas, mas não com ângulos agressivos como as serrinhas. As ondas eram meigas, doces, lânguidas. E minha mão direita ia também ficando lan-gorosa, apaixonada pelas vagas que o lápis de escrever ia produzindo diante dos meus olhos.

As primeiras letras, um assombro, um amor de aparição! E o concerto entre elas, um poder descomunal. A sensação de ligar mundos, fazer pontes, contar e escrever histórias. Os pequenos textos da cartilha e depois historinhas mais bem tecidas, de sustância. De entrada, Alaíde Lisboa e Ruth Rocha. O primeiro livro, *O bonequinho doce*, me fez doce a vida, cheia de guloseimas que ela é. Em seguida *A bonequinha preta* e *Marcelo, Marmelo, Martelo*. Foi um pouco depois, com Henriqueta Lisboa, que li e conheci a andorinha no fio ouvindo um segredo e contando-o ao sino na torre da igreja. Fiquei deslumbrado com o sino candongueiro dizendo tudo para a cidadezinha inteira.

E os desenhos?! Colori-los era um modo de amá-los. Além do meu amor desde cedo pelos vocábulos, as ilustrações eram puro verbo diante de mim e também conquistaram espaço no seio dos meus olhos. E eu as recebia mimeografadas em folhas, numa cor roxa bonita e com cheiro leve de álcool. Aprendi bem depois que aquelas maquininhas, usadas na escola para reproduzir cópias de atividades, eram na verdade reprodutores a álcool e não mimeógrafos. Mas isso não importa: o nome que se usa

é o que fica. Todos os desenhos eram tirados a mão pelas professoras numa faina contínua. De posse deles, eu os acariciava com um jeito menino e estorvado. Mas cuidado eu tinha. E como! Traçava de preto as bordas para frisar a cor meio fraca do estêncil. E depois ia delineando mais nitidamente os traços esmaecidos. Olhos iam se configurando, o nariz se fazendo, a boca se abrindo num sorriso vero. Os braços e as mãos ganhavam vida, agenciavam gestos. Até os seres inanimados ganhavam o fôlego da existência. E os meus gestos se revivificavam, buscando ali engendrar vidas em cores várias. Naqueles momentos, criador e criaturas eram uma vida só.

De uma coisa não posso me esquecer e que reforça o lado persistente das professoras tia Jusceia e tia Lúcia. Éramos crianças de famílias com pouquíssimas posses ou quase nenhuma em sua maioria. E quase todos não tínhamos cola, a de textura refinada e industrializada no vidro branco, ilustrado e bonito. Então as duas professoras misturavam água e polvilho e faziam grude. E a massa grossa ficava lá na frente da sala, perto da mesa das professoras, bem em cima do beiral da janela. Quando se distribuía alguma folha para colarmos, tesouras trabalhavam, pedaços de papel iam para a lixeira, alunos e alunas iam e vinham como formigas céleres para pegar o bastãozinho dentro da cola e pincelar o verso da folha que seria colada no caderno.

Todas essas coisas aconteciam naquele ano letivo de 1984. E todas elas se me pegaram, do mesmo modo como o heroico magistério das professoras Jusceia e Lúcia foi a primeira impressão afetuosa do que em mim é amor pelas letras, pela educação, pela cultura.



Tia Turca

No início de cada aula, na 2ª série da Escola Estadual Assis Resende, copiávamos do quadro a ficha escolar composta pelos nomes do estabelecimento, da diretora, da professora, da série e do aluno. Essa atividade se repetia de segunda a sexta-feira toda semana. Com isso os cadernos ficavam bem arranjados e, diziam, íamos afinando a escrita. O nome da professora não se perdeu da minha memória: Maria Salomão. Mas o que ficou mesmo foi o Tia Turca, pois assim era que a chamávamos.

Abrimos aquele ano letivo de 1985 no prédio que era o Ginásio Nossa Senhora da Penha, pois o Grupo Escolar Assis Resende estava em reforma. Só alguns meses depois é que fomos para o antigo edifício lá no alto da cidade. Antes eu gostava de correr pelos corredores do ginásio, mas meu sonho mesmo eram as tábuas-corridas do Assis Resende. Meus pés concretizaram isso quando professores, alunos, móveis, livros, papéis e tudo o mais fomos transportados para a escola anciã. Chão novo, tintura renovada, jovens bancos e carteiras, uma biblioteca com livros novinhos, janelas de madeira e vidro abertas com ares antigos. E o chão de tábua-corrída, assoalho correndo sobre um porão escuro que se via pelas frestas. E eu vislumbrando meu medo escondido lá embaixo.

Tia Turca se mudou conosco para a velha-nova edificação. Nossa sala de aula ficava do lado de cima do prédio,

ladeando com a Santa Casa e com o Necrotério. E na escola vicejavam saúde e vida de meninos cheios de agitação para dar e vender.

A professora era brava, sabia domar a desordem dos educandos com olhos graves e austeros gestos. Mas também alcançava nos amar com sentimentos nobres. Não tinha jeito de não aquietarmos o facho diante dela e do mesmo modo não havia como não gostarmos do seu jeito afável de cobrança. Ela copiava as lições no quadro e depois ia passando pelas carteiras, tirando dúvidas, apondo outras informações, intervindo nas dificuldades dos nossos passos. Hoje repasso o sério trabalho que ela fez conosco naquele ano. Sei deveras que ela contribuiu com a construção das bases da minha cultura e com as de meus colegas.

De vez em quando nos levava para a biblioteca, onde eu me deliciava com os livros de literatura que tinham acabado de chegar à escola. Foi ali, nessa época, que li *A arca de Noé*, de Vinicius de Moraes. Na capa da edição, uma montanha com a arca no topo e com muitos, muitos animais por todos os lados, nas escarpas descendo, sobre a arca, no ar, alguns até quase indo para além das bordas da portada. Foi também ali que minha gula e minha devoção conheceram *O menino poeta* de Henriqueta Lisboa e o Erico Verissimo para crianças: viajei pelas aventuras de Tibicuera, escutei a música na barriga do urso, brinquei com os três porquinhos, conheci a vida do elefante Basílio e, mais que tudo, participei das aventuras do Avião Vermelho.

Certa vez minha mãe não pôde ir à reunião de pais para pegar o boletim com o resultado bimestral. Um boletim num envelope bonito, onde eu havia colado Magali ofertando uma caixa de bombons vazia para sua mãe. Que

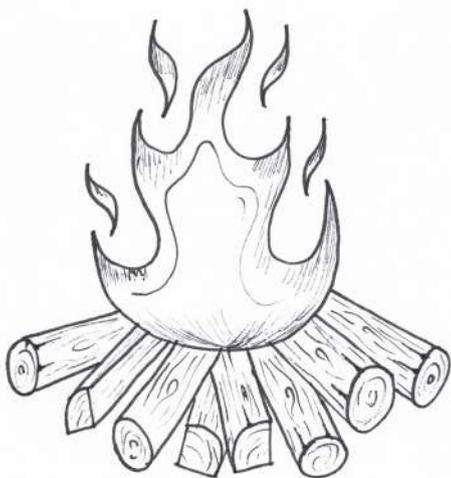
era dos bombons?! O gato comera, ou melhor, a gulosa Magali os tinha consumido. Mamãe acabou indo dias depois daquela reunião. Quando ela chegou à escola, nossa aula estava acontecendo justamente na biblioteca. Bateu à porta, e tia Turca foi recebê-la. Ambas passaram entre as mesas dispostas irregularmente pela grande sala ao lado das prateleiras, e os olhos de mamãe me procurando entre tantos meninos até me encontrarem, atentos.

As duas pararam rente à mesa próxima ao quadro. Enquanto lhe entregava o documento, a professora foi tecendo elogios ao aluno que eu era e dando-lhe parabéns por educação tão bem cultivada lá no canteiro do berço. Os olhos de minha mãe me olharam, brilhando de alegria e ao mesmo tempo alfinetando amorosamente o meu frágil corpo, porque discordavam até certo ponto do que dizia a mestre naquele momento. Era como se estivesse pensando: “Ah, se a dona Maria comesse um saco de sal junto com esse menino todo dia! Ia ver como ele corta uma bagunça que não tem jeito!”.

Bem convencido, no entanto, eu sabia que minha mãe voltaria orgulhosa para nossa casa. Mesmo pensando assim, ela me esperaria com o boletim alegre em suas mãos.



...a fogueira crepitava no terreiro...



Dona Eleana

Agora a coisa parecia mais ajuizada. Víamos a 3ª série como o início de um caminho cujo cimo se daria no final da 4ª. Em menos de dois anos, os aprovados adentraríamos a 5ª. Na nossa cabeça, a época da alfabetização já tinha ficado para trás. Talvez somente eu tivesse essa impressão; mas o que sempre fiz, tanto lá quanto agora, é achar que todos nós a tínhamos.

Ir para o ginásio era novidade lá em casa. Ninguém dos meus tinha continuado os estudos para além dos primeiros quatro anos de escolarização. E isso só aumentava ainda mais o meu compromisso de construir adiante uma trilha que os meus não tinham edificado.

A seriedade aumentou ainda mais para nós logo no início da 3ª série, a partir do momento em que ninguém ousou chamar a nossa nova professora de tia. Era “dona Eleana” e ponto final! E foi ela que lecionou para nós durante os dois anos, 1986 e 1987, ou seja, 3ª e 4ª séries.

Quase sempre de calças compridas e cabelos loiros partidos ao meio, ela entrava com livros, papéis e o caderno de planejamento de aulas seguro pelo braço direito rente ao peito. Enquanto fazíamos exercícios, suas mãos escondiam-se nos bolsos das calças e seus olhos passeavam junto com o corpo pela turma, ajudando-nos nas atividades, mas também nos coriscando ralhos quando ousávamos fazer baderna.

Ela de fato era muito séria. Mas com que competência dava as aulas! Ensinava as lições e cobrava de todos nós dedicação aos estudos. Nos rastros dessa seriedade, fui emaranhando ainda mais a minha existência a livros e Escola.

Eu gostava muito dos Estudos Sociais. A mestra nos levava pontos sobre história do Brasil, os “vultos” da pátria, e me lembro de ter-me apaixonado com a imagem dum Anchieta escrevendo nas areias da praia.

Nas aulas de Ciências, estudávamos os animais, as plantas, a natureza. Meus olhos brilharam mesmo foi quando coleí no caderno aquele desenho do esqueleto humano. Um esqueleto sem sorriso, mas finamente dividido em crânio, escápula, coluna vertebral, braço, antebraço, dedos, fêmur, rótula (na época a patela se chamava assim), tíbia, tarso, metatarso e dedos.

Na Matemática eu ia avançando. Gostava dos conjuntos, da união e do pertencimento. Hachurar os encontros entre conjuntos diversos me dava felicidade, a ideia de ligação entre os mundos. A Álgebra me amedrontava, principalmente quando vinha em fórmulas secas, lacônicas. Já com os problemas que se faziam em palavras para, a partir delas, eu ir compondo as fórmulas, aí sim eu me situava, me sentia em casa. Com as palavras eu me dava bem.

O que dizer, então, das aulas de Português? A conjugação dos verbos, o estudo das classes de palavras e o sabor de juntá-las em grupos, brincar com elas, entendê-las melhor.

Nas aulas de leitura, um paraíso. A Narizinho de Monteiro Lobato, *A fada que tinha ideias* de Fernanda Lopes de Almeida, a lenda da vitória-régia contada por Henriqueta Lisboa, *A ilha perdida* de Maria José Dupré, *O menino má-*

gico de Raquel de Queiroz, fábulas de Esopo, *O papagaio Tubiba* de Bárbara Vasconcelos de Carvalho, o elefante Basílio de Erico Verissimo, cantigas de roda, o Walmir Ayala com o seu *Histórias dos índios do Brasil*, *A vaca voadora* de Edy Lima, *Alice no país das maravilhas* de Lewis Carroll, os mistérios do fundo do mar com Lúcia Machado de Almeida... E muitos, muitos outros textos fazendo meu mundo expandir-se para horizontes sem fim.

Ainda falando nas leituras, não esqueço a letra do samba “Zelão” de Sérgio Ricardo. Nesse poema, os versos “Ninguém riu nem brincou / E era Carnaval” me tocaram fundo, já me mostrando naquela época o poder das palavras de um certo modo agrupadas. No fechamento da música, a antítese mostrando a dor de Zelão e de todos os pobres que sempre lutaram nos morros das grandes cidades.

Num mês de junho daqueles dois anos, pois não me lembro se foi na 3^a ou na 4^a série, dona Eleana nos ensinava no quadro a fazer uma redação bem ordenada. Era sobre a Festa Junina que se aproximava. Deu-nos um desenho de um linda fogueira sob bandeirolas, e ia escrevendo na lousa o passo a passo do texto. Aí ela escreveu “A fogueira crepitava no terreiro”. Aquela frase me agarrou com braços fortes e quentes, me fez colorir o desenho e escrever o texto com muito afeto. Até hoje crepito de amor entre palavras.



O nosso jardim de Cecília

(canto a quatro vozes)

O principal de tudo era o sapo jardineiro. Chapéu e calça azuis, uma camisa vermelha com esmaecidos laivos de branco. O chapéu era meio mexicano, para proteger do sol: rebaixado na cabeça e de abas razoavelmente largas. As cabeças dos sapos já são mesmo achatadas. Talvez fosse por isso que o chapéu era assim. E o sapo de que falo era verde. Nunca vi de verdade nenhum dessa cor. Os sapos da minha vida sempre foram de um tom mais sério, fechado. Me apaixonei pelo sapo que, sei muito bem, nunca viraria príncipe. Nem precisava virar.

As flores eram várias e muitas. De cores que eu nunca imaginara habitassem em flores. Rosas, vermelhas, azuis, amarelas, verdes, anis, violetas, laranjas e outros tons mais e tantos, que já se misturaram nas memórias dos meus olhos. Brotavam do chão como brotam desejos de vida, anseios por alegria e eternidade. As florezinhas e suas folhas enfeitavam a terra e o gramado do jardim.

As borboletas também eram multicores: leves sobre o jardim, levitando entre lavadeiras e passarinhos. Se não fosse o apelo visual aos meus sentidos, eu imaginaria mulheres lavando roupas num riacho, bem no debaixo de pássaros folgazões. Mas meus dedos tocavam o livro, meu corpo sentia seu cheiro, meus olhos beijavam sua página colorida. E o que eu via eram insetinhos alados sobrevoando como helicópteros vivos as águas de uma fonte azul e

branca. Com seus dois pares de asas transparentes, com seu corpo compridinho e cheio de anéis, cada uma das lavadeiras dava voltas pelo jardim e retornava sempre em voos rasantes para a fonte fresca e convidativa.

E os ovos verdes e azuis nos ninhos? Onde estavam? Lá jaziam, porém num só ninho, bem em cima do braço da estátua de primavera, uma menina linda, fantasmal, com cabelos longos e face branda. Toda ela de pedra, talvez, mas parecendo macia na sua alvura quase transparente. Sobre a sua cabeça, um pássaro descansando de voar. Em cada orelha uma flor, possivelmente furtadas por ela mesma do jardim. Ou então não tenha sido roubo, e sim oferta amável do sapo jardineiro e dócil. A menina de pedra segurava um balde também pétreo, do qual jorrava a fonte de água azul e branca.

Vagando sobre a mureta da fonte, o caracol namorava a queda d'água. Tomava sol úmido, esperando pelo arco-íris que ainda não aparecera. O raio de sol já atravessava as águas, só que o arco-celeste trazia ares tímidos, hesitando em mostrar-se ao caramujo exibido e celestoso. As antenas da lesminha estavam ligadas, voltadas para o ar líquido e levemente rumoroso à beira da fonte, esperando por mais vida onde a vida já era muita.

O lagarto, também verde, andava entre o muro e a hera. Do mesmo modo nunca vi, de verdade, lagartos verdes. Nunca fui apresentado a nenhum de carne e osso. Porque os répteis são vertebrados, aprendi isso desde cedo. E o verde lagarto, embrenhando-se pela trepadeira, sentia cada tijolo frio do muro, que era coberto de musgo num setembro que ia entrando. E ali o bichinho se misturava ao verde da planta.

O formigueiro, bem perto de tudo, era cerro alto galgado por formigas incansáveis. Em fila indiana, subiam e desciam as obreiras. Perto do sapo e do formigueiro, um grilinho dentro do chão, vindo de um buracinho da terra e espreguiçando-se do sono tranquilo que tivera lá no escuro da toca. Era um grilinho preguiçoso, se podia ver.

Sentada no muro da fonte, ao lado da estátua de primavera, a cigarra tinha as pernas cruzadas onde apoiava seu violão. Ela e o instrumento eram uma coisa só, pura música e cor e vida. De olhos fechados, ela parecia sonhar com o que cantava. Sua boca fundava mundos, ditava o compasso da existência.

O sapo, as flores, as borboletas, as lavadeiras, os passarinhos, os ovos verdes e azuis nos ninhos, a estátua de primavera, o caracol, o raio de sol, o lagarto entre o muro e a hera, o formigueiro, o grilinho e a cigarra cantando eternamente. Tudo isso era fruto do canto da cigarra.

E a cigarra verdadeira, voz humana poetizada, era Cecília Meireles no seu canto. A poeta leiloava com palavras um jardim e as belezas dele. E assim ela me vendeu a beleza para a vida inteira. Não somente ela, mas também Maria Ângela Haddad Villas e Roberto Caldas, os ilustradores que tornaram mais pictural ainda o poema da autora que me enfeitou a infância.



Os ipês sempre florescem

Meus irmãos, seus amigos e alguns de nossos primos eram amantes da viola, mas sempre entregues ao dileto violão. Sentavam-se às noites no passeio de fora da nossa casa e cantavam como cigarras noturnas e alegres. Eram diletantes, porém com um labor de ourives que só vendo! Risadas e falação se misturavam para decidirem que música viria à baila em cada vez que as mãos dedilhavam o instrumento. Tinham eles vozes prontas para um canto gostoso de se ouvir.

Eram tristes e também alegres as músicas. Sertanejo de antigamente, sem modinhas “urbanas” ou “universitárias” que hoje se perfazem com outras configurações. Era a voz do gado, a lida do boiadeiro, era a manada de flores e o buquê de animais e pessoas vivendo um mundo rural, às vezes bucólico, noutras vezes dramático. Tudo era uma coisa só e ao mesmo tempo confusa nessa infância do mundo. Histórias de amor, sangue derramado, arrependimentos, encontros e desencontros, e mais a lida entre homens e bichos, animais prestimosos e amados (mas também subjugados).

Entre as canções ao som do violão e das vozes, “O ipê e o prisioneiro” de José Fortuna e Paraíso era coisa certa. Todos os dias, no rádio grande lá em casa, bem como no radinho que meus irmãos levavam consigo para o serviço de pedreiro, a cantoria afinada de Liu e Léu era ensinamento, escola espontânea na hora dos afazeres. A voz meio tremi-

da dos sertanejos; o agudo do tom; a segunda voz acompanhando o ritmo choroso e dorido e fazendo parceria com a primeira, casando-se com ela, unindo-se ambas para nunca mais separar. E o enredo cortado de dor da música se tecendo aos nossos ouvidos.

Uma sala fria. Do segundo andar da penitenciária o prisioneiro canta e conta sua sina. Seus olhos veem o jardineiro que planta um ipê. A arvorezinha vai crescendo ao correr dos dias e do canto. Enquanto o prisioneiro sofre, ela vai ganhando vida, e escala alturas e chega à janela da cela. Os olhos sentem e o coração percebe: dentro do cárcere as noites não têm mais aurora; e o ipê é pura claridade no mundo lá fora.

Porém a teia musical avança e destrança o fado de todos. Os olhos encarcerados são livres para ver toda prisão. O cipó parasita abraça forte e amoroso o tronco do ipê, e de tanto amá-lo o vai sufocando. Existem amores assim; precisam do outro, sufocam-lhe a vida. Enquanto as ramas apertam a árvore clara e alta e a levam pouco a pouco à morte, o carcerário pensa e canta o que pensa: sua mulher também o abraçava e o traía. Mata-pau. E a causa da prisão se revela: traído pela companheira, o cantor a matou e purga agora o frio da solidão prisioneira.

Isso tudo merece um debate. Escrita em tempos outros, hoje essa canção daria muito o que falar. Ainda mais com leis mais exatas e necessárias que combatem o feminicídio. Lá na minha infância, no entanto, não me lembro de ninguém debater isso, questionar o ato da voz cantora e aprisionada. Não se debatia mesmo, infelizmente. Era tácita, contudo, a ideia perfeita de que o homem da história errara e de que estava pagando perante a sociedade e a justiça por

seu erro. Pelo menos isso.

Na minha meninice, eu não deixava de ver a dor do homem cativo. E com certeza a dor do ipê. Um tronco robusto e alegre, um coração amante e ciumento, uma fronde espalhada sob o sol, uma frente fechada no escuro, uma respiração gerando vida, um ato violento ceifando a seiva. E o cipó da existência nos abraçando sempre. Ele, o cipó, sem culpa alguma. Já o coração, movido pelo demônio do ardor, não medindo consequências.

Hoje e sempre meus olhos relembram tudo. Meus irmãos, seus amigos e os primos ainda cantam em meus ouvidos. Hoje, cada um para um lado, com alguns nem tenho mais contato, mas todos entrelaçados nos cipós da vida. Ouço suas vozes, seus risos, e todo o drama do prisioneiro e do ipê acontece de novo diante de mim.

Do mesmo modo ipês floridos me acontecem sempre. Nas viagens, pelas estradas, nas ruas de qualquer cidade, eles crescem alegres e me deixam feliz e pensativo. Me fazem rever pessoas, ouvir a canção de Zé Fortuna e Paraíso. E me dão o senso de que no jardim da vida existem quedas, de que querubins nos impedem a felicidade meneando espadas de fogo nas mãos. E ficamos aqui deste outro lado do paraíso, fazendo e ouvindo canções, cultivando floridas belezas.



Castelos de barro

A nossa arte tinha muitas artimanhas. Gestos, palavras, peraltices. Mas havia uma arte também inigualável, *sui generis* pelas bandas infantis do povoado do Ribeirão de Santo Antônio. Era com as mãos que a fazíamos. Com a mente indo por veredas, com as mãos ávidas de criar. Era de tabatinga que buscávamos fazer mundos possíveis num mundo cheio de impossibilidades.

As panelas eram talhadas com cuidado, pois dar-lhes forma era coisa difícil. Já as colheres eram barrinhas mal desenhadas. E os bonecos, ai dos bonecos!, esses se faziam desconjuntados: uma barra meio achatada era tronco inerte, cilindros disformes eram membros mais ou menos perfeitos, uma bolotinha mais em cima tinha grãos de feijão para compor a fisionomia do rosto – pretos para olhos e nariz, roxinhos para boca que não se abria. Aviões fazíamos vários: não voavam, mas volitávamos por eles. Bois ali não eram mais de sabugo, mas barro secando pelos cantos para compor juntas de primeira linha nas cangas. Os bois de tabatinga eram até mais fortes que os de espiga nua; eram pesados e aguentavam o tranco. Carrinhos de boi, ovelhas tresmalhadas ou não, cenários nascidos da terra branca e úmida – tudo nos dava ares de deuses criando a vida.

O que fazíamos com mais e mais esmero eram os nossos castelos. De barro e não de areia. Não tínhamos praias, dessas com ondas revolvendo-se, com areia margeando águas

desinquieta, com gaivotas fazendo voos rasantes sobre as nossas cabeças líquidas e sobre a água pensativa. Não, não as tínhamos. As praias vistas em livros, e que seriam namoradas mais depois nas telas de tevê, não eram vistas de fato por nós. Tínhamos, então, que imaginar outras possibilidades, outro chão para apoiar nossos pés pequenos e peregrinos. Assim, nossos castelos eram de barro erguido à beira de córregos lentos ou perto de correnteza forte. Barro branco e grudento ganhando forma em nossas mãos que o viam com gosto de criador amando criatura.

E os nossos paços eram imponentes. Dávamos passos largos entre seus umbrais, abóbadas imensas de nos perder. Andávamos nos seus interiores como num mundo vasto. As pontes de acesso a eles não eram levadiças, ficavam eternamente paradas sobre pocinhas d'água fazendo pose de lagos. Circundados de água e monstros aquáticos, seus muros se faziam altos na espera de guerras. Seus alicerces e torres altíssimas, as janelas opacas mas abertas para o mundo, a sala de armas, a casa pública de banho, o pátio para os infantes brincarem, os jardins não suspensos (mas suspendendo olhares por tanta beleza), os corredores e as escadas sem fim, a cozinha e as guloseimas vindas das terras no entorno, os quartos e os sonhos dos moradores, a sala real com seu trono onde todos podíamos ser agora e para sempre reis e rainhas em sua pompa.

De barro e não de areia construíamos os nossos castelos. E a lembrança da parábola de Cristo. As casas edificadas sobre a areia aérea. O vento, a tempestade, as fúrias da vida derrubando tais casas. E também os sábios que sobre a rocha ergueram suas moradas, sólidas como as bases em que se assentaram. E sobre tamanha solidez, uma existência

inabalável, a memória do hino ouvido e nunca esquecido:

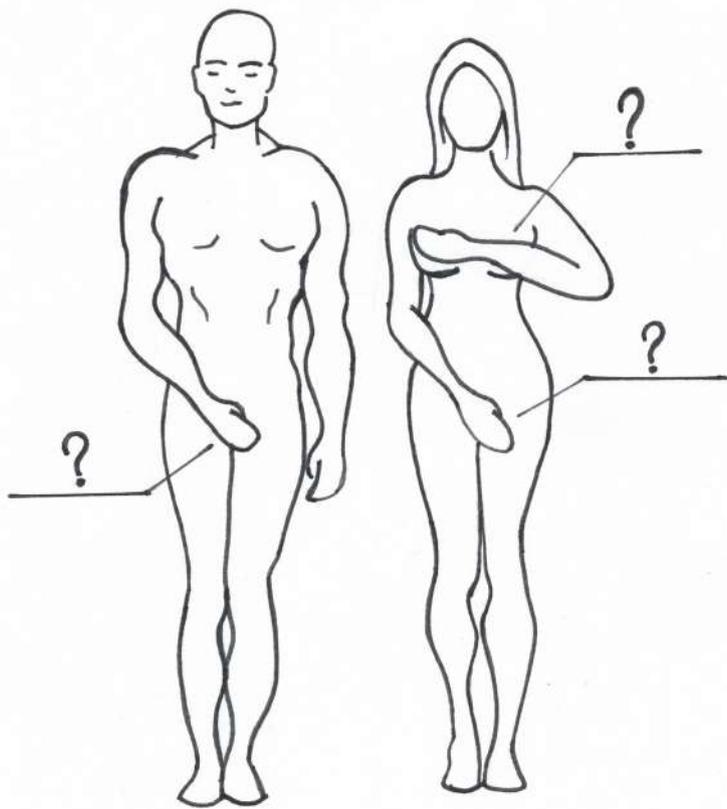
*Sábio e prudente será o varão
Que a casa na rocha erguer;
Sempre terá eficaz proteção,
Pois nada a pode abater.*

[...]

*Quem sobre a areia quiser construir,
Em vão trabalhado terá,
Pois sua casa virá a cair;
Em falso alicerce estará.*

E em mim até hoje a bíblica e hínica lição, lida e cantada e ouvida desde sempre, de que a rocha é Cristo, o filho de Deus: o fundamento eterno de quem busca a glória das coisas que não perecem.

E não morrem os castelos de tabatinga. Argila ardendo na memória. Argamassa de uma brancura a ponto de doerem os olhos. Dizem que o branco é mistura de todas as cores-luz. E multicolorido era tudo. Castelos brancos, mas morando neles todas as cores-luz do mundo, todas as vontades de pequenas e eternas crianças. Candeias acesas a noite inteira. Claridade que nunca se apaga e que fica eterna nestas palavras. Escrever é manter acesa a lâmpada da vida que carregamos.



Lições do corpo

O Hino Nacional nas filas do pátio, garotos de um lado e garotas do outro, o professor ou geralmente a professora à nossa frente. E todas as bocas cantando o decorado hino, falando de um grito às margens de um rio, um brado com espada em riste, e também de flores e de campos e amores. Os mestres cantavam diante de nós: alguns com livros debaixo do sovaco, outros com as brochuras levadas ao peito bem rente ao coração, e outros mais com pastas solenes cheias de papéis. Os alunos, de camisa geralmente branca com bolso contendo a logo triangular da escola, deixavam a agitação espalhada pelo entorno do colégio e buscavam domesticar seus humores na canção nacional.

E eram bocas acordadas havia pouco. Algumas vinham de café farto, outras de mesa parca mas suportável, e todas de um sono pacato em cidade pequena. As aulas matutinas começavam com essas bocas caminhando pelos morros da cidadezinha, falando, gesticulando e em seguida cantando o “Ouviram do Ipiranga”. Uns em voz altiva para todos escutarem; outros mais humildes e com a consciência de que o canto afinado é para poucos. Havia alguns sem bom senso, que esganiçavam os versos parnasianos, espichando e espanando as palavras, dando volteios horrendos na música, fazendo, assim, com que os ossos de Joaquim Osório Duque Estrada e Francisco Manuel da Silva se mexessem raivosos entre escuros.

Depois de todo esse ritual, as filas começavam a andar, de duas em duas. Primeiro a da oitava série, para depois a da sétima, e isso até chegar a vez da derradeira: a da primeira série. Os grandões tinham o privilégio de adentrar primeiro o recinto da construção do saber, só eles viam primeiro as cadeiras onde se sentariam, as mesas sobre as quais disporiam seus cadernos e livros. Os nossos corpos incontidos se continham, por fim, em cadeiras e carteiras também enfileiradas.

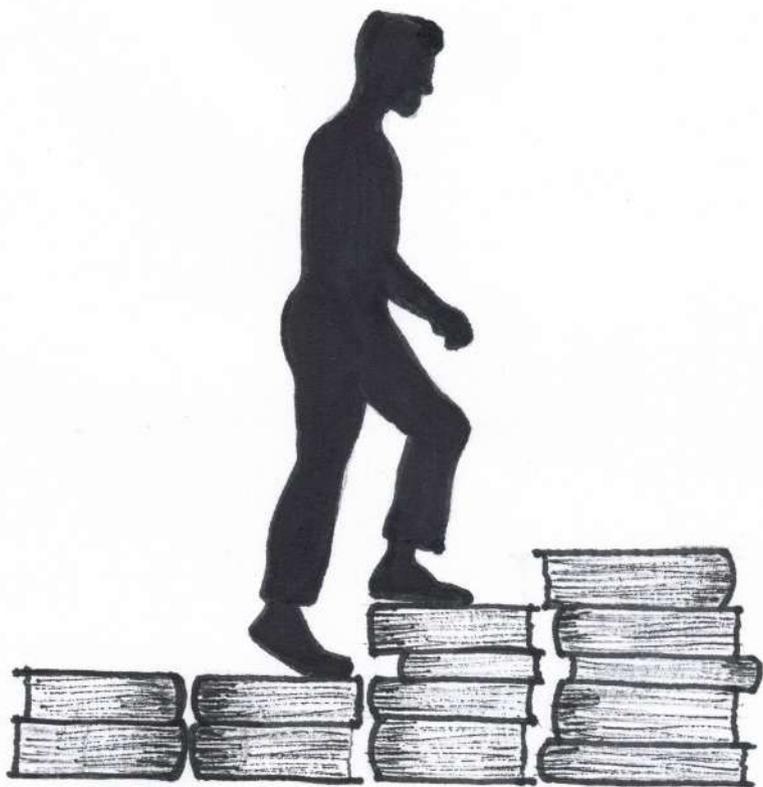
As matérias eram as básicas. Preposições buscando ligar palavras; redações sobre namoros sonhados ou sobre um passeio no sítio da vovó que não tinha sítio (pois era pobre como Jó); orações subordinadas sempre insubordinadas; equações do segundo grau com duas inencontráveis variáveis e teoremas que causavam transtorno; o mundo no Antigo Egito dizendo a todos que o mundo é múmia, pois é mundo desde que é mundo; os relevos e a hidrografia do Brasil e também as geopolíticas buscando paz nunca existida, os corpos (os sempre alegres corpos mesmo quando tristes) correndo nas partidas de queimada ou vôlei ou futebol e também se espichando em alongamentos sonolentos por lentas manhãs; depois os mesmos corpos lendo sobre a vida de Jesus e de todos os santos e pedindo perdão por terem olhado a silhueta x ou y ou z dum colega ou duma colega e às vezes até mesmo dalgum professor ou professora; os desenhos não se fazendo a contento, mas sim fora de qualquer talento para a arte pictórica; o mundo animal e tudo o que nele a zoologia houve por bem batizar...

Em toda essa aprendizagem, vinham certas outras novidades numa época sem *internet*, com pais cheios de pudor e com enciclopédias atravessadas pelo bem dizer nas en-

trelinhas o que era do corpo humano e dos desejos desse mero e sublime corpo. Nas aulas de Ciências, para além do esqueleto sem vida, para além duma fisiologia que falava de funções internas dos órgãos escondidos sob a pele, o que sobressaltava aos nossos olhos eram os momentos de educação sexual. Eram mares pouco dantes navegados os capítulos do livro com desenhos mostrando corpos nus, vaginas sugeridas, esboços de pênis, explicações sobre concepção, métodos anticoncepcionais e outras mais notícias para adolescentes com acesso a poucas informações dessa natureza humana e urgente.

O professor dessas discussões científicas era o Seu Élfon. Ele chegava em sua roupa séria, sempre de sapato e calça social, camisa de gola, livros e diários entre um dos braços e o corpo. Sentava-se à mesa circunspecto, dava um bom dia calmo a todos, fazia a chamada, dizia qual era a página do livro em que estava a lição a ser estudada e ia discorrendo sobre a matéria.

Nessas aulas de sexualidade (pena que não foram ministradas no ano todo), os alunos amavam mais o silêncio. Vez em quando um ou outro mais desinibido levantava a voz e interrompia o professor com alguma pergunta meio “obscena”. Após risos e gestos alegres, todos voltavam a ouvir a voz do mestre e prosseguiam silenciosos com seus corpos jovens forjando rumores.



Fundamentos em memória

Aos 15 anos, em 1992, entrei no que se chamava 2º grau de ensino, ou seja, no curso colegial. Em 1996, já fazendo a faculdade, esse curso mudou no Brasil para o que se denomina hoje em dia Ensino Médio.

Ainda cursando o que se chamava ginásio, 5ª à 8ª série (hoje 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental), me perguntavam alguns professores se eu faria no colegial o Magistério ou simplesmente o Científico. E minha vontade manifesta era o Magistério, pois eu queria desde então estudar para dar aulas.

O Científico se resumia em três anos, numa educação introdutória e geral, porém mais aprofundada do que no ginásio, englobando todas as matérias básicas da escola. Já quem percorria o Magistério estudava o Científico por três anos e fazia mais um quarto, voltado este para formar professores da 1ª à 4ª série (hoje 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental).

Muitos nomes esses, né?! E há outros mais no âmbito da história da Educação. Não se espantem os mais novos.

No justo ano de 1992, a escola em que eu estudaria, E. E. Assis Resende, parou (ou tinha parado havia pouco, não sei) de ofertar o Magistério. Então minha única escolha foi fazer o Científico mesmo. Depois achei até bom isso, pois assim tive uma formação mais geral e me preparei melhor para o vestibular.

Anos depois fiquei sabendo sobre um tal de Curso Clássico, que antes se ofertava em nível de 2º grau e que enfatizava as ciências humanas e as letras. Fiquei encantado! Cheguei a me ver, lá entre os 15 e 18 anos, estudando latim ou grego e suas literaturas, namorando mais de perto os filósofos, entrando mais pela literatura luso-brasileira, cultivando tudo aquilo que passaria a ser mais a minha vida da faculdade em diante.

Voltando ao curso colegial que fiz, e ainda falando de tantos nomes acadêmicos e os espantos que eles me causavam, foi com medo que comecei a encarar as novidades que me chegaram em 1992.

Os desdobramentos da matéria de Ciências do 1º grau me excitaram. Aproximei-me deles com olhos curiosos e medrosos, cheios de temor e exultação. Biologia, Química e Física. E as leis de Newton, os balanceamentos químicos, as células e os nomes exóticos de tudo o que as compõe. Os cruzamentos genéticos, o carbono que nos arranja e a ótica e suas ilusões...

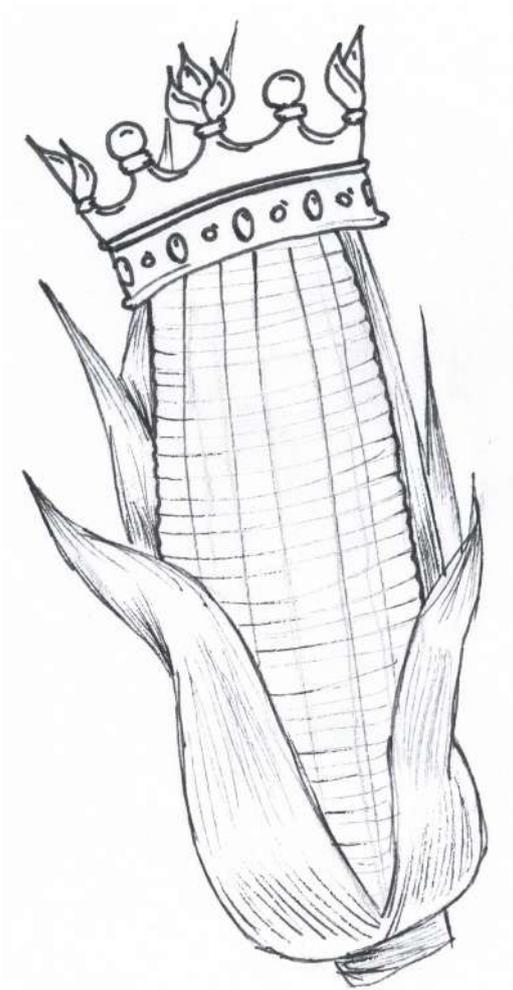
As matemáticas ficaram um pouco mais aprofundadas, ainda que de modo preliminar. Os conjuntos revisitados, os logaritmos que me eram apelos hieróglifos, as equações e suas incógnitas a me convocarem para a decifração. Não me esqueço da trigonometria aprendizagem de que os lados de um triângulo retângulo me faziam medir sombras de prédios sobre as ruas. E lembro que meu pai, mestre-de-obras experiente e com pouco tempo em escola formal, fazia cálculos práticos mais ágeis do que as minhas pobres contas perdidas nos corredores das ilações de fórmulas.

As discussões históricas me desvelavam pouco a pouco um mundo em constantes tensões e mudanças, com avanços e recuos de fatos e ideias. As questões filosóficas me faziam cada vez mais um labirinto pensante. Os preceitos da Sociologia me revelavam as sociedades e suas complexas estruturas. E a nossa existência física e política se descortinava palmo a palmo nas geografias brumosas da vida.

E o aprendizado do inglês, para mim tão difícil!? Meus passos aí eram tonto caminhar por outras latitudes. Uma fonética estrangeira aos meus ouvidos, um acanhamento de dizer não sabendo se dizia bem. *You're welcome to visit the English-speaking world! There are seven days in a week. My name is John, and yours? Spell it, please!* E minha língua ia soletrando a língua de Shakespeare.

E a língua portuguesa, tão minha e tão outra às vezes!? A despeito da árdua gramática em certas regras, o português me seduzia com manhas e artimanhas. A ele eu me declarava em amor dia e noite. Eram horas esperadas as das incursões pelas letras maternas e suas literaturas.

Tudo isso era o que se chama uma formação propedêutica, outro nome pomposo e estranho a muitos ouvidos. Uma formação intermediária entre o basilar e o alto, preparatória para saberes especializados num futuro curso superior. Como dizem, e é fato, o que sustenta uma casa é um alicerce bem firme. Pois então: meus anos de estudo em minha cidade natal foram esse alicerce. Estrutura inabalável que ainda me sustenta.



Nem só de broa vive o homem, mas o milho é rei

Broa é de fubá, bolo é de farinha de trigo com ou sem outros ingredientes. Se teve mistura, já não é broa.

Convivo numa boa com todos os bolos. Inclusive com os de fubá, os que trazem trigo na sua feitura. Mas aí pergunto: são mesmo bolos de fubá? Vendem-se os de mandioca aos montes em confeitarias. A gente vai olhar, e lá vem a farinha de trigo de permeio! Bolo de mandioca mesmo é o que comi certa vez no norte de Minas. Era mandioca pura, ela mesma marcando presença cremosa e perfeita, depois de um processo *sui generis* duma senhora cujas mãos são de fada.

Se tenho alguma coisa contra o trigo? De modo algum! Como poetiza Cora Coralina, o trigo tem antigas estações. Lá quando ele vivia no meio dos deuses da Hélade entre rosas e espigas pelos bosques, lá quando caminhava ele fortalecedor nas caravanas dos hebreus buscando no Egito seu pão de cada dia, lá quando florescia ele com Rute respigando e cantando nas searas de Boaz e fazendo este homem morrer de amores por ela. Lá cantava o mesmo trigo quando Jesus abençoava os trigais da vida. E cá, por fim, está o trigo, ele também pão de cada dia.

Mas mesmo assim não deixo de amar o milho. Faço isso como o fazia a poetisa de Goiás. Amo o bró cotidiano das tabas ameríndias, o angu nutritivo do escravizado no suor do eito, a broa modesta de quem vive a singela vida, a polenta do imigrante, o alimento dos porcos e do mu de

carga. Louvo o milho, as espigas benfeitoras e despreocupadas nos paióis, os seus grãos debulhados para o gado e espalhados nos alegres quintais onde galos inauguram dias. Adoro o milho na sua riqueza humilde e necessária à vida que mais amo.

E por adorá-lo, não me esqueço dele triturado amorosamente nos moinhos de pedra da minha infância. E assim amo do mesmo jeito o fubá e ele imiscuído em minha vida desde sempre. Angu com leite, fubá torrado, fubá com açúcar, o angu cozido em panelas antigas, a broa sobre a mesa eternamente. E por amar tanto o milho e o fubá, deles não me desfaço.

Como todos sabem, porém, desgostos e frustrações rondam os amores. E comigo não poderia ser diferente, é claro. E aqui entra um caso, tão verdadeiro como o próprio fato de o milho e o fubá existirem. Conto agora o tal caso, a título de exemplo.

Certa feita, minha irmã e eu visitamos uma senhora numa cidade chamada Coronel Xavier Chaves. Prefiro chamar essa cidade de “Coroas”, como todo mundo faz. Desde pequeno acho esse segundo nome mais enfeitador. E também, amante das palavras que me alimentam, sempre gostei duma história ocorrida nesse lugar em 1943. Um abaixo-assinado, que pedia a mudança do então nome da urbe de “São Francisco Xavier” para “Canoas” (nome este de uma fazenda da região), provocou um mal-entendido pelo traçado da letra, fazendo dar-se à cidade a alcunha de “Coroas”. Linda confusão! “Canoas” também não ficaria ruim, pois é palavra que nos navega do mesmo modo.

Volto à visita, agora sem divagações. Era domingo, e aos domingos as visitas são recebidas com algumas regalias a mais. Além do café e do biscoitinho, costuma-se servir, nos dias de domingo, algum quitute mais chamativo. É que as pessoas estão mais tranquilas em casa e se permitem mesa mais variada, mais bonachona para com as bocas cansadas de correr durante os dias úteis de trabalho e pouco tempo.

Não é que a anfitriã nos recebeu com um “bolo de milho”? Talvez fosse broa, pensei comigo, e a mulher estava confundindo o nome. Mas não era isso. Também não era aquilo. Nem uma coisa nem outra. Nem bolo nem broa.

Recebemos um naco do de-comer. E sentíamos a massa embatumada, pegajosa, grudando em nossos dentes como um puxa-puxa. Era de milho sim, mas milho seco que se dá para galinha ou então milho verde que de tanto assado virara pedra. E comíamos os pedregulhos, buscando triturá-los como se faz numa pedreira.

Acabada a pétrea tarefa, a dona da casa ofereceu-nos mais da iguaria. Minha mana agradeceu, dizendo-se satisfeita e ponto. Eu, idiota, fui elogiar mais ainda a maravilha do bolo. Resultado: tive que aceitar outro pedaço, já pensando nos meus pobres e quebrantáveis dentes.

Meu amor ao milho, todavia, não terminou nunca. Nem mesmo por isso. Mas nunca mais eu quis voltar à casa da tal senhora. Nunca mesmo. Pois não há amor que resista duas vezes às mesmas duras pedras.



Glasnost e Perestroika

Em 1992, cheguei ao primeiro ano do Ensino Médio com muitas apreensões. Uma delas era o encontro, que seria “fatídico”, com um professor de Geografia famoso na cidade por ser muito exigente com os alunos. Lá no 1º grau, quando nós os alunos nos mostrávamos relapsos pelo talento macunaímico da nossa idade, uma professora chegou a nos dizer algumas vezes do nosso futuro mestre: “Vocês vão ver o que é professor que cobra muito! Ah, vocês que não aprendem a ser mais dedicados! Etc., etc.”. Eu ouvia os sermões com a mente mirabolando coisas terríveis. Nós e aquela nossa mania de sempre, principalmente lá nos princípios da vida, de fazer do mito um mitão.

E eis que se aproximou a hora. Mário Márcio, esse era o professor de Geografia. Na primeira aula, chegou compenetrado e, aos meus olhos, ranzinza. Colocou o material sobre a mesa e foi falando um pouco de si, das suas aulas, da sua metodologia de ensino. Em seguida, apresentou-nos o programa do que seria trabalhado durante todo o ano. E nesse mesmo primeiro encontro (eram aulas geminadas), já começou a aprofundar-nos nos meandros da geografia brasileira.

Assim o nosso início de bimestre foi transcorrendo com maravilhosas explicações, com aulas de dar gosto. O professor até brincava bastante, mostrava-se engraçado e companheiro, ia muitas vezes dar aula calçando meia e chinelo numa forma exótica e alegre para todos nós. Naquelas aulas de início de ano, o mitão se desconstruía na minha cabeça.

E o educador ia falando do Brasil como país subdesenvolvido e ao mesmo tempo industrializado. Situava nosso Estado no contexto internacional, dizia da sua modernização e das suas relações comerciais e financeiras com o exterior. Depois, aulas mais adiante e num recuo temporal, foi explanando sobre a formação histórico-territorial da nossa nação. Ensinou sobre o seu povoamento e a sua expansão territorial e, chegando ao presente, discutiu a respeito da ocupação e da divisão político-administrativa das nossas terras. Também nos embrenhamos pela estrutura industrial e pelas características da industrialização brasileira, discutindo a concentração das indústrias em São Paulo e como todo o processo industrial interferia na organização do espaço geográfico. Entremeando tudo isso, vinham risos, piadas, atividades várias e avisos recorrentes de que deveríamos estudar cotidianamente porque logo teríamos a primeira prova.

Nas discussões e atividades, me lembro das imagens do livro didático: tratores entre plantações, homens sobre caminhões cheios de cana, o luxo e a pobreza lado a lado nas cidades, máquinas modernas e mão-de-obra mal remunerada, prédios e logomarcas de multinacionais dominando nosso país, gráficos mostrando a desigual distribuição de renda entre nossos povos, índios em suas reservas lutando contra a invasão de brancos, imigrantes japoneses em São Paulo, arquitetura alemã em Gramado, sertanejos duros entre cactos rijos, caixas em palafitas pelo litoral paulista, homens tornados máquinas em linhas de montagem automobilística na região do ABC de São Paulo, companhias siderúrgicas, indústrias aeronáuticas e têxteis... E a capa do livro estampava homens com capacetes e serras elétricas,

esses mesmos homens descansando sobre árvores cortadas. Um verde desolado na imensidão da mata.

No dia da prova, da desapiedada e terrível prova, eu estava a postos, sabendo tudo na ponta da língua, prestes a cantar as riquezas e a denunciar com minha caneta azul as mazelas do meu país. Papéis colocados sobre a carteira, duas laudas com fino sadismo para me tornar tenso. O que caiu na prova?! Um russo que na verdade era grego para mim. E quem acabou caindo fui eu! O professor deu dois textos falando sobre uma tal de *Glasnost* e uma dita cuja chamada *Perestroika*. Entendi pouco daquilo, beirando a não entender bulhufas. Remei naquelas águas para mim estranhas, longe do meu país chamado de subdesenvolvido e industrializado. “Longe”, de acordo com o meu desconhecimento naquela ocasião.

Lembro que fiquei bravo com o professor. Não falei nada com ele diretamente, mas confesso que em pensamento cuspi maribondos, raios de partir árvores inteiras. No entanto, pequei do mesmo jeito. Afinal, em pensamento também se peca. Não é o que dizem? Humanamente infeliz, fui para casa depois da aula naquele dia. E só com o mestre tempo fui entendendo a importância daquele professor que aos poucos levava novidades e desafios para mim.



Minhas pequenas memórias do Theatro Municipal

Nosso antigo Teatro Municipal – a Casa de Cultura – precisa urgentemente entrar em reformas. Esse prédio lindo, um dos que me prenderam sempre a atenção em Resende Costa, merece ser cuidado, ganhar vigor físico, para continuar sediando manifestações culturais, e as mais variadas possíveis de preferência. Monumentos são nossa memória e acompanham nossas identidades a se perfazerem no agora.

Desde pequeno namoro a Casa de Cultura. Com suas duas portas laterais alongadas, meio ovais na ponta do alto, querendo ser góticas sem o ser. E as duas claraboias numa aparente desimportância ladeiam uma sacadazinha simples e maravilhosa. Quem nunca quis viver de namoro ali?! Um ser amado na sacada, cheio de ouvidos e sonhos; e lá embaixo o ser amante fazendo uma serenata sem fim, cantando cantigas para a noite não dormir e ser testemunha da canção e do amor. É uma sacada para se amar! E lá em cima, bem no topo da Casa de Cultura, um arremate parecendo um galo cantando. Não pela forma de galo, que ele não tem, mas porque canta. Ele se parece é com uma harpa pronta para ser tocada, disso eu sei. Contudo desde pequeno eu via ali era um galo mesmo, como aqueles cantadores lá das grotas do Ribeirão ou os empoleirados nos galinheiros de Resende Costa.

Recordo-me de ter visto, nos anos de 1980, alguns ensaios teatrais na Casa de Cultura. Foram momentos aqueles de alegria, de êxtase, de felicidade sem medidas para um menino que queria já ser artista. Não do palco, que para esse eu não sirvo. Cantar e interpretar num palco são coisas sublimes, mas não sei fazer isso. Então, o que me resta é escrever. E escrevendo vou cantando e encenando.

Em 1992, quando eu estava no primeiro ano do Ensino Médio, a professora de Português, Regina Coelho, me chamou e me convidou para eu expor alguns versos meus logo no *hall* de entrada da Casa de Cultura, num painel. Qualquer um que chegasse ali, meu Deus – pensei – leria minhas pobres palavras! Com receio, mas amparado pelo convite feito pela Regina, entreguei-lhe dois poemas. A minha prima Irleia ilustrou-os, e eles ficaram lá, exibindo-se pobrezinhos e raquíticos ao lado de desenhos tão bonitos. Tempos depois, falando com a Regina sobre esses textos e da pouca qualidade deles, ela sabiamente comentou que eu estava equivocado, pois eram linhas condizentes com a pessoa que eu era na época em que os tinha feito.

Hoje, eu não colocaria tais poemas fazendo parte de algum livro meu, mas lamento de coração tê-los perdido. De um minha memória se esqueceu quase totalmente. Lembro que falava de uma ilha, de uma ínsula de sonhos e de desejos. Só sei disso. Já do outro me ficaram alguns versos – também na memória, pois não os tenho escritos –, e aqui os coloco, sem pudor:

*As Marias e os Joões dessa vida
vivem sem nada viverem;
a indiferença a eles atribuída,
estão longe de a merecerem.*

*Vivem correndo, não param
para um pouco poderem sonhar;
mas quando estáticos param,
é para esta vida deixar.*

Espero que não vá ninguém rir desses meus primeiros ensaios. Valeram pelo que foram e são na minha memória. Valeram pela participação humilde que tiveram no nosso Teatro Municipal.

No ano seguinte, 1993, foi no mesmo teatro que também debutei como ator fracassado. Debutei e não passei dessa estreia, graças a Deus! E nada melhor do que se ter consciência da falta de talento para uma coisa. Saber-se não talentoso já é uma garantia de sucesso, vocês não acham? Mesmo me sabendo não ator, subi ao palco com o Fábio, com a Clébia e com outros colegas, e fomos encenar uma adaptação que a Regininha – também professora de Português – fez do livro infantojuvenil *Em carne viva*, de Maria da Glória Cardia de Castro. Contaríamos com a presença da escritora na Casa de Cultura, e eu estava louco para conhecê-la. Seria a primeira vez que eu veria um escritor de perto, alguém que era o que eu queria ser. Nem me importei com o vexame de interpretar mal o adolescente colega do protagonista. O Fábio foi muito bom de serviço. A Clébia, sem comentários! Só posso dizer que foi maravilhosa! E eu lá, encenando mal e só querendo conhecer a dona Maria da Glória. Já tinha lido um livro dela lá na sétima série, *Menina mãe*. E agora aquele *Em carne viva*, que muito me agradara.

Depois da peça apresentada, a Regina Coelho anunciou que entre os atores (foi benevolência dela incluir-me entre

eles) havia um escritor (outra bondade dela se referindo a mim), que tinha acabado de publicar uns poemas numa coletânea em Ibitaré – MG, chamada *Poesias de Caderno*.

Dona Maria da Glória foi atenciosa comigo, educada, e falou ao público sobre sua obra, sobre as pesquisas que antecediam os seus trabalhos de escrita, sobre sua amizade com o escritor Pedro Bandeira – e eu fiquei ali, namorando sua voz, escutando seu ofício de escritora, sendo-lhe aprendiz...

Não vou alongar mais estas curtíssimas memórias. Vieram-me à tona e ao sabor da escrita, para que eu somente diga e cante como aquela harpa/aquele galo lá no alto do Teatro Municipal: as culturas têm o seu valor. E um prédio que guarda memórias deve manter-se forte e impávido para nós e para as gerações futuras.



Aos mestres, com carinho!

Jesus e Laura. Tia Jusceia e tia Lúcia do João Bosco. Dona Dilma, Regina Azevedo e João Bosco do Zé Mendonça. Tia Turca e Adenorzinho. Dona Aleluia, Ana do Galo e dona Ângela. Cidinha da dona Nita. Dona Eleana, a do Tatita. Fatinha Coelho, Myrian do Cassiano, Maria Moreira, José Antônio, Regininha e Regina Coelho. Elzi, Alvair do Vavá e Maria Lúcia Chaves. Tião Melo e dona Maria da Penha. Ermínio, Eli, Lúcia Resende, Mário Márcio e Doralice da Emater. Dona Iêda Melo, seu Élson, César da Farmácia, Regina Argamim, Maria José, Cláudia do Sandro e Marcos. Camilinho. Tela Coelho, Stela Vale Lara e Ana Cláudia. Dona Inácia.

Isso não é simplesmente uma lista de nomes. São alunas que plantam em mim muita memória. Cada palavra escrita no parágrafo anterior foi pronunciada várias vezes em minha vida. Esses nomes com seus especificadores percorreram minha vida afora sempre. Falados e ouvidos, escritos em cartas no Dia dos Pais, no Dia da Mães ou nas capas dos meus cadernos escolares.

Jesus, nome tão bonito e sagrado aos meus ouvidos desde a primeira infância, é nome do filho de Deus, é nome de Deus e é também o nome do meu pai. Conhecido pelas ruas de Resende Costa como Didi do Ribeirão ou Didi Pedreiro, ele é quem me gerou, juntamente com minha mãe. É ele quem desde cedo me deu exemplos de vida, de ho-

nestidade, de atitudes humanas eivadas de amores e furores. Humano, com seus rompantes de braveza e flores de amor, sempre me ensinou a viver com dignidade e respeito.

Laura, nome com aura em si mesmo colocada, uma coroa de vida engendrada sobre mim. Seu útero deu ao mundo dez filhos. Eu, o oitavo embrião vindo dessa mulher amorável e às vezes dura quando necessário. Mulher forte no trato com a vida, como forte sempre foi também meu pai. Os dois progenitores, amando os dois rebentos que se foram muito cedo desta vida, e amando cotidianamente os oito filhos que ainda permanecem na faina de viver. O amor é tanto, que se estende como sombra protetora sobre genros, noras e netos. Amor sem medidas.

O Didi e a Laura, meus pais, de mãos dadas comigo, me ensinando a construir e a tecer vontades de vida plena. O pedreiro e a tecelã, e lições de tecelagem e construção, tessitura e argamassa, sendo aprendidas por mim. A luta para criar os filhos, a perda de dois deles, colchas e casas sendo construídas porque a vida tem urgência de abrigo, calor e carinho. Genitores de amor, braveza, brados e carícias.

Os demais nomes citados também caminharam comigo. Caminharam e caminham. Nos bancos das escolas Estadual Assis Resende e Conjurados Resende Costa, escutei suas vozes, suas broncas, sua paciência cotidiana no ofício de ensinar, de cobrar lições todos os dias, de demonstrar exemplos de competência e ética. Quase nada me sai da lembrança. As orações subordinadas, a tabela periódica, o relevo brasileiro, a ida do homem à Lua, as equações do segundo grau com duas variáveis, a Citologia, a reprodução da vida, a *perestroika* e a *glasnost*, o Capitalismo, o Socialismo, a Guerra Fria. E como era difícil o “*What’s your*

name?” saindo incipiente e torto de nossas bocas aprendizes! O diagrama de Linus Pauling, que não sei se ainda é estudado nas escolas. As palavras denotativas, a sintaxe e o emaranhado de palavras nos livros, em minha cabeça e nas minhas mãos.

A Tia Jusceia e a tia Lúcia do João Bosco me ajudando nos andaimes rudimentares da linguagem. As primeiras letras. As cartilhas pelas quais eu viajava vendo que a ave voa, a ave do Vavau; vendo a vida que ia, a vida escorrendo de alegria e tempo. Tempo de aprender. A cidadezinha sem poluentes. Os desenhos, os textos, o corpo humano em aprendizagem e vivência. A indomável e importante água nos matando a sede e nos fazendo importantes por sabê-la inodora, incolor e insípida. E uma vontade tamanha de dizer às professoras que não era bem isso, que a água tem gosto de água, tem cor de água, tem cheiro de água. Um cheiro de vida e frescor, uma cor de frio gostoso matando a sede, um gosto de felicidade amainando cansaços. E a água da chuva caindo em nossas vidas pelas ruas de Resende Costa.

A Dona Dilma, a Regina Azevedo e o João Bosco do Zé Mendonça. Nossas corridas debaixo de um grande ipê no pátio da escola, as partidas de queimada e a bola girando alta e forte, batendo em nossos braços e pernas com vontade. Minhas chinelas Havaianas esquecidas debaixo da árvore e sumidas para sempre. Isso no tempo em que muitas crianças pouco tinham para vestir e calçar. Os exercícios no pátio, e suor que não acabava mais.

A Tia Turca e o Adenorzinho. Os textos aumentando de tamanho. As aulas de Matemática nos dizendo que na vida as coisas pesam. *A arca de Noé*, de Vinicius de Moraes, me dizendo que a literatura abarca tudo, que todos os animais

e amores do mundo cabem numa arca. E nós somos a arca. Carregamos todas as coisas e todos os afetos do mundo.

A Dona Aleluia com sua voz e letra no quadro nos dando lições de fé, de contenção, de canto para a vida ficar mais bela, mais ritmada.

A Ana do Galo e as mensagens religiosas cheias de esperança.

A Dona Ângela nos passando lições de assepsia, entrando vez em quando em sala para nos ensinar também o que de proveito fosse: escovar os dentes, lavar os cabelos, esfregar o corpo. Tudo para uma vida limpa e saudável.

A Cidinha da dona Nita e os presentes dados ao Elefante Basílio. Aquela história gostosa no quadro, grafada a giz, e todos nós a copiando com afinco, com atenção. E uma vontade imensa de entrar na história de Erico Verissimo, de fazer parte daquela visita ao recém-nascido elefantezinho. E ser o próprio filhote ganhando presentes que não acabassem mais.

A Eleana do Tatita nos pedindo redações sobre Festa Junina e eu escrevendo com satisfação imensa: “A fogueira crepitava no terreiro”. Que palavra linda esta: “crepitar”! Escrevê-la era ouvir a lenha barulhando, bailando de alegria e dor ao som do calor subindo para o céu e iluminando tudo.

A Fatinha Coelho nos ensinando que as vogais se irmanam e formam ditongos e que também brigam e dão vida a hiatos. Mostrando a todos nós a necessária disciplina para ler e escrever, para avançar na vida.

A Myrian do Cassiano nos dizendo de participípios regulares e irregulares. Certa vez ela pediu uma redação sobre o Dia das Mães e escrevi um texto intitulado “Ser mãe

é padecer no paraíso”. Mais ou menos eu tinha roubado isso do Carlos Eduardo Novaes em sua crônica “Ser filho é padecer no purgatório”. Me empolgara com o texto do cronista e já desde aquela época fui intertextualizando com outros autores sem sequer saber o que é intertextualidade. Tão bom fazer as coisas assim, de supetão, sem altas teorias nos guiando a vida!

A Maria Moreira brincando conosco em sala, revisando as classes gramaticais com leveza e alegria. Foi ela quem me emprestou *A carne* de Júlio Ribeiro, e eu fui avançando pelas linhas naturalistas com espanto e prazer. Desde ali já fui vendo que a literatura fala de nós, de nossos desejos, de nossos fantasmas.

O José Antônio e suas aulas de literatura, ensinando-nos a ler poemas, a perceber a beleza do poema “Memória” de Carlos Drummond de Andrade.

A Regininha nos ajudando a adaptar *Em carne viva* para o teatro, levando-nos “Mulheres de Atenas” para ouvirmos, cantarmos e refletirmos com o Chico Buarque.

A Regina Coelho trazendo literatura, nos mostrando o *Morte e vida Severina*, a beleza de *Fogo Morto*, o erotismo das cantigas medievais de amigo; apresentando para nós reflexões sobre nossa língua, a língua que nos constrói. A mesma Regina Coelho me apresentando ao Monteiro Lobato para adultos e à sempre Adélia Prado de minha predileção.

A Elzi nos falando dos Incas, Astecas e Maias, dos *Australopithecus* e *Homo sapiens*, da sociedade agropecuária brasileira, do açúcar no Brasil, e eu me apaixonando pela história de Lampião e Maria Bonita. Vontade de uma saga de amor e fúria, de luta pelos pobres, de amor e de guerra.

A mesma Elzi nos ensinando que a vaca é animal sagrado na Índia e eu insistindo que o boi também deveria ser.

A Alvaír do Vavá nos falando dos pigmeus da África e do processo de independência dos Estados Unidos.

A Maria Lúcia Chaves e a Revolução Francesa ecoando em nossas cabeças. A leitura fascinante de *História da riqueza do homem* de Leo Huberman e um passeio pela decadência do Feudalismo perante as forças da mercancia. Um incômodo na minha cabeça nos estudos sobre a intolerância no mundo. O *Mississipi em chamas*, a Ku Klux Klan, o *apartheid*, a guerra civil espanhola, a dizimação dos índios em toda a América, os campos de concentração na Alemanha. Tudo isso me fazendo concentrar, me fazendo pensar nas peripécias humanas na Terra. Nos encontros e desencontros de nossa espécie.

O Tião Melo e suas apostilas paralelas com mensagens e cálculos e mais cálculos. No livro que usávamos, o nome Benedito Castrucci me fascinava. Com seus dois “cês”, dava imponência aos nós da matemática.

A Dona Maria da Penha. Com seu braço esquerdo virado para trás, a mão esquerda apoiada na região lombar, ela escrevia a giz no quadro com sua mão direita. Falava-nos de conjuntos, logaritmos, potências, matrizes, números inteiros e fracionários. Mas eu gostava mesmo era da Trigonometria. Usando o Teorema de Pitágoras, me imaginava um deus criando prédios cujas sombras se projetavam no chão. Elas desciam fazendo com o solo um elo, um pacto, uma hipotenusa se enraizando na terra firme e forte. Eu era um construtor de habitações, assim como o meu pai.

O Ermínio, hoje padre Ermínio, nos ensinando que o

Brasil tinha muitas riquezas naturais, porém mal distribuídas e mal exploradas.

A Eli nos mostrando que a Terra gira no espaço e que os polos têm atração magnética.

A Lúcia Resende falando de planaltos e planícies, de rios imensos, de faunas e floras a se perderem de vista.

O Mário Márcio, de chinelas e meias nos pés, nos falando de hidrografia, de divisões geopolíticas do mundo, das brigas de interesse pelos bens da vida terrena.

A Doralice da Emater, com suas botas e sua altura imensa (éramos todos adolescentes baixinhos), dizendo das suas terras num sotaque peculiar, da caatinga, da seca atravessando como punhal os sertões brasileiros. Não tinha como não pensar, nas aulas da Doralice, sobre João Cabral de Melo Neto, sobre a faca só lâmina da poesia desse pernambucano.

A Dona Iêda Melo dizendo que toda matéria ocupa lugar no espaço e que a Terra tem camadas cada vez mais profundas.

O seu Élson dando aulas sobre o corpo humano e sexualidade; e a garotada atenta, atenta por demais, olhando para seus corpos sentados nas cadeiras, pensando nas descobertas das próprias geografias que se iam fazendo.

O César da Farmácia e as aulas de reprodução celular, de Citologia e membranas e núcleos. É uma vontade imensa de atingirmos o núcleo da vida!

A Regina Argamim descortinando conosco os reinos *Animalia*, *Plantae*, *Fungi*, *Protista* e *Monera*, e eu me perdendo, tal um cisquinho no mundo, no meio de tanta diversidade de vida.

A Maria José e suas piadas, os gráficos infundáveis da Química, a distribuição de elétrons por camadas que eu nunca via, o balanceamento de equações químicas de que tanto eu gostava.

A Cláudia do Sandro e o estudo do carbono, das ligações do carbono, da vida se formando em todos nós.

O Marcos desbravando a física do mundo, dizendo das leis de Newton e do princípio da conservação da matéria segundo Lavoisier. E eu em suas aulas pensando na eternidade de tudo se transformando, nada acabando nesta vida. “Na Natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”. E eu também lamentando pela lei da gravidade, este apego ao chão que nos arrasta. E o professor nos dizendo que a gravidade é importante, que graças a ela os corpos celestes e nós temos segurança. Atraindo-se, os corpos não vagam a esmo, não se perdem tanto no espaço.

O Camilinho e os desenhos que me davam tanto trabalho. Eu que mal conseguia fazer um gatinho: duas bolas em interseção (eis minha aplicação das lições matemáticas), dispostas uma sobre a outra verticalmente, eram um corpo redondo e desengonçado. A de baixo era mais oval e comprida (o corpo); e a de cima, mais redonda (o rosto felino). Uns risquinhos eram o bigode, duas bolinhas menores eram olhos espertos, uma barrinha vertical compunha o nariz, um parêntese deitado com as pontas para cima fazia as vezes de boca sem dentes e uma cedilha fingia ser o rabinho balançando. E as casas que eu construía?! Mal saía fumaça delas. E eram primárias que só vendo!

A Tela Coelho, a Stela Vale Lara e a Ana Cláudia nos ensinando *Welcome to New York!*; *Good morning, students!*;

We are going to the Statue of Liberty; People in Brazil speak Portuguese... E nossas bocas se esforçando, fazendo pantomimas, aumentando as rugas. Tudo isso no esforço de dizer palavras estrangeiras. Ainda bem que não era francês. Imaginem! Tanto biquinho entortaria ainda mais nossos lábios.

Dona Inácia entrava em sala de aula no papel de orientadora educacional. Dava aulas de como nos organizar na vida estudantil, nos ajudava a preparar os eventos de formatura. E foi com ela que, pela primeira vez na minha vida, ouvi falar do curso de Letras. Decidi, desde então, que esse era o curso que eu faria. Eu caminharia pelas letras.

E hoje, falando por meio das letras, o que digo é gratidão, é carinho por todas e todos os que alimentaram o meu amor pela vida e pelas palavras. É aqui um ato de agradecimento esta crônica. Mesmo que o tempo passe, o inexorável Cronos, a memória persiste firme, tecendo-se e tecendo nossas vidas.



Pra que é que serve uma canção

Ao Padre Zezinho

Nos intervalos das aulas durante o Ensino Médio, ficávamos comedidos, não brincando exatamente como crianças, mas sendo crianças ainda em certos aspectos. Meio infantes e meio adultos. Casais de namorados conversavam com certo receio de ser pegos fazendo algo proibido. Conversas baixas, sussurros ao pé do ouvido, olhares e mãos com sede, mas tudo num fingido recato. Afinal, estávamos numa escola em tempos de maior rigidez. Outros estudantes, ainda não entregues suficientemente e de modo corajoso às ondas inquietas e gostosas do namoro, dialogavam sobre assuntos diversos. Alguns, sobre sua vida estudantil no futuro; outros, sobre as vidas alheias; outros mais diziam de professores e professoras, falando mal e falando bem...

Relutávamos em chamar de recreios a esses intervalos. Alguns de nós os consideravam como tais, e corriam um pouco, mesmo que timidamente, em geral “brincando” de esconde-esconde. Poucos, porém, se davam a esse ludismo. Havia, em nós mesmos, exigências de adultice.

O vice-diretor da escola, muito religioso, achava por bem regar aqueles momentos com canções do padre Zezinho. Muitos colegas meus se irritavam com isso, chegavam mesmo a questionar por que tínhamos que ficar ouvindo aquele tipo de música. A onda era ouvir sertanejo, lambada, axé, *rock* ou outros *hits* dos anos de 1970 e 1980.

Eu particularmente ruminava a bela voz do padre, sua poesia, sua lira alimentando em mim um delírio pelo que é belo e justo, pelo verdadeiro de Deus e humano que habita em nós.

E me chegava a história dos tempos de criança, do menino dizendo do aconchego do seu lar, dos seus pais carentes de escola e de dinheiro. E eu ia escutando o menino já adulto, no seu canto de cotovia, dizendo aos meus ouvidos a verdade de que havia mais gente crendo menos, mas também me dando a certeza inabalável de que no escuro de nós sempre incide uma luz sem fim.

Eu escutava a narrativa dos três magos buscando pelo Rei dos reis recém-nascido, a estrela ímpar brilhando no Oriente. E me apeguei ao enredo de uma criança com caneta e papel na mão, com tarefa escolar para cumprir e perguntando o que era preciso para ser feliz. E o padre respondendo que era só viver como Jesus vivera. O que faríamos, eu me perguntava, para viver como o Filho de Deus? Como eu faria para dormir mais feliz ao fim do dia? As palavras eram lindas na boca do pregador e acariciavam a criança e o adolescente que as ouviam. E o desejo daquele ser infante era o meu próprio desejo.

A mesma voz do padre denunciava as contradições: o povo feliz no Carnaval e milhões de crianças não convidadas para essa festa, milhões de abandonados não protegidos pelo progresso, seres espúrios como fruto incriado, criaturas ao relento num país que jamais repartira seu pão. Em meio à vida árdua, bela e triste, pessoas morrendo por causa dum pouco de terra e comida. O homem matando o homem, poluindo os rios, produzindo lixo nuclear, jogando veneno nos campos, nos rios e no oceano. Não me esqueço da admoestação:

Se o homem morrer, também morrerás!

Também morrerás!

Até hoje ouço e canto “Mãe do Céu morena”. E vislumbro como eu vislumbrava a América Latina de tantas raças, a serena Mãe de Deus caridosamente olhando para nós, tão pequenos e oprimidos. E todo um coral feito de vozes latinas lhe pedindo bênçãos nestas terras novas, invadidas e estupidadas muitas vezes. E uma lição indelével: Nossa Senhora, negra, ensinando-nos a não calar a voz, mostrando-nos que a justiça é fundamental para construirmos um mundo mais irmão.

As canções do padre Zezinho me diziam e me dizem da humana dor. Do mesmo modo me mostravam caminhos para eu buscar um pouco de paz em mim e no mundo. Alumiam-me a fé de que Deus sempre crê em nós. Fui aprendendo com aquelas músicas um pouco de esperança, a crença nas coisas que não se veem e que se sentem. Seus hinos eram e são serenatas de amor a Deus e compaixão para com o homem, eram e são cantos que podem mudar o mundo em nós. O mesmo padre Zezinho se perguntou certa vez: “pra que é que serve uma canção?”. Ele mesmo respondeu e lhe sigo o tom: há uma canção que nos faz celebrar, há outra que ajunta o povo e lhe torna mais fraterno. Por isso, padre amigo, por isso se faz uma canção.



Voltando sempre para casa

O dia amanheceu alegre, a luz entrando pelos poros da existência. Porém eu estava pesado, ansioso, e principalmente com medo. Já tinha conhecido Belo Horizonte havia quase três meses. Fora em dezembro de 1994 a minha ida para a capital, o enfrentamento no vestibular da UFMG, eu pela primeira vez numa cidade grande. As ruas movimentadas, os carros, o barulho, a multidão solitária. Tinha voltado para lá em janeiro de 1995 para fazer a segunda etapa do concurso. Viera por fim a desejada aprovação. O mês de março deste mesmo ano já se aproximava, e a necessidade de ir embora me atravessava com urgência. As aulas da faculdade começariam logo. Um teto a ser arranjado, um emprego a ser procurado e uma adaptação a uma nova vida completamente diferente para garoto de 18 anos que mal conhecia São João del-Rei, e só.

O dia amanheceu, pois. Tomei com meu pai um café, muito amargo pela primeira vez na minha vida. O pai, sempre amoroso mas durão, agora com os olhos úmidos, a voz embargada e surda. Minha mãe continuou em sua cama. Sempre se levantava antes de mim, mas daquela vez ficou deitada evitando despedidas. Fui ao quarto abraçá-la. No berço ao lado, minha maninha com seus 05 anos. Dormia profundamente o anjo, pois ainda não entendia de partidas. Mamãe chorava, soluçava baixinho, os olhos vermelhos. Abracei-a sem deixar que se levantasse.

Depois, pegar o ônibus da Viação Sandra (que passava do lado de fora da nossa casa, pois ainda não tínhamos rodoviária), sentar-me no banco, abrir a janela para a rua em que fui criado, tentar me acalmar – tudo isso foi tarefa difícil, novo caminho pela frente. Uma vida inteira, não abandonada, mas ficando para trás do veículo, servindo de alicerce aos dias vindouros. A base da construção de memórias.

Essa foi a manhã do dia em que saí de casa. E tempos depois, visitou várias vezes a minha mente a canção “No dia em que eu saí de casa”, do gaúcho Joel Marques, um dos grandes compositores da música brasileira e merecedor de aplausos por fazer poesia com as coisas comuns da vida. E as palavras da mãe ao filho reboando nos meus pensamentos:

*Por onde você for eu sigo
Com meu pensamento sempre onde estiver
Em minhas orações eu vou pedir a Deus
Que ilumine os passos seus.*

E depois, do mesmo modo, na cidade grande o sentimento de saudade em mim ressuscitando várias vezes, aquele do qual nos fala Dorival Caymmi em sua também bela canção:

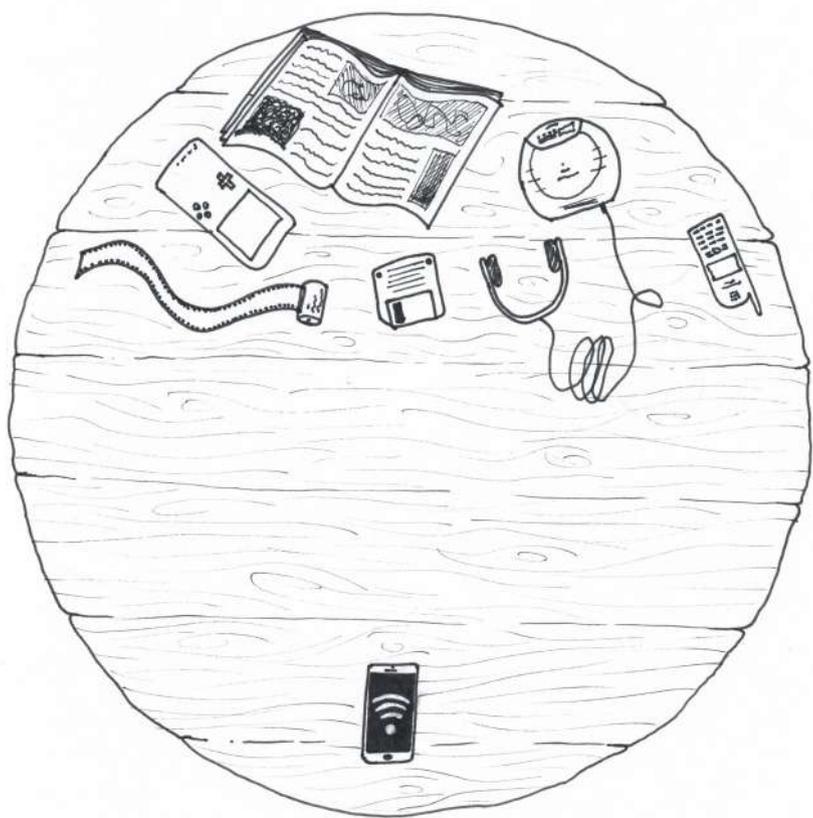
*Ai, ai, que saudade eu tenho da Bahia
Ai, se eu escutasse o que mamãe dizia
“Bem, não vá deixar a sua mãe aflita
A gente faz o que o coração dita
Mas esse mundo é feito de maldade e ilusão.”.*

De maldade e de ilusão o mundo se faz, é fato. Mas também de belezuras, de braços e mãos que se estendem e nos ajudam, de bocas (como a de minha mãe) que oram por nós todo santo dia. E como desconhecer o poder de uma oração? O poder de palavras em sintonia com as forças boas do universo, com as forças de Deus? Com tanta fé e bons desejos direcionados a nós, não há como nos perdermos de todo no vasto mundo.

Porque o mundo é mesmo vasto, infinito em sua finitude. Muitos já disseram isso, inclusive, aqui em Minas, o nosso Carlos Drummond de Andrade. E nossas mães ficam aflitas, sim, quando percebem que seus filhos partem para um mundo pleno de “maldade e ilusão”. E elas oram, rezam, distantes dos seus filhos e filhas, pedindo a Deus ou a algum santo uma ajuda do alto, rogando-lhes que os seus rebentos vivam debaixo da misericórdia celeste. As mães – e também os pais – sofrem. Oram e sofrem. Sofrem por não terem a plena certeza de que serão mesmo ouvidos.

A fé é esse sentimento penoso, porque posto à prova constantemente. Mas é nesse fundamento que nos assentamos, é dele que precisamos, é a partir dele que construímos esta ampla e linda casa que é a nossa vida. Pela fé todos vencem, apesar das coisas ásperas da existência. Vencemos em nossa história, que é tão boa e tão agressiva ao mesmo tempo.

E foi nos braços agressivos e bons da vida que peguei naquele dia a estrada entre as montanhas de Minas. Fui embora da casa de meus pais, dando voltas, perfazendo sinuosidades, mas nunca saindo de lá. Nos volteios inevitáveis, a gente vai indo e vindo, e sempre voltando para casa.



Nós jovens de 20 anos atrás – o tempo não para

Adriano, Ana Paula, Alex, Aline Caldeira, Andreia, Cacá, Clébia, Dinho, Eliane, Evaldo, Ilneia, Júnia, Kely, Listevan, Luciana, Luciene, Paulo Cesar, Regina, Renata, Ricardo, Sônia, Vítor e creio que mais alguns de cujos nomes não me lembro agora. Em dezembro de 1994, estávamos terminando o Ensino Médio, éramos jovens e sonhávamos. Depois de anos de sufoco, de correria com provas e lições infundáveis, e professores tão amigos na faixa do aprender, chegávamos ao fim de uma das etapas de nossas vidas. Era uma das etapas, pois, como já disse o poeta Cazuzza, o tempo não para. E de fato não parou para todos nós que, em dezembro de 2014, vinte anos depois, resolvemos nos encontrar para um festejo.

Rumos diferentes, a maioria com suas famílias constituídas, esposas, esposos, filhos e filhas, mais rugas nas faces nos vinte anos que se passaram e imprimiram suas mãos de tempo que passa e que não para.

Rumos diferentes, pois desde aquela época cada um foi seguindo o seu destino, em outras cidades ou mesmo em Resende Costa. Uns arraigados fisicamente à sua terra natal, outros dela desprendidos por um distanciamento necessário na busca de estudos e empregos em outros sítios. Mas o pertencimento não se mede somente pelo caráter físico da existência. O lugar de que somos nos habita desde sempre ao longo da nossa vida, independentemente dos

nossos deslocamentos, das nossas viagens. Viajando, estamos sempre voltando para casa.

E fizemos mais uma vez essa volta no dia 30 de dezembro de 2014. Um retorno em duplo sentido. Voltamos física e espiritualmente aos jovens que fomos em Resende Costa até meados dos anos 90 do século XX. Meu Deus! Falando assim, ficamos eternos, atravessando séculos, sendo duradouros.

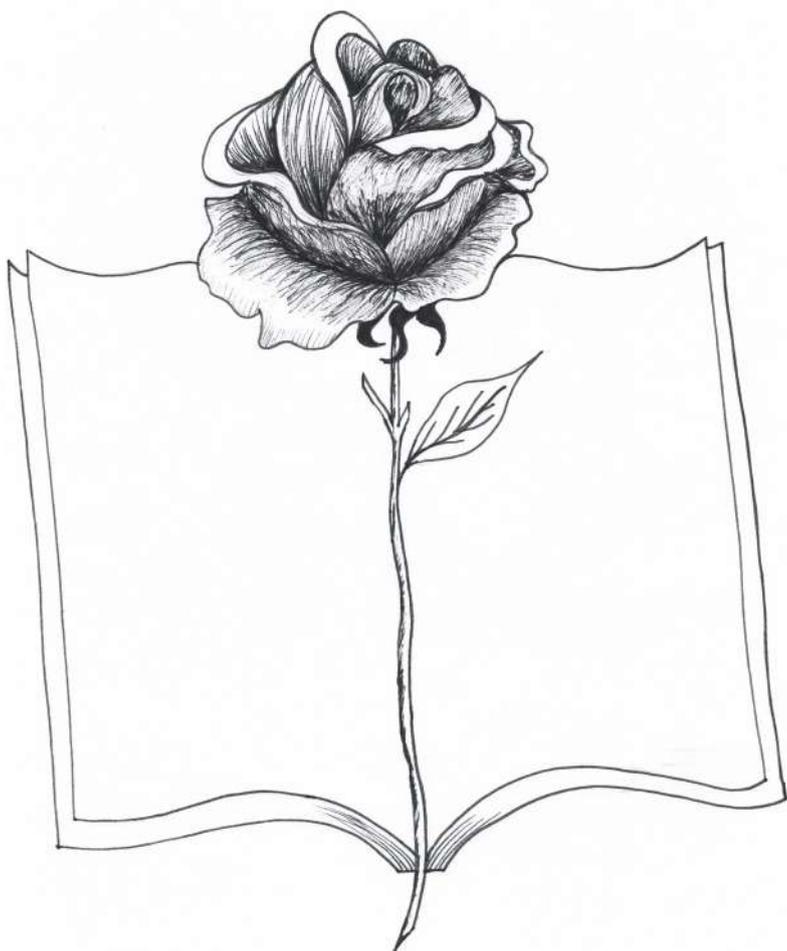
Combinamos pelo *Facebook* esse nosso encontro no Bar da Maura, bem na avenida central da cidade. Fizemos isso para lembrar nossas vidas, nossa comunhão de colegas, de discentes no caminho do saber, de adolescentes nas descobertas e nos desencontros da vida. Pena que nem todos puderam comparecer! Mas os que comparecemos fizemos festa. Mais ou menos entre as 20 horas do dia 30 e as 02 horas do dia 31, sentamo-nos às mesas dispostas em fila na avenida, conversamos, rimos, relembramos fatos e manias, professores saudosos e os que ainda estavam conosco nesta vida mesma. Num certo momento, por acaso, o Tião Melo, ex-professor de praticamente todos nós, passou pelas mesas, conversou, riu e ainda fez piada como frequentemente fazia em suas aulas. E aí nos lembramos das “paralelas” do Tião, aquelas apostilas com exercícios infundáveis, com explicações dos caminhos da Matemática. Foram aparecendo nomes de alguns dos nossos professores, como a Maria José (*in memoriam*), a Maria da Penha, a Regina Coelho, o Mário Márcio, o Marcos, entre outros.

Veza em quando um ou outro dizia “vinte anos já se passaram!!!” e falava isso com orgulho como que dizendo “o tempo é muito, e nele plantamos e colhemos já muita coisa”. Diante de tais comentários, os do entorno davam

um assentimento de bom grado, uma resposta positiva e um olhar cúmplice. Entre copos de cerveja e suco e refrigerante, alternados com um bom papo, cada qual perguntando e sendo perguntado sobre os rumos que as vidas foram tomando, todos nós fomos nos colocando a par dos diferentes destinos, das guinadas que a vida vem dando em nossas vidas.

Vinte anos passados, até o ido ano de 2014, com marcas desse tempo já impressas em todos nós. Se com algumas rugas a mais, se com cabelos brancos despontando ou tintura capilar disfarçando-os numa luta contra o tempo, não importa. Em todos pude ver, se não o mesmo brilho nos olhos, ainda sim um brilho, algo que cintilava em cada olhar, em cada gesto, em cada atitude. Uma alegria danada de viver, de querer a vida.

O tempo não para, e no contínuo movimento do tempo os nossos desejos podem até mudar, mas não deixam de ser desejos. Em todos os meus colegas e amigos, tanto os de 1994 quanto os de 2014, as vidas ainda palpitavam e a vontade de que tudo ainda continuasse por mais vinte anos e outros vinte anos mais era fato. Desejar a vida já é viver. Estamos vivendo, então.



A biblioteca, a rosa e o povo

Em abril de 2018 comemorou-se em Resende Costa o centenário da Biblioteca Municipal Antônio Gonçalves Pinto. Além de premiações, leituras de poesia, exposição de livros, coquetel, entre outras atividades, o evento contou com a fala da professora Regina Coelho, que, citando Mário Quintana, arrazoou sobre as transformações que os livros podem promover nas pessoas.

A nossa biblioteca municipal nasceu em 1918 com a doação do acervo particular de Antônio Gonçalves Pinto. A atitude altruísta do resende-costense fez surgir um espaço que, antes móvel pela cidade, ganhou desde 2008 uma sede definitiva, inaugurada pelo ex-prefeito Gilberto Pinto no Mirante das Lajes de Cima. Nesse espaço alto da cidade, aberto para o horizonte como a dizer mesmo da leitura, o ato de ler nos convida para a expansão vital. Somente quem lê de fato sabe o que são as asas de uma liberdade intelectual e estética que somente os livros podem proporcionar.

Diante das apresentações do ato comemorativo, meus pensamentos foram “voando” para diversas memórias de leitura e de vida. Foram fazendo conexões, *links* como se diz hoje em dia. Foram se desdobrando em raízes diversas para vários lados, em caules rizomáticos, galhos cruzando-se, folhas e pétalas diversas.

Foi nessa mesma biblioteca, agora uma *persona* centenária, que eu peguei emprestado *A rosa do povo*, de Carlos

Drummond de Andrade. Isso, lá no final do ano de 1994. Esse livro foi muito especial na minha formação de leitor e escritor. Era a primeira edição, datada de 1945, que 49 anos depois de impressa vinha parar nas minhas mãos leitoras. Uma relíquia!

A capa da brochura era um limiar que fazia convites imensos: sobre o fundo de um salmão discreto, palavras negras se destacavam; o nome do autor bailava no topo; abaixo do título, a palavra “poesia” avisava ao leitor sobre o gênero que seria lido; a casa editora José Olympio grafava-se em escrita cursiva na base. Os atrativos dessa soleira não paravam aí. No centro da capa, avultava uma flor gigante, crescida até as alturas, medrada do chão difícil da vida desse *homo sapiens, politicus* e *socialis*. Na base da rosa, pessoas de cabeças erguidas, num clamor reunido em comuna, olhares levantados para a vida vegetal e obstinada. O título da obra, cursivo, destacava-se em vermelho sobre a cor salmão: o sangue escorrendo, o grito rubro do povo.

Foi para o vestibular que visitei o Drummond naqueles dias. E não o li por obrigação. Antes aceitei de bom grado o convite feito pela universidade em seu processo seletivo e mais que tudo feito pelo próprio livro de autor que então eu conhecia pouco, só de ter lido alguns poemas em livros didáticos.

Mergulhei nos poemas de *A rosa do povo* durante dias. E até hoje não me esqueço do “Canto ao homem do povo Charlie Chaplin”, em que li o silêncio do ator que valia por mil palavras, onde vi os gestos, vi os olhares e até mesmo as palavras do Carlito com sua poderosa voz humana:

Poder da voz humana inventando

[novos vocábulos e dando sopro aos exaustos.

*Dignidade da boca, aberta em ira justa e amor profundo,
crispação do ser humano, árvore irritada,
[contra a miséria e a fúria dos ditadores [...]*

E o poema de Drummond cumpria o seu papel estético, político e humano de me transformar, de me educar pela beleza da poesia. Beleza que está nos livros e que posso acionar quando queira, quando meus pés e mãos passeiam por bibliotecas e meus olhos se põem a namorar lombadas e páginas inteiras.

Ideia puxa ideia. No tributo à biblioteca municipal de Resende Costa, também pensei no livro *O nome da rosa* de Umberto Eco. Aquele em que se fala da biblioteca medieval de um mosteiro beneditino, a qual mantinha em segredo obras não aceitas em consenso pela igreja cristã da Idade Média. As páginas dos livros proibidos continham veneno que fazia morrer quem os lia. O autor dos envenenamentos sabia muito bem do infinito poder das palavras e, por isso, desencadeou as sucessivas mortes de monges que buscavam as leituras interditas.

Nós, no entanto, não morremos nas leituras. Muito pelo contrário: crescemos como a rosa de Drummond. Lendo, navegamos horizontes amplos, ganhamos poder de asas para ir além do chão que nos prende. E com olhos aquilinos enxergamos, povo insubmisso, mais longe. Vemos dum mirante alto, dum mirante atento e vívido.

O pescador de lembranças

No profundo romance *Uma fenda na muralha*, o escritor português Alves Redol escreveu que “se no Mar um homem matasse peixe como as palavras puxam lembranças, o Mar ficaria vazio em poucos meses”. Não sou matador de peixes, mas luto sim com palavras para puxar lembranças. É uma luta amorosa e dura a que faço. Tudo o que digo não se conclui, nunca termina. E assim vou vivendo entre palavras e palavras mais.

Pois não há como fugir das palavras. Quero tocar as coisas, e não consigo. Tenho só palavras. Temos só palavras, principalmente as poéticas, para tentarmos dar conta do que não se consegue na vida, sobretudo da eternidade. Por isso fazemos representações literárias. Construções metafóricas de Deus, da vida, enfim de tudo o que existe e do que se imagina. Esbarramos sempre na impossibilidade de falarmos de nós mesmos. Então falamos de tudo. No fundo mesmo, todavia, buscamos falar é da gente. Estamos sempre lá, entre as palavras, mesmo que por detrás de máscaras. E, mascarados, vivemos a vida, entre palavras, lembranças e sonhos.

Eis a superfície da mesa que pesco com meus olhos. Eis a cadeira vazia da minha presença. Eis as cortinas por fechar e abrir, a brisa calma lá de fora da nossa casa. Eis a nossa casa mesma e tudo o que nela existe. Eis a rua e os seus passantes, as pessoas outras, os animais, as plantas com

sua vontade de movimento e vida... Eis tudo isso que cai na rede de nossas mãos copiosas no buscar rastros do que se viveu, passos do que se vive. E sempre tecendo, as nossas mãos rendeiras vão tramando redes para futuras pescarias. E vão sempre esperando que chegue o Filho do Homem com suas promessas de peixes, o ar benfazejo soprando das águas da vida.

Isto aqui, o que urdo, não tem nenhuma pretensão grandiosa. Não sou o poeta promovendo um Cântico dos cânticos. Não sou o rapsodo proclamando o Poema dos poemas. Os traços que vou arquitetando são meros traços. Riscos pretos em pauta branca, página que se abre à minha frente como se abre a neblina do tempo para os longes que vão se formando e se distanciando à medida que o tempo passa.

E a neblina, não obstante seja densa, permite aos meus olhos a (re)visão de muitas coisas, de pessoas, de fatos. Visões e revisões que se transformam, que se curvam e mudam de forma, mutantes. Assim mesmo como um pauzinho imerso n'água nos apresenta sua pontinha curva que, na verdade, é reta. Tudo é filtrado por espelhos, tudo ao contrário e a mesma coisa.

Não são apenas contos de fado o que conto. Mas o que traço são pinturas amorosas por mãos de memorioso, de um que memória e que o faz com amor. De tanto memoriar amorosamente, posso-me sim dizer memorioso, o pleno de passados, vividos e revisados.

Não quero e não posso, portanto, compor a Memória das memórias. Assim vou tecendo recordações diversas, pequenas, várias. Minhas mãos são meu coração. E meus dedos se emaranham em pedaços de retalho para a com-

posição duma colcha que não se finda. Pequenas falas, as minhas. Homílias que tentam alcançar a grandeza da vida. Alocuções conscientes de que tal grandeza é inalcançável e de que nos resta apenas viver a vida. Cada momento eterno e mutável em nossa memória.

Sem nenhuma vaidade, então, vou ciscando as páginas ofertadas a mim pela existência real e concreta. Vou ciscando-as tal qual uma galinha esperta indaga o terreiro vasto. Vou remexendo detritos para vasculhar e retercer o passado, que é tão e sempre presente. Tão e sempre diverso de mim e igual a mim mesmo.

Resgato e reconstruo tudo como se redimem pecadores das profundezas do inferno na mitologia cristã ou como se libertam mortos dos mundos subterrâneos em outras mitologias.

Faço, portanto, como todo ser humano fez e faz: construo narrativas para poder me salvar, para nos amparar a todos de tempo e traça. Faço isso para defender a própria traça, transformando-a também num traço.

Tudo são memórias de memórias mais. Tudo isso que aqui se verbaliza e se busca arrematar. Mas não alcanço arremate de nada. A vida nunca termina, é eterna. Nada se conclui, tudo prossegue. Pesco nas águas da vida, retiro delas com afinco as ondas que nos perfazem. Apanho dessas águas, sempre. Tento arditosamente conseguir rever os passados, e sempre estou imerso num tempo sem fim.

S O B R E O A U T O R
E O I L U S T R A D O R

ÉVALDO BALBINO

nasceu em Resende Costa em 1976, MG, e vive desde 1995 em Belo Horizonte. É licenciado em Letras, mestre em Literatura Brasileira e doutor em Literatura Comparada pela UFMG, onde é professor e pesquisador. Realizou Pós-doutorado em Estudos Literários na USP em 2017. É membro da Academia de Letras de São João del-Rei.

Já recebeu 26 distinções literárias, destacando-se: 3º lugar em poesia no Concurso Edital Estímulo às Artes em 2005 (Associação Pró-Cultura Palácio das Artes / Suplemento Literário de Minas Gerais); Troféu MG Cultura em 2013 (Jornal MG Turismo); Prêmio Nacional Academia de Letras da Bahia em 2012; 3º lugar em romance no 1º Prêmio Saraiva de Literatura em 2014 (editora Saraiva); Prêmio Humberto de Campos em 2014 (UBE-RJ); Menção Honrosa no Prêmio Stella Leonardos em 2019 (UBE-RJ); Finalista do Prêmio Guarulhos de Literatura em 2020; Menção Honrosa no 5º Festival de Poesia de Lisboa em 2020.

Publica mensalmente crônicas no Jornal das Lajes e no jornal literário Linguagem Viva. Participa de 21 antologias pelo Brasil e de uma em francês. É autor dos livros: *Moinho* (1ª ed. em 2006, 2ª ed. em 2021 – poesias), *Móviles de areia* (2012 – crônicas), *Filhos da pedra* (2012 – poesias), *Amores oblíquos* (2013 – contos), *Os fios de Ícaro* (2015 – romance), *Apesar das coisas ásperas* (2016 – crônicas), *Fantasma de Joana d'Arc* (2017 – poesias), *Inscrição no deserto* (2020 – poesias) e *Lições de cigarra* (2021 – poesia infantojuvenil).

Site do autor:
www.evaldobalbino.com.br

ELIMAR DO CARMO

é arquiteto urbanista por formação, designer gráfico e ilustrador. Já atuou como desenhista voluntário do Jornal das Lajes, ilustrando crônicas de autores locais e temas gerais. Desde sua infância, é fascinado pela possibilidade de criar algo novo e de poder mostrá-lo ao mundo por meio de traços feitos em uma folha de papel. Cada ilustração contida neste livro objetivou demonstrar a percepção da história e o cenário que se formou na imaginação do ilustrador ao ler as crônicas.

C R É D I T O S

**Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
(CEFET-MG)**

Diretor-Geral

Prof. Flávio Antônio dos Santos

Vice-Diretora

Prof.^a. Maria Celeste Monteiro de Souza Costa

Chefe de Gabinete

Prof.^a. Carla Simone Chamon

Diretor de Educação Profissional e Tecnológica

Prof. Sérgio Roberto Gomide Filho

Diretora de Graduação

Prof.^a. Danielle Marra de Freitas Silva Azevedo

Diretor de Pesquisa e Pós-Graduação

Prof. Conrado de Souza Rodrigues

Diretor de Planejamento e Gestão

Prof. Moacir Felizardo de França Filho

Diretor de Extensão e Desenvolvimento Comunitário

Prof. Flávio Luis Cardeal Pádua

Diretor de Governança e Desenvolvimento Institucional

Prof. Henrique Elias Borges

Diretor de Tecnologia da Informação

Prof. Gray Faria Moita

Bacharelado em Letras - Tecnologias de Edição

Coordenadora

Prof.^a. Joelma Rezende Xavier

Coordenador Adjunto

Prof. José de Souza Muniz Jr.

LED é a editora-laboratório do Bacharelado em Letras - Tecnologias de Edição do CEFET-MG. Tem por objetivo proporcionar ao corpo discente um espaço permanente de reflexão e experiência para a prática profissional em edição de diversos materiais. Tem como princípios fundadores: a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; a integração entre formação teórica e formação prática; e a valorização do aprendizado horizontal e autônomo.

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
Av. Amazonas, 5.253, Nova Suíça
Campus I, sala 344
Belo Horizonte, MG, Brasil, CEP 30.421-169
Telefone: +55 (31) 3319-7140

Coordenador

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

Vice-coordenador

Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira

Comissão Editorial

Prof^ª. Dr^ª. Ana Elisa Ribeiro
Prof^ª. Dr^ª. Elaine Amélia Martins
Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.
Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira
Prof^ª. Dr^ª. Maria do Rosário Alves Pereira
Prof. Dr. Rogério Silva Barbosa
Prof. Dr. Wagner Moreira

Conselho Editorial

Prof^ª. Dr^ª. Ana Cláudia Gruszynski (UFRGS, Brasil)
Prof^ª. Dr^ª. Andréa Borges Leão (UFC, Brasil)
Prof. Dr. Cleber Araújo Cabral (Uninter, Brasil)
Prof^ª. Dr^ª. Daniela Szpilbarg (CIS-IDES-CONICET, Argentina)
Prof^ª. Dr^ª. Isabel Travancas (UFRJ, Brasil)
Prof^ª. Dr^ª. Luciana Salazar Salgado (UFSCar, Brasil)
Prof. Dr. Luis Alberto Ferreira Brandão Santos (UFMG, Brasil)
Prof^ª. Dr^ª. Marília de Araújo Barcellos (UFSM, Brasil)
Prof. Dr. Mário Alex Rosa (CEFET-MG, Brasil)

Editora parceira:

Academia de Letras de São João del-Rei

Praça Frei Orlando, 90 / Fundos Bairro: Centro Cidade: São João del-Rei CEP: 36.307-352

Projeto: “Geografia entre Brumas”

Coordenação e Supervisão Técnica

Elaine Amélia Martins

José de Souza Muniz Jr.

Preparação de Originais e Revisão

Anna Luíza Viera de Menezes

Joana Gonçalves Coelho Silva

Murilo Vale Valente

Stephanny Santos

Projeto Gráfico

Claudine Campos

Gabriela Moraes

Graziele Oliveira

Murilo Vale Valente

Capa, Diagramação e Tratamento de Imagens

Murilo Vale Valente

Revisão de Provas

Mônica Baêta Neves Pereira Diniz

Murilo Vale Valente

Ilustrações em Nanquim

Elimar do Carmo

Balbino, Evaldo.

B172g Geografia entre brumas / Evaldo Balbino, ilustração de Elimar do Carmo. - Belo Horizonte: LED - Editora-laboratório do Bacharelado em Letras Tecnologias de Edição do CEFET-MG; São João Del-Rei: Academia de Letras de São João Del-Rei, 2022.

191 p. : il.

ISBN 978-65-87948-16-4

I. Crônicas – Brasil. 2. Literatura Brasileira. 3. Infância. I. Balbino, Evaldo. II. Carmo, Elimar do. III. Título.

CDU: 82-31(81)

Livro produzido por estudantes de
Letras do CEFET-MG. Foram usadas
as fontes *Electra LT Std* e *Great Vibes*.
Finalizado em fevereiro de 2022.

Ea dança seguiu os seus passos, como a água leva detritos. A casa nova. A rua descalça. O barranco de lixo queimando-se, que dava acesso à nossa rua. As poucas e olheiras casas. As pessoas tomando fresca à noite e falando da vida alheia. Os casais de namorados e seus desejos quentes e irrefutáveis. A menina brincando com os cachorros e gatos na rua, todos alegres ou tristes, alternadamente, e sendo uma coisa só, bonita de se ver. A vida dançando como se deve.

Da crônica “Êxodo”

ISBN: 978-65-87948-16-4



9 786587 948164